

um mistério psicológico de chloe fine—livro 3

b e c o
s e m
s a í d a

blake pierce





b e c o s e m s a í d a

(um mistério psicológico de Chloe Fine—livro
3)

b l a k e p i e r c e

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do *best-seller* RILEY PAGE, série de mistérios, que conta com quinze livros (e continua crescendo). Blake Pierce também é autor da série de mistérios MACKENZIE WHITE, de treze livros (que também continua crescendo); da série de mistérios AVERY BLACK, de seis livros, da série de mistérios KERI LOCKE, de cinco livros, da série de mistérios O INÍCIO DE RILEY PAIGE, de quatro livros (que continua crescendo); da série de mistérios KATE WISE, de cinco livros (que também segue crescendo); da série de suspense psicológico CHLOE FINE, de cinco livros (que segue crescendo); e da série de suspenses psicológicos JESSIE HUNT, de cinco livros, que continua crescendo.

SEM PISTAS, primeiro livro da série Riley Page, ANTES QUE ELE MATE, primeiro livro da série Mackenzie White, RAZÃO PARA MATAR, primeiro livro da série Avery Black, RASTRO DE MORTE, primeiro livro da série KERI LOCKE, e ALVOS A ABATER, primeiro livro da série O Início de Riley Paige, estão todos disponíveis para download gratuito na Google Play!

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de mistério e suspense, Blake ama ouvir opiniões. Então, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e manter-se em contato.

Copyright © 2018 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este e-book está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este e-book e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright robsonphoto, usada sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

A CASA PERFEITA (Livro #3)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

BECO SEM SAÍDA (Livro #3)

VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)

VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEUS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

PRÓLOGO

Jerry Hilyard estacionou sua Mercedes Benz na garagem logo após a uma hora da tarde no domingo e deu um largo sorriso. Não havia nada melhor do que ter seu próprio negócio e ser rico o suficiente para encerrar o expediente quando bem entendesse.

Jerry estava ansioso para ver o olhar surpreso de sua esposa quando ele contasse a ela que a levaria para um almoço surpresa. Ele queria ter levado sua mulher para um café da manhã, mas sabia que Lauren ainda estaria de ressaca pela noite anterior. Ela havia ficado fora de casa até tarde, por motivos que ele ainda não entendia, na reunião de vinte anos de formatura de sua turma de ensino médio. Até a hora do almoço, ela já estaria melhor—talvez até pronta para tomar um ou dois drinks com ele.

Jerry sorriu ao pensar na boa notícia que daria à esposa: estava planejando férias de duas semanas na Grécia. Apenas os dois, sem os filhos. Eles iriam no mês seguinte.

Caminhou até a porta, com sua maleta na mão, animado pela tarde que teria pela frente. Encontrou a porta trancada, algo que não era incomum. Sua esposa nunca fora das mais corajosas, mesmo morando em um bom bairro como aquele.

Ao abrir a porta, entrar na cozinha e servir a si mesmo uma taça de vinho, ele percebeu que não estava ouvindo o barulho da televisão vindo do quarto. A casa estava em silêncio, exatamente como quando ele saía. Talvez sua esposa ainda estivesse de ressaca.

Imaginou como teria sido o encontro da noite anterior. Lauren não tinha falado sobre isso de manhã. Jerry fizera parte da mesma turma, mas odiava aquele tipo de coisa sentimental e sem noção como encontros de ensino médio. Aquilo era, para ele, somente uma desculpa para que os colegas se juntassem dez ou vinte anos depois para ver quem estava se dando melhor do que os outros. Mas as amigas de Lauren haviam a convencido de ir, e ela estivera muito animada para ver algumas de suas antigas colegas. Pelo menos parecia. A quantidade de álcool ingerida por ela na noite anterior poderia ser um indicativo de que a noite não tinha sido tão fácil.

Era isso o que Jerry estava pensando ao subir as escadas em direção ao quarto. Mas, perto da porta, ele parou.

Tudo estava muito quieto.

Claro, o silêncio seria normal se Lauren estivesse de fato dormindo e não estivesse assistindo uma de suas séries bobas na Netflix. Mas aquele era um silêncio diferente... uma falta total de movimento que não parecia normal. Era um silêncio que ele podia ouvir—um silêncio que ele podia literalmente *sentir*.

Tem algo errado, pensou.

Era um pensamento assustador, mas ainda assim, Jerry seguiu rapidamente em direção à porta. Ele precisava saber, precisava ter certeza...

Certeza do quê?

De cara, tudo o que ele viu foi o vermelho. Nos lençóis, nas paredes, um vermelho escuro e grosso, quase preto em algumas partes.

Um grito surgiu instantaneamente, vindo do pulmão e saindo por sua boca. Ele não sabia se deveria correr até ela ou descer as escadas para pegar o telefone.

Por fim, não fez nenhuma das duas coisas. Suas pernas amoleceram e, gritando, ele caiu no chão, onde deu socos fortes para tentar entender a cena terrível em sua frente.

CAPÍTULO UM

Chloe focou e forçou sua visão para mirar a arma e atirou.

O recuo foi fraco, e a luz da explosão algo quase pacífico. Ela respirou fundo e atirou novamente. Era fácil, algo natural para ela agora.

Ela não podia ver o alvo no outro lado, mas sabia que tinha dado dois bons tiros. Estava tendo boas sensações daquele tipo ultimamente. Essa era uma das razões pelas quais ela sabia que estava melhorando como agente. Estava mais confortável com a arma, e sabia exatamente o que fazer na hora de apertar o gatilho. No passado, ia ao centro de tiros apenas para estudar, para melhorar. Mas agora, ela gostava de estar ali. Havia liberdade naquilo, um alívio estranho que sentia ao atirar, mesmo em um alvo de papel.

Só Deus sabia o quanto ela andava precisando daquilo.

As duas últimas semanas vinham sendo muito paradas no trabalho, deixando Chloe sem muito o que fazer além de ajudar outros agentes com pesquisas e busca de dados. Ela quase fora chamada para ajudar uma equipe com um caso pequeno de pirataria e havia se animado muito com aquilo, o que a fez perceber o quanto as coisas andavam devagar ultimamente.

Por isso Chloe havia ido ao centro de tiros. Não era necessariamente a maneira ideal de passar o tempo, mas ela sabia que precisava praticar. Mesmo tendo estado entre os melhores de sua turma durante o período na academia, ter saído da equipe de Evidências para o Programa de Crimes Violentos a fizera perceber que ela nunca estivera entre as melhores quando se tratava de atirar.

Ao atirar várias vezes em um alvo a quase cem metros, Chloe entendeu porque aquilo atraía as pessoas. Você ficava absolutamente sozinho, apenas com sua arma e um alvo ao longe. Havia algo de “zen” naquilo, no foco e na intenção por trás dele. E então vinha o barulho do tiro no espaço aberto. A única coisa que Chloe sempre levava de suas idas ao centro de tiros era como a relação entre um corpo humano e uma arma de fogo podia ser

fluida. Quando mirada, sua Glock parecia ser uma extensão de seu braço, algo que ela podia controlar com a mente, assim como controlava seus dedos ou braços. Aquele era um alerta de como a arma deveria ser utilizada apenas quando absolutamente necessário, porque quando você é treinado para usá-la, pode se tornar natural *demais* apertar o gatilho.

Quando terminou a sessão, Chloe recolheu seus alvos e analisou os resultados. Ela havia acertado um número surpreendente de tiros no centro do alvo, mas alguns haviam desviado, acertando a beirada do papel.

Tirou algumas fotos dos alvos com o telefone e fez algumas anotações, para que pudesse melhorar na próxima vez. Então, jogou os papéis fora e saiu. No caminho, teve outra sensação que imaginou ser comum a quem passava bons momentos no centro de tiros. A sensação de ter sentido vários recuos no punho era algo peculiar e, ao mesmo tempo, prazeroso de uma maneira que ela não conseguia descrever.

Ao chegar ao hall, viu um rosto familiar na porta. Era Kyle Moulton, o homem que fora colocado como seu parceiro, mas que ela não havia visto muito nas últimas semanas por conta da falta de trabalho. Chloe teve um momento de “pânico juvenil” quando Moulton sorriu para ela.

- Agente Fine – ele disse, em um tom quase sarcástico. Eles se conheciam bem o suficiente para ignorar o *Agente* e utilizar só os primeiros nomes. Na verdade, Chloe estava certa de que havia alguma tensão romântica rolando entre eles. Ela tinha sentido aquilo desde o começo, desde a primeira vez que o vira até quando eles tinham resolvido seu primeiro caso juntos, três meses antes.

- Agente Moulton – ela respondeu.

- Descarregando as energias ou só passando tempo? – Moulton perguntou.

- Um pouco dos dois – ela disse. – Só estou me sentindo meio inquieta ultimamente, sabe?

- Sei. Ficar atrás de uma mesa também não dá certo para mim. Mas... bem, eu não sabia que você frequentava o centro de tiros.

- Só estou tentando manter a forma.

- Entendi – ele disse, sorrindo.

O silêncio que se fez entre eles era algo típico, ao qual Chloe já estava se acostumando. Ela odiava sentir-se tão convencida, mas estava certa de que ele estava sentindo o mesmo que ela. Era algo evidente nos olhares que eles trocavam e no jeito que Moulton evitava olhá-la nos olhos por mais de três segundos—como agora, naquele momento, enquanto estavam parados perto da porta.

- Olha só – Moulton disse. – Pode parecer estúpido ou até ousado, mas estava pensando se você não gostaria de jantar comigo hoje. Tipo, não como parceiros de trabalho.

Chloe não conseguiu esconder o sorriso em seu rosto. Ela queria dizer algo sarcástico em resposta. Talvez um clichê como “já era hora”, ou algo do tipo.

No entanto, acabou respondendo algo muito mais seguro e sincero.

- Sim, acho que eu iria gostar.

- Sendo sincero, eu queria chamar você para sair há algum tempo, mas... bem, nunca tínhamos tempo. Mas essas últimas semanas foram bem paradas.

- Fico feliz por você finalmente ter me chamado.

O silêncio pairou entre eles novamente e, dessa vez, ele conseguiu olhar nos olhos dela. Por um momento, Chloe teve certeza de que ele iria beijá-la. Mas o momento passou e ele apontou com a cabeça em direção à porta.

- É melhor eu ir – Moulton disse. – Me ligue mais tarde para me dizer onde você gostaria de comer.

- Vou ligar.

Chloe ficou parada ali por um momento, olhando a sua volta. Assim como todo início de relacionamento, aquilo fora estranho. A sensação era a mesma de uma pré-adolescente quando descobria que um garoto bonito estava olhando para ela. Chloe sentiu-se totalmente ingênua e juvenil, e então saiu o mais rápido possível.

Já eram quase cinco da tarde e, sem nada programado, Chloe simplesmente decidiu ir para casa. Não faria sentido voltar para seu pequeno cubículo apenas para ver os últimos quinze minutos passarem. Pensando em tempo, ela se deu conta de que não teria muito tempo para se arrumar para o jantar com Moulton. Não tinha ideia de que horas ele gostaria de sair, mas imaginou que seria por

volta das sete—o que lhe daria apenas um pouco mais de duas horas para decidir onde comer e o que vestir.

Chloe apressou-se pelo estacionamento e entrou em seu carro. Ali, novamente sentiu-se como uma garotinha. E se eles acabassem indo para o carro dela? Era ruim pensar que ela não o limpava desde que terminara com Steven. E ao pensar em Steven, percebeu que ele era o motivo de ter se sentido tão estranha ao flertar novamente. Ela havia tido apenas um relacionamento sério antes de Steven, e depois os dois tinham namorado por quatro anos antes do noivado. Chloe não era muito acostumada a paquerar, e para ela aquilo parecia um pouco antiquado e, na verdade, um pouco assustador.

Fez o possível para manter-se calma no caminho de quinze minutos até seu apartamento. Não tinha ideia do histórico de relacionamentos de Kyle Moulton. Ele poderia ter uma história parecida com a dela. Claro, a julgar por sua aparência, ela duvidava que fosse o caso. Na verdade, baseando-se na aparência, ela não tinha ideia do porque ele estava interessado nela.

Talvez ele goste de garotas com passados ruins e tendência a se jogar de cara no trabalho, pensou. Os caras acham isso sexy hoje em dia, né?

Ao chegar a sua rua, Chloe conseguiu acalmar-se um pouco. A ansiedade estava, aos poucos, se tornando animação. Já faziam sete meses que ela havia terminado com Steven. Já eram sete meses sem beijar um homem, sem fazer sexo, sem...

Não vamos nos apressar, disse a si mesma ao estacionar o carro no fim da rua.

Chloe saiu do carro, tentando pensar no que tinha em seu guarda-roupas que fosse bacana, mas não tanto. Ela tinha poucas ideias do que usar, e poucas ideias de lugares onde eles poderiam ir. Fazia tempo que não comia pratos japoneses, e talvez sushi fosse o ideal para aquela—

Ao chegar à entrada de seu prédio, viu um homem parado no último degrau. Ele parecia bastante entediado, com a cabeça encostada em uma das mãos enquanto mexia no celular com a outra.

Chloe caminhou um pouco mais devagar e então parou completamente. Ela conhecia aquele homem. Mas não era possível que ele estivesse ali, sentado na entrada do prédio dela.

Não pode ser...

Deu mais um passo à frente. O homem finalmente lhe viu. Eles se olharam e, então, o coração de Chloe disparou.

O homem parado ali era Aiden Fine—seu pai.

CAPÍTULO DOIS

- Ei, Chloe.

Ele estava tentando parecer normal. Estava tentando fazer daquele momento algo totalmente normal, como se não houvesse nada estranho no fato dele estar ali, parado em frente ao prédio. Ignorando o fato de que ele estivera preso por quase vinte e três anos, condenado por fazer parte do assassinato da mãe de Chloe. Claro, as descobertas recentes que ela mesmo havia encontrado mostravam que ele era basicamente inocente daquelas acusações, mas para Chloe, aquele homem seria sempre culpado.

Porém, ao mesmo tempo, ela sentiu uma pequena vontade de ir até ele. Talvez até abraçá-lo. Não havia como negar que vê-lo ali, em liberdade, fez com que ela sentisse uma tempestade de emoções.

Mas Chloe não ousou dar um passo à frente. Ela não confiava nele e, pior do que isso, não confiava totalmente em si mesma.

- O que você está fazendo aqui? – ela perguntou.

- Só quis passar para te visitar – Aiden respondeu, levantando-se.

Um milhão de perguntas passaram por sua cabeça. A principal delas era como ele tinha descoberto onde ela morava. Mas Chloe sabia que qualquer pessoa determinada e com conexão à internet poderia descobrir. Então, tentou ser educada, sem parecer convidativa.

- Há quanto tempo você saiu? – ela perguntou.

- Uma semana e meia. Tive que preparar meus nervos para vir te ver.

Chloe lembrou-se da ligação que havia feito para o Diretor Johnson, quando descobrira a última evidência, dois meses antes—evidência que aparentemente tinha sido mais do que suficiente para livrar seu pai. E agora ele estava ali. Por causa do esforço dela. Chloe perguntou-se se ele sabia o que ela tinha feito por ele.

- É exatamente por isso que eu esperei – ele disse. – Esse... esse silêncio entre nós. É estranho, injusto e...

- Injusto? Pai, você ficou preso na maior parte da minha vida... por um crime que agora eu sei que você não era culpado, mas que

você não se importou de assumir. Sim, vai ser estranho. E pelo motivo da sua prisão e pela nossa última conversa, espero que você entenda se eu não for até você dançando e jogando pétalas de rosa.

- Eu entendo perfeitamente. Mas... nós perdemos muita coisa. Você pode não sentir isso ainda, sendo tão jovem. Mas esses anos que eu perdi na prisão, sabendo tudo o que sacrifiquei... momentos com você e Danielle... minha própria vida...

- Você sacrificou isso tudo por Ruthanne Carwile – Chloe disse. – Foi escolha sua.

- Foi. E esse é um arrependimento com o qual eu tive que viver pelos últimos vinte e três anos.

- Então, o que você quer? – Chloe perguntou.

Chloe caminhou e passou por Aiden, em direção à porta. Precisou de mais força de vontade do que imaginou para passar tão perto dele.

- Eu esperava que pudéssemos jantar.

- Simples assim?

- Temos que começar de algum jeito, Chloe.

- Não, na verdade não. – ela abriu a porta e virou-se, olhando nos olhos dele pela primeira vez. Seu estômago estava cheio de nós e ela fez o possível para não chorar na frente dele. – Preciso que você vá embora. E, por favor, não volte.

Aiden parecia realmente triste, mas seus olhos não desviaram dos dela.

- Você quer isso mesmo?

Chloe queria dizer sim, mas o que saiu da sua boca foi:

- Não sei.

- Me diga se você mudar de ideia. Estou morando em—

- Não quero saber – ela interrompeu. – Se eu quiser falar com você, vou te encontrar.

Aiden sorriu discretamente, mas havia dor em sua expressão.

- Ah, tudo bem. Você trabalha no FBI agora.

E o que aconteceu com você e minha mãe foi o que me levou por esse caminho, ela pensou.

- Tchau, pai – Chloe disse, e entrou pela porta.

Lá dentro, com a porta já fechada, ela não se importou em olhar para trás. Seguiu para o elevador o mais rápido possível sem

parecer que estava com pressa. Quando as portas do elevador se fecharam e ele começou a subir, Chloe colocou as mãos no rosto e começou a chorar.

Chloe entrou em seu closet, pensamento seriamente em ligar para Moulton e dizer a ele que não poderia sair para jantar. Ela não contaria a ele os reais motivos—que seu pai tinha saído da prisão depois de passar vinte e três anos lá e que de repente havia aparecido em sua casa. Ele não entenderia muito bem, certo?

Mas ela decidiu que não deixaria seu pai estragar sua vida. A sombra dele já havia lhe perseguido demais. E mesmo algo pequeno como cancelar um encontro por conta da visita seria dar muita importância a ele.

Chloe ligou para Moulton e, ao ouvir a caixa de mensagens, sugeriu um lugar para a janta. Depois, tomou um banho rápido e se arrumou. Ao colocar suas calças, o telefone tocou. Ela viu o nome de Moulton na tela e sua mente logo pensou nos piores cenários.

Ele mudou de ideia. Está ligando para cancelar.

Acreditou nessa possibilidade até o momento em que atendeu.

- Alô?

- Então, japonês é uma boa – Moulton disse. – Mas eu não faço isso sempre, e faltaram alguns detalhes que eu não sei resolver sozinho. Não sei se te busco, se nos encontramos lá ou...

- Me busque, se você puder – ela disse, novamente pensando em seu carro sujo. – Tem um restaurante bem bom perto daqui.

- Tudo bem – ele disse. – Até logo então.

...Eu não faço isso sempre. Mesmo com ele admitindo, Chloe ainda achou difícil acreditar.

Ela terminou de se arrumar, mexeu um pouco no cabelo e esperou pela batida na porta.

Talvez vai ser seu pai de novo, disse a si mesma. Ainda que, sendo honesta consigo mesma, ela sabia que não era sua própria voz quem estava falando. Era a voz de Danielle, condescendente e confiante.

Será que ela sabe que ele está livre? Chloe pensou. *Meu Deus, ela vai ficar muito furiosa.*

Mas ela não tinha tempo para pensar naquilo agora. Logo depois, escutou uma batida na porta. Por um momento paralisante, teve certeza de que seria seu pai. O pensamento a fez congelar por um segundo, sem querer atender. Mas então, lembrou-se do quão desconfortável – assim como ela – Moulton estivera no centro de tiros, e deu-se conta do quanto queria vê-lo—especialmente depois de tudo o que acontecera nas últimas horas.

Ela atendeu a porta, com seu melhor sorriso. Moulton também sorria. Talvez fosse porque eles quase nunca se viam fora do trabalho, mas Chloe achou o sorriso dele muito sensual. Também ajudou o fato de que a roupa escolhida por ele—uma camisa de botão e uma bela calça jeans—o deixava incrivelmente bonito.

- Pronta? – Moulton disse.

- Claro – ela respondeu.

Chloe fechou a porta e eles seguiram pelo corredor. Mais uma vez, houve um silêncio perfeito entre eles, aquele mesmo que fazia ela querer ir adiante. Mesmo que fosse algo simples e inocente como ele segurando na mão dela... Chloe precisava de algo.

E foi justamente aquela necessidade por um simples contato humano que mostrou a Chloe o quanto ela estava mexida com a aparição de seu pai.

Só vai piorar agora que ele saiu da cadeia, ela pensou quando os dois pegaram o elevador.

Mas ela não deixaria seu pai arruinar seu encontro.

Eliminou todos os pensamentos sobre ele de sua mente quando ela e Moulton sentiram o ar quente da noite. E, para sua surpresa, a tentativa deu certo.

Por um tempo.

CAPÍTULO TRÊS

O restaurante japonês que Chloe escolhera era do estilo *hibachi*, com grandes fogões abertos, que permitiam que as pessoas sentassem em volta e assistissem aos cozinheiros fazendo sua arte. Chloe e Moulton escolheram uma mesa em uma área mais quieta e privada do restaurante. Quando eles se sentaram, ela ficou feliz ao perceber que estava se sentindo bem ao lado dele. Além da atração física, ela tinha gostado de Moulton desde o primeiro momento em que o conhecera. Ele fora uma luz em sua vida no dia que ela fora trocada da Equipe de Evidências para o Programa de Crimes Violentos. E agora ele estava ali, ainda tornando melhores momentos difíceis de sua vida.

Chloe não queria estragar a noite com aquele tipo de conversa, mas sabia que se não tirasse aquilo do peito, seria uma distração desnecessária.

- Então – Moulton disse, abrindo seu cardápio. – Não foi estranho eu ter te chamado para sair?

- Depende para quem você perguntar – ela respondeu. – O Diretor Johnson pode achar que essa não é a melhor ideia. Mas, sendo sincera – ela disse, - eu estava esperando você me convidar.

- Ah, então você é tradicionalista? Você não me chamaria? Teria que esperar eu te chamar?

- Não é ser tradicionalista, é só estar assustada com as relações passadas. À propósito, acho que é melhor eu te contar. Até uns sete meses atrás, eu estava noiva.

O susto na expressão de Moulton foi apenas momentâneo. Felizmente, Chloe não encontrou medo ou estranheza nele. Antes que ele pudesse responder, a garçonete apareceu para anotar os pedidos de bebidas. Os dois pediram Sapporo rapidamente, para não deixar a conversa esfriar.

- Posso perguntar por que não deu certo? – Moulton perguntou.

- É uma longa história. A versão resumida é que o cara era mimado e não conseguia se separar da sombra da família dele—da mãe dele, principalmente. E quando eu vi uma carreira no FBI na minha frente, me esperando, ele não deu muito apoio. Ele também não me dava apoio com meus problemas familiares...

Chloe então se deu conta de que Moulton provavelmente sabia algo sobre seu histórico familiar. Quando ela fora a fundo na história no fim de seu treinamento, soube muito bem que a história havia corrido pelos corredores da Academia.

- Sim, eu ouvi alguma coisa por aí...

Ele não disse mais nada. Chloe entendeu que, se quisesse falar mais sobre aquilo, ele escutaria. Mas se ela não quisesse falar, ele também entenderia. E naquele momento, com tantas coisas na mente, ela percebeu que seria agora ou nunca. *Não faz sentido esperar*, pensou.

- Eu acho que devo deixar os detalhes para outro dia, mas devo te dizer que vi meu pai hoje.

- Então ele está em liberdade?

- Sim. E acho que principalmente por conta de descobertas que eu tive sobre a morte da minha mãe nos últimos meses.

Moulton levou um momento para pensar no que iria dizer. Ele, como Chloe, tomou um gole de sua cerveja como método para ganhar tempo. Ao largar o copo, respondeu da melhor maneira possível.

- Você está bem?

- Acho que sim. Mas foi totalmente inesperado.

- Chloe, nós não precisávamos sair hoje. Eu teria entendido se você tivesse cancelado.

- Eu quase cancelei. Mas não vi motivo para deixar ele controlar mais uma parte da minha vida.

Moulton assentiu e os dois ficaram em silêncio enquanto olhavam o cardápio. O silêncio seguiu até que a garçonete voltasse para anotar os pedidos. Quando ela terminou, Moulton inclinou-se levemente na mesa e perguntou:

- Você quer falar sobre isso ou devemos ignorar o assunto?

- Sabe, eu acho que devemos ignorar por enquanto. Só quero que você saiba que pode ter alguns momentos da noite que eu vou estar um pouco distraída.

Ele sorriu e levantou-se da cadeira.

- Tudo bem. Mas deixe-me tentar algo, se você quiser.

- O que?

Moulton deu um passo em direção a Chloe, abaixou-se, e a beijou. Ela recuou a princípio, sem saber o que estava acontecendo. Mas quando percebeu o que ele queria, deixou acontecer. Não só isso, retribuiu o beijo. Foi leve, mas suficiente para que ela soubesse que ele estava pensando naquilo há tanto tempo quanto ela.

Moulton parou o beijo antes que os dois ficassem desconfortáveis. Afinal de contas, eles estavam em um restaurante, rodeados por outras pessoas. E Chloe nunca fora do tipo que gostava de demonstrações públicas de afeto.

- Não é uma reclamação – ela disse, - mas o que foi isso?

- Duas coisas. Foi eu sendo corajoso... algo que eu raramente consigo ser com uma mulher. E também foi eu te dando outra distração... espero que possa ajudar você a se distrair da situação com seu pai.

Com sua cabeça viajando um pouco e o calor irradiando por seu corpo inteiro, Chloe suspirou.

- É, acho que ajudou sim.

- Que bom – ele disse. – Além disso, acho que isso também acaba com aquela besteira de *será que nós vamos nos beijar no fim do encontro*.

- Ah, depois disso, acho que vamos – ela respondeu.

E, como Moulton esperava, os pensamentos sobre seu pai de repente ficaram muito distantes.

O jantar foi muito melhor do que Chloe estava esperando. Depois de falarem sobre a visita de seu pai e do beijo inesperado de Moulton, tudo correu muito bem. Eles conversaram sobre o aprendizado no FBI, música, filmes, habilidades e contaram histórias do período na Academia, além de seus interesses e hobbies. Tudo foi muito natural, de uma maneira que Chloe não esperava.

Tristemente, aquilo a fez desejar ter se separado de Steven antes. Se aquilo era o que ela tinha perdido por ficar tanto tempo insistindo com ele, ela tinha perdido muita coisa.

Eles terminaram de comer, mas ficaram ali para tomar mais alguns drinks. Moulton mais uma vez mostrou cuidado e afeto ao parar no segundo drink, enquanto Chloe pediu o terceiro. Ele inclusive perguntou se ela se sentiria mais confortável pedindo um táxi do que andando com ele ao volante.

Moulton a levou de volta para o apartamento, deixando-a na calçada depois da dez. Chloe não estava bêbada, mas tinha bebido o suficiente para imaginar outras formas de se entreter com ele.

- Foi uma noite ótima – Moulton disse. – Quero repetir logo se você não achar que isso vai nos atrapalhar no trabalho.

- Eu também. Obrigada por me convidar.

- Obrigado por aceitar.

Mesmo sabendo que não era uma mestre na arte da sedução, Chloe inclinou-se e o beijou. Assim como o beijo no restaurante, esse começou devagar, mas depois esquentou. A mão dele repente estava no rosto dela, correndo por sua nuca e a puxando para perto. O apoio de braço do banco estava entre eles, e ela mexeu-se para fazer com que sua mão encontrasse o peito de Moulton.

Ela não sabia quanto o beijo tinha durado. Foi devagar e romântico. Quando se separaram, Chloe encontrou-se quase sem ar.

- Então, já falamos que eu não tive muitos encontros na vida – ela disse. – Então, se eu fizer algo errado na próxima parte, você vai ter que me desculpar.

- Que parte?

Chloe hesitou por um momento, mas os três drinks ajudaram.

- Quero te chamar pra entrar. Eu poderia dizer que seria para um café ou mais um drink, mas seria mentira.

Moulton pareceu verdadeiramente surpreso. Foi um olhar que a fez imaginar se ele tinha entendido bem.

- Tem certeza? – ele perguntou.

- Não falei direito – ela disse, envergonhada. – O que eu quis dizer é que... eu gostaria de beijar você sem esse apoio de banco atrapalhando. Mas eu não... não vou dormir com você.

Mesmo com pouca luz, ela pode ver o rosto dele ficando vermelho.

- Eu jamais esperaria isso de você.

Ela assentiu, um pouco envergonhada.

- Então... você quer entrar?

- Quero, quero muito.

Então, ele a beijou. Dessa vez, de um jeito mais brincalhão. Durante o beijo, ele bateu no apoio de braço com o cotovelo.

Ela interrompeu o beijo e abriu a porta. Enquanto caminhavam até o prédio, Chloe não conseguiu se lembrar da última vez em que se sentira tão... tão *nas nuvens*.

Nas nuvens, ela pensou, sorrindo. Era uma expressão que Danielle usara certa vez para explicar a sensação física de um orgasmo. A lembrança fez com que Chloe de repente se sentisse quente, pegando nas mãos de Moulton quando eles entraram no prédio.

Eles tomaram o elevador e, quando as portas se fecharam, Chloe surpreendeu a si mesma pressionando-o contra as paredes do elevador e o beijando. Agora conseguindo colocar as mãos nele, ela o segurou pela cintura e o puxou para perto dela. O beijo seguinte foi muito mais apaixonado, dando uma dica do que ela gostaria de fazer com ele naquela hora.

Ele estava ansioso, e suas mãos encontraram as costas dela. Quando Moulton a pressionou para mais perto dele e os corpos se encontraram, Chloe ofegou. Ela se sentiu um pouco envergonhada.

O elevador parou e Chloe se afastou. Ela podia imaginar o olhar das pessoas do prédio se flagrassem os dois se beijando no elevador. Ficou aliviada ao ver que Moulton também parecia em êxtase e estava respirando fundo.

Ela o levou pelo corredor, passando por quatro portas até seu apartamento. Então, deu-se conta de que, além de Danielle, Moulton seria a primeira pessoa a visitar sua casa.

Que pena que eu não pretendo perder tempo mostrando o apartamento, pensou.

Aquele pensamento também a fez sentir-se um pouco envergonhada. Ela nunca tinha sentido uma necessidade física parecida com um homem. Depois de um tempo, sexo havia se tornado algo protocolar com Steven. E, sendo sincera consigo mesma, Chloe sabia que poucas vezes se satisfazia com ele. Por

conta disso, ela não tinha muito desejo de ter momento íntimos com ele.

Ela destrancou a porta e entrou. Acendeu a luz da cozinha e largou sua bolsa em uma das banquetas.

- Quanto tempo você mora aqui? – Moulton perguntou.

- Seis meses, por aí. Não costumo ter muita companhia.

Moulton aproximou-se de Chloe e colocou uma mão na cintura dela. Eles se beijaram devagar. Alguns momentos depois, ele gentilmente a pressionou contra o balcão e o beijo ficou mais quente. Chloe sentiu o ar indo embora novamente, sentindo um desejo que não sentia desde seus primeiros momentos de intimidade com um garoto, ainda no ensino médio.

Ela interrompeu o beijo e o levou para o sofá, onde eles se sentaram um ao lado do outro para então continuar. Era bom estar com um homem daquela maneira, especialmente com alguém que a fazia se sentir muito bem. Se contasse a parte de sua relação com Steven onde a intimidade já havia praticamente desaparecido, Chloe já não era beijada e tocada por um homem daquele jeito há mais de um ano e meio.

De repente, depois do que pareceram meros segundos, mas na verdade foram mais de cinco minutos, Chloe inclinou-se em direção a Moulton, que foi obrigado a se deitar. Chloe subiu nele e, então, uma das mãos de Moulton encontrou suas costas. Aquela sensação de pele na pele levou Chloe a um outro patamar. Ela suspirou e ele respondeu correndo suas mãos pelas costas dela até encontrar o sutiã.

Chloe sentou-se em cima dele e sorriu. Ela parecia estar nas nuvens e cada músculo do seu corpo queria mais.

- Eu falei a verdade – ela disse, quase que se desculpando. – Não posso dormir com você. Não tão cedo. Eu sei que pode parecer coisa de velho...

- Chloe, tudo bem. Me diga quando quiser parar e tudo certo. Me diga quando eu passar do limite.

Ela sorriu para ele. Aquela resposta quase a fez mudar de ideia. Mas Chloe tinha uma forte sensação de que não deveria se apressar. Estar sentada em cima dele no sofá já estava a levando aos limites.

- Vai ser difícil pedir para parar – ela disse. – Eu seria muito idiota se te pedisse para ficar? Sem sexo, mas tipo... de fato *dormir* aqui?

A pergunta pareceu surpreendê-lo. Chloe se deu conta de que de fato era uma proposta estranha.

E você sabe por que está pedindo isso? Era a voz de Danielle em sua mente, sempre falsa, mas ajudando ao mesmo tempo. *É porque o pai apareceu hoje e estragou seu mundo. Você quer Moulton aqui para não ficar sozinha hoje.*

- Desculpe – ela disse. – Eu sei que é estranho, idiota e—

- Não, tudo bem – Moulton disse. – Tudo bem por mim, mas eu tenho uma condição.

- Qual?

- Mais beijos, por favor – ele disse, sorrindo.

Chloe retribuiu o sorriso e fez o que Moulton pediu.

Chloe acordou algum tempo depois para deixar Moulton sair do sofá. Ela levantou um braço. Tinha tirado a camisa durante os beijos, mas isso fora o máximo. Fora estranho dormir no sofá de calças, mas Chloe estava estranhamente orgulhosa por não ter passado dos limites. Ela olhou para o relógio e viu que eram 5:10 da manhã.

- Tudo bem com você? – ela perguntou.

- Sim – Moulton respondeu. – Eu só... me senti estranho dormindo aqui. Não queria que fosse estranho de manhã. Acho que é melhor eu ir. Mas pelo menos não tem aquela sensação estranha de depois do sexo.

- Talvez esse fosse meu plano o tempo todo – ela brincou.

- Devo sair correndo e fingir que nada aconteceu? – Moulton perguntou.

- Eu gostaria que você ficasse. Vou fazer café.

- É?

- Sim. Eu gostaria bastante, na verdade.

Chloe vestiu sua camisa e seguiu para a cozinha. Ela começou a preparar o café enquanto Moulton vestia sua camisa.

- Então, é quinta – ele disse. – Não sei porque, mas parece sábado.

- Talvez porque o que nós fizemos ontem geralmente acontece na sexta? Um jeito de começar o fim de semana?

- Não sei – ele disse. – Não tenho feito essas coisas ultimamente.

- Uhun, sei – ela disse, ao ligar a cafeteira.

- É verdade. Desde o primeiro ano do ensino médio, acho. Foi um bom ano para mim em termos de pegação sem sexo.

- Bom, pelo jeito você não desaprendeu. Ontem à noite foi... bom, muito mais do que eu estava esperando quando você me buscou.

- Para mim também.

- Mas estou feliz por ter acontecido – Chloe acrescentou. – Tudo.

- Que bom. Talvez possamos repetir. Fim de semana, quem sabe?

- Quem sabe – ela disse. – Mas meus limites já estão se enfraquecendo.

- Talvez esse fosse o *meu* plano o tempo todo – Moulton disse, sorrindo.

Chloe ficou vermelha e desviou o olhar. Ela estava um pouco surpresa pelo quanto estava gostando da companhia dele.

- Olha – ela disse, - preciso tomar um banho. Você pode pegar qualquer coisa na geladeira se quiser tomar um café da manhã. Mas não tenho muita coisa.

- Obrigado – Moulton disse, sem conseguir tirar os olhos dela.

Chloe o deixou na cozinha e seguiu para o quarto, que conectava-se com o grande banheiro. Ela tirou a roupa, ligou a água e entrou no chuveiro. Riu ao lembrar-se de como tinha sido a noite. Havia se sentido como uma adolescente, gostando de ter Moulton ali e sentindo-se confortável o suficiente, sabendo que ele não se apressaria querendo sexo. Fora uma noite romântica de um jeito estranho, com dois momentos em que ela quase desistira da ideia de não dormir com ele. Sorrindo de um jeito que não estava acostumada, Chloe secretamente desejou que Moulton entrasse no banheiro e se juntasse a ela no banho.

Se ele fizer isso, vou jogar minhas restrições pela janela, pensou.

Ela estava quase saindo do banho quando de fato escutou Moulton entrando no banheiro.

Antes tarde do que nunca, pensou. Seu corpo inteiro ficou tenso de excitação, e ela mal podia esperar para que ele entrasse no

banho.

- Ei, Chloe?

- Sim? – ela respondeu, querendo provocar.

- Seu telefone acabou de tocar. Talvez eu tenha sido intrometido, mas... eu olhei. Era do FBI.

- Sério? Será que aconteceu algo?

Então, ela ouviu o toque de outro celular. Esse estava mais perto, provavelmente nas mãos de Moulton. Chloe colocou a cabeça para fora do box, puxando levemente a cortina. Eles se olharam antes que Moulton atendesse.

- Moulton falando – ele disse, ao dar um passo atrás para sair do banheiro e entrar no quarto.

Então, Chloe desligou a água. Ela pegou uma toalha e saiu, sorrindo ironicamente ao perceber que ele a viu rapidamente jogando a toalha em volta do corpo. O fato deles terem se beijado muito pela última hora e meia não significava que ela gostaria que ele a visse totalmente nua.

Não houve muita conversa para ouvir. Chloe só conseguiu escutar Moulton dizendo “tudo bem, sim senhor” algumas vezes.

Enrolada na toalha que cobria todas suas partes secretas, Chloe perguntou:

- Quem era?

- Era o Diretor Assistente Garcia. Ele disse que tentou te ligar, mas você deveria estar dormindo. – Moulton sorriu e então continuou. – Ele disse que eu deveria te ligar ou passar na sua casa para te acordar. Tem um caso nos esperando.

Chloe riu ao sair do banheiro e entrar no quarto.

- Você acha que a noite passada vai mudar a forma como trabalhamos juntos?

- Pode fazer com que eu invada seu quarto de hotel depois do trabalho. Mas além disso... não sei. Vamos ver.

- Você faria um café para mim? Preciso me vestir.

- Eu queria saber se posso usar seu banheiro.

- Claro. Acho que seria melhor se você tivesse pedido dez minutos atrás, quando eu ainda estava lá.

- Vou fazer melhor da próxima vez – ele disse.

Quando Moulton foi para o banho, Chloe começou a se vestir e deu-se conta de que estava feliz. *Muito* feliz, na verdade. Um novo caso tinha aparecido depois de tudo o que acontecera na noite anterior... pelo jeito a aparição surpreendente de seu pai não havia lhe atrapalhado em nada.

Mas se a vida em uma família com uma história tão estranha tinha lhe ensinado algo, era que você nunca consegue se livrar completamente. Em algum momento, os fantasmas vão voltar a lhe atormentar.

CAPÍTULO QUATRO

Praticamente no mesmo momento em que Chloe estava se lembrando como era se perder nos braços de um homem, sua irmã estava em meio a um pesadelo.

Danielle Fine estava sonhando com sua mãe novamente. Era um sonho recorrente, que ela tinha desde os doze anos—e que parecia ter diferentes significados em cada fase de sua vida. O sonho era sempre o mesmo, sem mudanças nos detalhes ou na história.

Nesse sonho, sua mãe a perseguia por um longo corredor. Mas era a versão de sua mãe que Danielle e Chloe haviam visto naquele dia trágico, quando crianças. Sangrando, com os olhos arregalados, sem vida. Por algum motivo, no sonho ela sempre tinha quebrado uma perna na queda (ainda que nenhum relatório oficial mostrasse nada disso). Então, a versão de sua mãe no sonho arrastava-se no chão atrás de sua filha.

Mesmo com a perna quebrada, sua mãe morta estava sempre de salto alto, a apenas alguns metros de segurar o tornozelo de Danielle e puxá-la para o chão. Ela corria com medo, com os olhos fitando o fim do corredor. E lá, parado na porta que parecia estar a um universo de distância, estava seu pai.

Ele sempre estava ajoelhado, com os braços abertos e um sorriso enorme no rosto. Mas havia sangue pingando das mãos dele e, no momento de pânico do sonho que sempre a acordava, Danielle parava de correr, sem saída entre sua mãe morta e seu pai maníaco, sem saber qual direção era a mais segura.

Não foi diferente daquela vez. O sonho terminou sem conclusão, acordando Danielle. Ela sentou na cama devagar, acostumada com o sonho a ponto de já saber do que se tratava antes mesmo de acordar completamente. Ainda grogue, olhou o relógio e viu que eram apenas 11:30. Ela tinha pegado no sono apenas uma hora antes do sonho começar.

Voltou a se deitar, sabendo que demoraria para conseguir dormir novamente. Espantou o sonho, da maneira que havia aprendido muitos anos antes, lembrando a si mesma de que não poderia ter feito nada para salvar sua mãe da morte. Mesmo se tivesse falado sobre todos os pequenos segredos de coisas que tinha visto e

experimentado com relação à personalidade tóxica de seu pai, nada do que ela dissesse teria deixado sua mãe viva.

Danielle virou-se e olhou para o criado-mudo. Quase pegou seu celular para ligar para Chloe. Fazia três semanas que elas não se falavam. A última conversa fora tensa e estranha, por culpa dela. Danielle sabia que vinha projetando muita negatividade para Chloe, principalmente porque sua irmã não odiava seu pai com a mesma angústia que ela. Danielle era quem havia telefonado três semanas antes, percebendo que Chloe estava esperando por uma atitude da irmã, já que a última conversa não tinha sido nada boa—Danielle havia praticamente dito a irmã que não a procurasse.

Mas ela não conhecia a rotina de Chloe. Não tinha ideia se 11:30 era muito tarde. Na verdade, Danielle vinha tendo problemas para dormir antes da duas da manhã ultimamente. Aquela era uma rara noite em que ela não precisava estar no *lounge* e também não precisaria assinar e nem aprovar nada no bar que seu namorado havia comprado para ela.

Rapidamente, Danielle espantou os pensamentos sobre trabalho da mente para tentar dormir. Se começasse a pensar em trabalho e em tudo o que estava acontecendo, jamais conseguiria voltar a pegar no sono.

Mais uma vez, pensou em Chloe. Imaginou que tipo de sonhos e pesadelos sua irmã tinha com seus pais. Perguntou-se se ela ainda estava insistindo na ideia de conseguir a liberdade de seu pai e, se sim, se ela havia feito algo sobre aquilo.

Eventualmente, pegou novamente no sono. O último pensamento de Danielle foi sobre sua irmã. Pensou em Chloe e perguntou-se se finalmente era hora de perdoar e esquecer—de fazer com que as memórias de seu pai parassem de impedir uma relação saudável com a irmã.

Ficou feliz ao perceber o quão feliz aquele pensamento lhe fez... tão feliz que, ao pegar no sono novamente, havia traços de um sorriso tímido em seu rosto.

A jovem bartender que fora contratada em seu lugar fez sucesso rapidamente. Ela tinha vinte anos, era linda e especialista em ler homens bêbados. Já que a nova funcionária estava indo tão bem, Danielle podia encontrar seu namorado e os contratantes no local que seria seu próprio pub e restaurante em cerca de um mês e meio.

Naquele dia, havia pessoas mexendo na ventilação do local, assim como outras colocando painéis na sala dos fundos, que serviria como uma sala reservada para festas maiores. Quando chegou ao lugar, Danielle viu que seu namorado estava discutindo um contrato com um eletricista. Eles estavam sentados em uma das mesas que haviam chegado recentemente—uma entre as três que Danielle precisaria escolher para ter em seu restaurante.

Seu namorado a viu entrando. Ele rapidamente disse algo ao eletricista e veio na direção dela. O nome dele era Sam Dekker, e mesmo não sendo necessariamente o homem mais honesto ou inteligente, ele compensava com uma aparência interessante e um belo faro para negócios. Ele era cerca de 20 centímetros mais alto que Danielle e, para beijá-la, precisava se abaixar um pouco.

- Pronta para trabalhar – ela disse. – O que eu posso fazer hoje?

Sam encolheu os ombros, olhando em volta pelo local com uma expressão quase teatral.

- Sinceramente, acho que não tem muita coisa para você fazer. Está tudo começando a se ajustar. Eu sei que pode parecer bobo, mas talvez você possa começar a olhar o catálogo de bebidas e ver quais marcas você vai querer servir. Veja também onde você vai querer colocar as caixas de som, coisas assim. Esse tipo de coisa acaba ficando para trás e depois aparece como urgência na última hora.

- Posso fazer isso – Danielle disse, um pouco decepcionada.

Havia dias em que ela ia até a reforma e sentia que Sam estava na verdade somente a entretendo—dando a ela tarefas bobas enquanto ele cuidava das coisas importantes. Ela se sentia diminuída às vezes, mas precisava lembrar a si mesma que Sam sabia o que estava fazendo. Ele já tinha aberto três bares que estavam indo muito bem, sendo que um deles tinha sido vendido

para uma grande empresa nacional no ano anterior, por mais de dez milhões de dólares.

E agora ele tinha decidido ajudá-la em seu próprio empreendimento. Ele havia precisado convencê-la do negócio. Insistira que ela tinha o que era preciso para gerenciar um lugar como aquele, mas apenas depois que tudo já estivesse no lugar.

A maioria das garotas que namoram caras semirricos ganham joias e carros, ela pensou ao caminhar para a área onde seria o lounge. Eu... ganhei um bar. Nada mal, eu acho.

Danielle sentia-se um pouco deslocada sempre que pensava no que viria pela frente. Ela seria de fato responsável por um estabelecimento. Controlaria tudo e tomaria decisões. Havia uma responsabilidade grande nisso. Ela sentia que a oportunidade fora dada a ela apenas porque tinha começado a namorar um cara que sabia como abrir negócios. Por conta disso, estava ciente de que precisaria sacrificar muitas coisas e simplesmente deixar Sam fazer outras. Ela nunca questionava as noites em que ele chegava tarde, sempre dizendo que estava em reuniões com contratantes, negociando com eles. Ela havia participado de algumas daquelas reuniões, então sabia que ele falava a verdade—na maioria das vezes.

Ela também sentia que precisava mostrar sua gratidão sempre que possível. Isso significava não importunar quando ficava dias sem vê-lo. Significava não reclamar tanto quando ele queria algumas coisas na cama. Significava não se irritar por, apesar dele ter comprado um bar e confiado nela para dirigi-lo, nunca ter mencionado a palavra casamento. Danielle tinha certeza de que Sam não tinha intenção de se casar. E, por ora, ela estava de bem com a ideia, então não tinha motivos para reclamar.

Além disso... do que ela poderia reclamar? Finalmente, tinha conhecido um cara que a tratava com dignidade—quando estava por perto—e estava no caminho para facilmente chegar ao sucesso.

É porque a maioria das coisas que parecem boa demais para ser verdade, geralmente são, pensou.

Ao chegar à sala onde seria o *lounge*, Danielle pôs sua digital no celular. Ela fez anotações de onde as caixas de som poderiam ficar e anotou também que seria bom colocar uma janela na parede dos

fundos. Era fazendo coisas assim que ela via o sonho se tornando realidade. De alguma maneira, aquilo tudo estava acontecendo para ela.

- Ei...

Ela virou-se e viu Sam parado na porta. Ele estava sorrindo e olhando para ela com uma expressão que geralmente significava que ele estava com vontade de algo a mais.

- Ei, você – Danielle respondeu.

- Eu sei que isso pode te decepcionar – ele disse. – Mas sério... nas próximas semanas, tudo o que vou precisar de você vão ser algumas assinaturas.

- Você está me fazendo trabalhar muito – ela brincou.

- Eu sinceramente esperava que o treinamento com a nova funcionária do bar demorasse mais. Não é minha culpa que nós acabamos contratando um gênio na arte de ser bartender. – Sam aproximou-se de Danielle e a segurou pela cintura. Ela olhou para cima, nos olhos dele, e como sempre, sentiu-se segura por um motivo estranho: aquilo a fazia sentir que ele estaria sempre olhando por ela.

- Vamos almoçar mais tarde – Sam disse. – Algo simples. Pizza e cerveja.

- Pode ser.

- E amanhã... o que você acha de irmos a algum lugar. Uma praia... South Carolina ou algo assim.

- Sério? Parece algo espontâneo e exagerado com todo esse trabalho que temos por aqui. Em outras palavras.. foi você mesmo que disse isso?

- Eu sei. Mas eu ando tão focado nesse projeto... Percebi que ando dando pouca atenção para você. Então quero me desculpar.

- Sam, você está me dando meu próprio negócio. É mais do que suficiente.

- Tudo bem. Vou ser egoísta nisso então. Quero fugir de tudo isso aqui e ficar pelado e sozinho com você perto do mar. Melhor?

- Na verdade, sim.

- Que bom. Então vá até o bar, veja como anda a novata. Vou te buscar para o almoço perto do meio dia.

Danielle deu um beijo em Sam e, mesmo vendo que ele estava com pressa, tudo o que ele acabara de dizer mexeu com ela. Ela sabia que, para ele, era difícil ser emotivo e sincero. Raramente Danielle via aquele lado do namorado e por isso, quando ele demonstrava algo, ela preferia não questionar.

Ela caminhou pelos espaços quase todos abertos do prédio antigo que logo seria seu bar-restaurante-lounge. Era difícil ver o local como sendo dela, apesar de ser, de fato.

Quando saiu, Danielle viu que o sol estava mais forte do que quando entrara. Ela sorriu, tentando entender tudo o que sua vida havia se tornado. Pensou novamente em Chloe e decidiu ligar para a irmã nos próximos dias. Todo o resto de sua vida estava indo bem, então seria bom tentar ajustar sua relação tensa entre as duas.

Ela entrou no carro e seguiu para o outro bar de Sam—o bar que havia a contratado para trabalhar lá, seis meses antes. Estava tão distraída com a ideia de viajar com ele no final de semana que não percebeu o carro parado no lado da rua aproximando-se atrás dela.

Se tivesse percebido, poderia ter reconhecido o motorista, mesmo estando há muito tempo sem vê-lo.

Ainda assim, uma filha nunca esqueceria o rosto de um pai.

CAPÍTULO CINCO

Quando Chloe e Moulton chegaram no escritório de Garcia, o Diretor Johnson já estava lá, esperando por eles. Parecia que ele e Garcia estavam olhando os arquivos do caso. Garcia tinha alguns abertos na tela de seu computador, enquanto Johnson tinha uma pequena pilha de impressões nas mãos.

- Obrigado por virem tão rápido – Johnson disse. – Temos um caso em Virginia—numa cidade pequena do outro lado de Fredericksburg, num bairro rico. E eu devo começar dizendo que a família da vítima tem amigos políticos muito poderosos. Por isso fomos chamados. Bom, por isso e pela natureza grotesca da morte.

Ao sentar-se à pequena mesa nos fundos do escritório de Garcia, Chloe fez o possível para não parecer óbvio que estava tentando criar uma distância entre ela e Moulton. Ela sabia que provavelmente estava radiante, sem conseguir esconder a alegria pelo que havia acontecido na noite anterior. Não sabia como Johnson reagiria a qualquer tipo de relação entre os dois, e não gostaria de fazer o teste.

- Qual é o caso? – Chloe perguntou.

- Quatro dias atrás, um marido chegou em casa do trabalho e encontrou a esposa morta – Garcia disse. – Mas é mais do que isso. Ela não foi simplesmente morta, mas sim brutalmente. Tinha muitas facadas, dezesseis pelas contas do legista. A cena do crime estava uma bagunça, sangue por tudo. Diferente de tudo que a polícia local já viu.

Ele entregou uma pasta para Chloe com um olhar de preocupação. Chloe segurou-a e abriu devagar. Viu uma foto do crime e, então, fechou a pasta rapidamente. Pela rápida olhada na foto, a cena parecia mais um matadouro do que um assassinato.

- A família da vítima é amiga de quem? – Moulton perguntou. – Você disse que de algum político, certo?

- Eu prefiro não dar essa informação – Johnson disse. – Não queremos que pareça que o FBI tem favoritos quando se trata de bipartidarismo.

- Qual o nível de envolvimento da polícia local? – Chloe perguntou.

- Eles estão atrás do assassino na região toda e chamaram a polícia do Estado – Garcia disse. – Mas estão pedindo que eles trabalhem quietos. A polícia local está irritada, e eu entendo, porque eles acham que nós vamos atrapalhar em um caso que já está fora da zona de conforto deles. Então preciso que você vá lá o mais rápido possível. E além disso... escute bem: eu pensei em vocês dois para esse caso porque vocês já trabalharam bem juntos antes. Mas se o caso e essas fotos do crime fizerem você se sentirem desconfortáveis—se for muito para vocês nessa altura da carreira—me digam agora. Eu não vou julgar vocês, nem vou contar isso como algo negativo no futuro.

Chloe e Moulton olharam-se e ela pode ver que ele estava tão ansioso quanto ela para assumir o caso. Mesmo assim, sem conseguir se conter, Moulton olhou o que havia dentro da pasta. Ele fez uma cara feia ao ver as fotos do crime e leu rapidamente o relatório na última página. Depois, olhou para Chloe e assentiu.

- Tudo bem por mim – Chloe disse.

- Por mim também – Moulton disse. – E eu agradeço a oportunidade.

- Que bom – Johnson respondeu, levantando-se. - Estou animado para ver o que vocês dois podem fazer. Agora... vão. Vocês precisam pegar a estrada.

Moulton estava dirigindo o carro do FBI, saindo do rodoanel em direção à Virginia. Barnes Point ficava a apenas uma hora e vinte de distância, mas o rodoanel fazia com que *qualquer lugar* parecesse ficar do outro lado do planeta.

- Você tem certeza? – ele perguntou.

- Sobre o que?

- Trabalhar juntos em um caso assim. Digo... nós estávamos nos pegando como dois adolescentes com tesão dez horas atrás. Você vai conseguir deixar as mãos longe de mim durante o trabalho?

- Não me entenda mal – Chloe disse, - mas depois do que eu vi naquela pasta, fazer aquilo de novo é a última coisa na minha cabeça.

Moulton assentiu, concordando. Ele pegou a rampa seguinte, entrou na rodovia e pisou no acelerador.

- Brincadeiras a parte... Eu gostei da noite passada. Mesmo antes do seu apartamento. E eu gostaria de repetir. Mas no trabalho...

- Nós devemos ser totalmente profissionais – Chloe finalizou.

- Exatamente. E, falando nisso – ele disse, pegando seu iPad no console central, - eu baixei os arquivos do caso enquanto você pegava suas coisas.

- Você não pegou as suas?

- Você viu minha mochila. Sim, eu peguei. Mas sou rápido nisso. – ele sorriu levemente ao dizer isso, indicando que talvez ela tivesse levado mais tempo do que ele esperava. – Mas ainda não tive a chance de olhar os arquivos.

- Ah, relatórios, nada de mais – Chloe disse.

Os dois riram, Chloe começou a ler os arquivos e, quando Moulton colocou sua mão nos joelhos dela, não teve certeza se conseguiria manter tudo no âmbito profissional.

Ela olhou os arquivos, lendo as partes importantes em voz alta. Eles viram que Garcia e Johnson haviam resumido o caso muito bem. O relatório da polícia era bem detalhado, assim como as fotos. Ainda não era fácil olhar para elas, e Chloe não culpava a polícia local. Ela percebeu que *qualquer* departamento de polícia local ficaria um pouco perdido com tanta violência e sangue.

Eles discutiram algumas teorias e, quando passaram por uma placa indicando que Barnes Point estava a apenas vinte quilômetros, Chloe tinha mudado de ideia. Ela percebeu que *seria* capaz de ser profissional ao lado de Moulton. Ela tinha passado as últimas semanas tão focada em sua atração física por ele que quase esquecera o quão esperto e intuitivo ele poderia ser no trabalho.

Ela imaginou que, se eles conseguissem trabalhar juntos, poderia ter o que toda mulher no mundo desejava: um homem que a respeitava com igualdade no trabalho, mas também na cama.

Não faz nem um dia que vocês estão juntos, uma voz disse em sua mente. Era Danielle novamente. *Você vai mesmo ser boba e começar a sonhar com isso já? Senhor, você se pegou com ele algumas horas, vocês sem fizeram sexo ainda. Você mal conhecer ele e—*

Mas Chloe escolheu espantar aqueles pensamentos.

Ela tornou então sua atenção para o relatório do legista. O arquivo contava a mesma história que Johnson havia dito, mas com mais detalhes. E foi nos detalhes que Chloe focou. O sangue, a violência, a possível motivação política. Ela leu tudo, estudando cada detalhe.

- Acho que isso não tem motivação política – ela disse. – Não acho que o assassino estava tão preocupado com a força política que os amigos dos Hilyard podem ter.

- Senti confiança nas suas palavras – Moulton disse. – Me explique, por favor.

- Lauren Hilyard levou dezesseis facadas. E todos os ferimentos estão no centro da região abdominal, sendo que um só acertou o peito esquerdo dela. O legista relata que os ferimentos foram feitos quase um em cima do outro, indicando que alguém deu as facadas uma atrás da outra. A anotação aqui no relatório diz: *como se estivesse cegamente com raiva*. Se isso fosse coisa de alguém com motivação política, provavelmente haveria algum tipo de mensagem ou outro indicativo.

- Tudo bem – Moulton disse. – Concordo. Não teve motivação política.

- Essa foi fácil.

Ele encolheu os ombros e disse:

- Estou começando a entender que as pessoas em Washington acham que *tudo* tem motivação política. E daí se os Hilyard talvez conhecem alguém com um cargo importante na política? Nem todo mundo liga para isso.

- Gosto do jeito que você pensa – Chloe disse. – Mas eu não descartaria essa hipótese totalmente ainda.

Eles já estavam perto de Barnes Point, e o fato de estarem envolvidos em um caso com potenciais amarras políticas deixava tudo mais interessante. Era uma oportunidade incrível para os dois, e Chloe precisava estar totalmente focada o tempo todo. Naquele momento, nada era mais importante do que aquele caso—nem seu pai aparecendo de repente, nem a voz teimosa de sua irmã... nem um potencial romance com o homem sentado ao lado dela.

Naquele momento, só o que importava era o caso. E isso já era mais do que suficiente.

CAPÍTULO SEIS

Barnes Point era uma cidade calma e muito bonita, com população de cerca de nove mil pessoas. A residência dos Hilyard ficava às margens da cidade, em uma região chamada de Farmington Acres. O marido da vítima, Jerry Hilyard, ainda não tinha conseguido voltar para casa desde que descobrira o corpo sem vida da esposa. Sem parentes diretos vivendo por perto, ele havia sido convidado para passar alguns dias na vizinhança, com amigos próximos.

- Acho que eu teria ido para mais longe de casa – Moulton disse.
– Digo, você consegue imaginar por tudo o que esse cara está passando?

- Mas ele pode querer ficar perto de casa – Chloe respondeu. – Perto do lugar onde ele e a mulher dividiram uma vida.

Moulton pareceu considerar a ideia ao levar o carro pela região, em direção ao endereço que a polícia do estado havia lhes enviado durante o caminho até lá. Aquele tinha sido mais um exemplo de como Chloe estava começando a entender e respeitar a fluidez com a qual o FBI trabalhava. Era difícil imaginar que quase qualquer informação necessária—endereços, números de telefone, registros de trabalhos, históricos criminais—estaria disponível imediatamente, a apenas uma ligação ou e-mail de distância. Chloe imaginou que os agentes em algum momentos se acostumavam com aquilo, mas até o momento, ela ainda se sentia muito privilegiada por fazer parte de tal sistema.

Eles chegaram ao endereço e caminharam até a porta. A caixa de correio dizia *Lovingston* e a casa em si era praticamente uma cópia de todas as casas da vizinhança. Era o tipo de bairro onde as casas ficavam coladas umas nas outras, mas o ambiente era calmo—um bom local para crianças aprenderem a andar de bicicleta e provavelmente se divertirem muito no Halloween e no Natal.

Chloe bateu na porta e foi atendida imediatamente por uma mulher com um bebê no colo.

- Você é a senhora Lovingston? – Chloe perguntou.

- Sou. E vocês devem ser os agentes do FBI. Recebemos uma ligação da polícia um tempo atrás dizendo que vocês estavam

vindo.

- Jerry Hilyard está hospedado aqui? – Moulton perguntou.

Um homem apareceu atrás da mulher, vindo da sala à esquerda.

- Sim, ainda estou aqui – ele disse. Ele juntou-se à senhora Lovington na porta e encostou-se na entrada da casa. Ele parecia totalmente exausto, aparentemente sem estar dormindo bem desde que perdera sua esposa de um jeito tão brutal.

A senhora Lovington virou-se para ele e olhou-o de maneira que fez com que Chloe pensasse que o bebê nos braços dela receberia muitos olhares assustadores no futuro.

- Você tem certeza que está pronto para isso? – ela perguntou.

- Estou bem, Claire – ele disse. – Obrigado.

A mulher assentiu, segurou o bebê com mais força no peito e voltou para dentro da casa.

- Entrem – Jerry disse.

Ele levou-os até a mesma sala de onde tinha vindo. Era uma sala decorada com livros e duas cadeiras elegantes. Jerry sentou-se em uma das cadeiras como se seus ossos não pudessem mais sustentá-lo.

- Eu sei que Claire pode estar um pouco hesitante sobre a presença de vocês aqui – Jerry disse. – Mas... ela e Lauren eram muito amigas. Ela acha que eu tenho que estar de luto... e eu estou. Mas é que...

Ele ficou parado e Chloe pode vê-lo lutando contra uma onda de emoções, tentando conseguir conversar sem desabar na frente deles.

- Senhor Hilyard, sou a Agente Fine e esse é meu parceiro, Agente Moulton. Estive pensando se você poderia nos falar sobre alguns laços políticos que sua família possa ter.

- Senhor – ele suspirou. – Isso é um exagero. A polícia local fez um estardalhaço sobre isso. Tenho certeza que foi por isso que vocês foram chamados, né?

- Esses laços políticos *existem*? – Moulton perguntou, complementando a questão.

- O pai de Lauren era um amigo de golfe do Secretário da Defesa. Eles cresceram juntos, jogando futebol juntos, tudo isso.

Eles ainda se encontram às vezes—para caçar patos, pescar, coisas assim.

- Lauren chegou a conversar com o Secretário algum dia? – Chloe perguntou.

- Não enquanto estivemos casados, pelo menos. Ele veio ao nosso casamento. Ganhamos um cartão de Natal da família dele. Mas foi só.

- Então você não acha que o que aconteceu pode ter ligação com essa relação? – Moulton perguntou.

- Se tiver, não tenho ideia do motivo. Lauren não era nenhum pouco envolvida com política. Acho que é só o jeito do pai dela de achar que é importante. Alguém matou a garotinha dele então só *pode ser* porque ele conhece gente importante. Ele é babaca desse tipo.

- E o que você pode nos dizer sobre os últimos dias da Lauren? – Chloe perguntou.

- Eu já disse tudo o que podia para a polícia.

- Nós sabemos – Moulton disse, - e temos cópias de todos os relatórios. Mas para que possamos entender perfeitamente, temos algumas perguntas que podem ser repetidas para você.

- Tudo bem – Jerry disse.

Chloe imaginou que o homem talvez não estivesse totalmente ciente do que estava acontecendo. Ele parecia incrivelmente perdido. Se Chloe não soubesse da situação traumática pela qual Jerry estava passando, ela imaginaria que ele estava usando drogas.

- A primeira pergunta pode parecer boba levando em conta o que aconteceu – Chloe disse, - mas você consegue pensar em alguém que pudesse ter motivos para estar com raiva da sua mulher?

Ele fungou o nariz e balançou a cabeça. Quando falou, sua voz tremia.

- Não. Lauren andava bem quieta ultimamente. Introvertida. E isso vinha piorando ultimamente, sabe?

- Você tem ideia do motivo?

- Ela tinha um passado difícil. Confusão com os pais e tudo. Ela fazia *bullying* na escola. Acho que chamariam de *bullying* hoje em dia. Ou quem sabe era só uma garota maldosa. Ela vinha

reconhecendo esses erros ultimamente. Acho que tudo piorou quando ela recebeu aquele maldito e-mail convidando para o encontro da turma do ensino médio.

- Ela estava ansiosa pelo encontro? – Chloe perguntou.

- Não tenho certeza. Ela ficou triste, eu acho... em pensar nas pessoas com quem que ela tinha sido maldosa.

- Vocês dois se formaram juntos? – Moulton perguntou.

- Sim.

- E você foi com ela ao encontro?

- Senhor, não. Eu odeio esse tipo de coisa. Ter que fingir que gosto de pessoas, sendo que eu odiava a maioria na escola. Não, não fui.

- Você disse que ela era introvertida – Chloe disse. – Ela não tinha muitos amigos?

- Ah, ela tinha alguns. Claire era uma delas. E os amigos que ela tinha eram como família para ela. Elas eram muito próximas.

- Você conversou com eles desde que tudo aconteceu? – Moulton perguntou.

- Só com uma. Ela ligou logo depois de ficar sabendo e perguntou se eu precisava de algo.

- Essas amigas estavam na reunião com ela?

- Sim. Claire também foi. Mas ela também é meio introvertida.

Acho que ela só foi por curiosidade.

- Você e Lauren têm filhos? – Chloe perguntou. – Em um bairro como esse, achei que encontraria pelo menos uma criança em cada casa.

- Temos dois. A mais velha, Victoria, tem dezoito anos. Acabou de entrar na faculdade. Ela... bem, ela escolheu passar esses momentos difíceis com os avós. E por ela ter ido para lá, o mais novo—Carter—quis ir também. Nunca tive a melhor relação do mundo com meus sogros, mas meus filhos estarem com eles agora é uma benção. Eu me sinto um pai terrível, mas se meus filhos estivessem aqui, eu acho que não aguentaria.

- Tem algum problema em seus filhos estarem com os avós agora? – Moulton perguntou.

- Eu queria eles aqui comigo... para vê-los. Mas sou um desastre. E até tudo se ajustar, é lá que eles precisam estar.

- Você disse que a mais velha *escolheu* ficar lá nessa hora – Moulton disse. – Por quê?

- Ela queria sair da nossa casa logo. A relação dela com Lauren foi tensa nos últimos anos. Coisas de mãe e filha. Nossa filha... andava saindo com uns caras, fugindo de casa à noite. Fazia isso desde os treze anos. Teve a primeira suspeita de gravidez aos quinze. E se você fizer as contas... Lauren tinha trinta e sete anos. Tivemos nossa filha quando nós dois tínhamos dezenove.

Chloe imaginou que a relação tumultuada da família piorava ainda mais a situação de Jerry Hilyard. Ela não achava que havia algo no qual valesse a pena se aprofundar, ainda que talvez fosse interessante conversar com a filha do casal.

- Senhor Hilyard, você se importaria se nós olhássemos sua casa? – ela perguntou.

- Tudo bem. O comandante e alguns tiras já foram lá algumas vezes. O código para entrar é dois-dois-dois-oito.

- Obrigado, senhor Hilyard – Moulton disse. – Por favor entre em contato conosco se você pensar em algo mais. Por enquanto, acho que vamos falar com a senhora Lovington para ver se ela tem algo a mais para dividir conosco.

- Ela já disse tudo o que sabe para a polícia. Está começando a ficar irritada, eu acho.

- E o marido dela? Ele conhecia bem sua esposa? Vocês quatro costumavam sair juntos?

- Não. O marido de Claire trabalha bastante fora da cidade. Eu falei com ele no FaceTime para ter certeza de que ele não se importava por eu ficar aqui. Mas enfim, era mais apenas Claire e Lauren. Elas tinham um encontro semanal para tomar vinho na varanda, revezando as casas toda semana.

Claire entrou na sala devagar, aparentemente tendo colocado o bebê para dormir.

- E nós fazíamos coisas que todas as mulheres fazem. Falar sobre os maridos, lembrar do passado. Eu falava para ela dos prós e contras de ter um bebê. E mais recentemente, nós falávamos sobre o que ela estava passando com a filha.

- O que você pode nos dizer sobre Lauren e o que pode ter levado alguém a fazer algo assim com ela? – Chloe perguntou.

- Lauren tomou algumas decisões durante o ensino médio que os pais dela não concordaram muito – Claire respondeu. – Quando ela terminou o segundo grau e teve a filha... bom, a faculdade ficou fora dos planos.

- Eles ficaram envergonhados – Jerry acrescentou. – Eles ficaram bravos e se mudaram para New Hampshire. Eles contam mentiras severas sobre Lauren para a nossa filha sempre que podem.

- Eles tentam se compensar pelos erros e pela distância na criação da Lauren – Claire disse. – É um casal de verdadeiros babacas.

Sentindo que a conversa estava indo para um caminho ruim, Chloe disse:

- Senhora Lovington, você talvez consiga pensar em quaisquer inimigos ou relações difíceis que Lauren tinha?

- Não além da família dela. E mesmo eles sendo dois idiotas, com certeza eles não fariam isso. É... terrível.

Moulton colocou a mão no bolso e puxou um cartão de visitas. Colocou-o na mesa de café e deu um passo atrás.

- Por favor... se um de vocês pensar em algo a mais, não deixem de entrar em contato.

Claire e Jerry assentiram levemente. A conversa havia sido curta, mas pesada. Chloe e Moulton saíram em um silêncio incômodo.

Do lado de fora, no caminho para o carro, Chloe parou na calçada por um momento. Ela olhou pela rua, na direção da casa dos Hilyard, mas não pode a enxergar. Ainda assim, estava começando a concordar com Moulton. Talvez fosse muito perto. E se o quarto ainda se parecesse pelo menos um pouco com as fotos que ela havia visto, parecia quase mórbido que Jerry estivesse dormindo ali tão perto.

- Pronto para ver a casa? – Chloe perguntou.

- Não mesmo – Moulton disse, com as imagens do crime claras em sua mente. – Mas precisamos começar de alguma maneira.

Os dois voltaram para o carro e seguiram pelo caminho que tinham feito na ida. Chloe seguiu dizendo a si mesma que a cena não poderia ser tão feia quanto parecia nas fotos—com toda aquela vermelhidão entre os lençóis brancos.

Chloe e Moulton levaram vinte segundos para chegar à casa dos Hilyard. O fato de que a residência parecia muito com a casa dos Lovington—e com quase todas as casas da quadra—era horripilante demais para Chloe. Eles passaram pela porta da frente com o código que Jerry Hilyard havia passado e entraram na casa, completamente silenciosa.

Sabendo exatamente porque estavam ali, não perderam tempo e foram diretamente para o segundo andar. A suíte principal foi fácil de encontrar, ao final do corredor. Pela porta aberta, Chloe logo pode ver as manchas vermelhas no carpete e nos lençóis.

Ela ficou aliviada, no entanto, ao perceber que a cena não era tão feia quanto parecia nas fotos que o Diretor Johnson havia mostrado. Primeiro, e mais importante, o corpo já tinha sido removido. Depois, as manchas de sangue já estavam muito mais claras.

Os dois caminharam até a cama, com cuidado para não pisar em nenhuma mancha de sangue no carpete. Chloe pode ver as áreas com sangue onde o legista e os primeiros investigadores tinham pisado sem querer. Ela olhou para o outro lado do quarto, com direção a um closet onde uma pequena TV estava pendurada na parede. *Ela provavelmente estava assistindo TV quando tudo aconteceu, talvez relembrando as memórias do encontro da turma...*

Chloe desceu as escadas e olhou em volta. Não enxergou sinais de entradas forçadas, nem indicações que mostrassem que algo tivesse sido roubado. Olhou pela sala, cozinha e no quarto de visitas. Analisou inclusive um deck, nos fundos. Havia uma pequena mesa no canto, com um cinzeiro em cima, sob a sombra de um guarda-sol.

Chloe resmungou ao ver o conteúdo do cinzeiro. Não havia restos de cigarro ali, mas sim outro tipo de cinzas e papel. Ela inclinou-se com direção ao cinzeiro e pegou uma lanterna. O aroma de maconha era inegável. Tentou pensar em algumas coisas, tentando imaginar se aquilo poderia ser de alguma forma relevante.

Levou um susto quando seu telefone tocou. Moulton, vindo dos fundos da casa para encontrá-la, viu sua expressão assustada e

sorriu. Ela virou os olhos e atendeu a ligação, sem reconhecer o número.

- Agente Fine falando – disse.

- Aqui é Claire Lovington. Achei que você gostaria de saber que acabei de receber uma ligação de uma de minhas amigas, Tabby North. Ela era uma das amigas próximas que Jerry lhe falou. Ela perguntou se alguém mais da polícia tinha vindo falar comigo. Eu disse que o FBI tinha acabado de me visitar e ela gostaria de falar com vocês.

- Ela tem informações para nós?

- Sinceramente, eu não sei. Provavelmente não. Mas essa comunidade aqui é pequena. Acho que eles querem ir até o fim. Tenho certeza que eles só querem ajudar.

- Ótimo. Me envie o número depois dessa ligação.

Chloe encerrou a ligação e explicou para Moulton:

- Era Claire. Ela disse que uma outra amiga de Lauren ligou para ela para perguntar se havia novidades. Ela gostaria de falar conosco.

- Bom. Não vou mentir... não tenho mais nada para fazer aqui. O quarto está me dando arrepios.

As palavras dele faziam sentido. Chloe ainda estava com as fotos na cabeça, e ver a cena sem o corpo era como olhar para um lugar abandonado que ela não deveria ver.

Ainda assim, os dois voltaram ao quarto e olharam pela casa inteira, procurando no banheiro, no closet, e até debaixo da cama. Sem encontrar nada interessante, saíram da casa e, momentos depois, da região de Farmington Acres. Chloe novamente pensou naquela área—um bairro perfeito para começar uma família e pensar no futuro.

Isso se você não se importasse em saber que, às vezes, poderia acontecer um assassinato por ali.

CAPÍTULO SETE

Tabby North era uma ruiva com um corpo que, Chloe imaginou, frequentava a academia pelo menos quatro vezes por semana. Era também um corpo que, na humilde opinião de Chloe, não precisava ser tão magro. Ela era obviamente linda, mas a julgar por sua aparência, um vento forte poderia derrubá-la.

Chloe e Moulton encontraram Tabby na casa dela e descobriram que ela havia convidado outra amiga próxima, uma mulher que aparentemente frequentava a mesma academia que ela. Essa mulher era Kaitlin St. John, e estava chorando quando Chloe e Moulton chegaram. Eles reuniram-se no quintal de Tabby, onde a dona da casa serviu uma jarra de limonada. Chloe não pode deixar de pensar em quanta exibição havia naquilo—naquelas mulheres de quase quarenta anos com cinturas finas bebendo drinks saudáveis.

Esse pensamento com certeza não é o motivo de Johnson ter decidido que você era a Agente certa para um caso em um bairro pequeno assim, Chloe disse a si mesma.

Para ser educada, ela deu um gole na limonada. Mesmo com seus pensamentos maldosos, o suco estava de fato uma delícia.

- Imagino que vocês já tenham falado com a polícia – Chloe perguntou.

- Sim – Tabby disse. – E mesmo sabendo que eles estão fazendo o possível, ficou claro que eles não têm ideia do que estão fazendo.

- Eles estavam assustados – Kaitlin disse.

- Com o que? – Moulton perguntou.

- Com o fato de o crime possivelmente ter razões políticas.

Imagino que vocês saibam sobre a amizade do pai da Lauren com o Secretário da Defesa. Tenho certeza que a polícia local preferiria evitar a mídia se eles pudessem.

- Mas então, o crime *tem* relações políticas? – Tabby perguntou.

- É muito cedo para dizer – Chloe respondeu. Ela já estava ficando desconfortável com o comportamento daquelas duas mulheres. Não duvidada da dor delas, que era evidente em suas expressões e no choro de Kaitlin. Mas Chloe também não via dificuldades em imaginar as duas sentadas conversando—talvez

com Lauren Hilyard e Claire Lovington—focando sobre todas as pessoas da cidade. Ela imaginou quanto da população de Barnes Point já havia sido assunto daquelas conversas.

- Vocês podem nos dizer quando foi a última vez em que viram Lauren? – Moulton perguntou.

- Uma noite antes dela morrer – Tabby disse. – Nos encontramos todos no evento do ensino médio.

- Praticamente tivemos que arrastar Lauren para lá – Kaitlin disse. – Ela odiava esse tipo de coisa.

- Bom, ela passou a odiar esse tipo de coisa *depois* que terminamos o colégio – Tabby a corrigiu. – Ela sempre queria deixar os anos do ensino médio no passado.

- Ela parecia diferente naquela noite? – Chloe perguntou.

- Não que eu tenha percebido – Tabby disse.

- Eu também – Kaitlin disse. – Eu ousaria dizer que ela acabou se divertindo naquela noite. Lauren... bem, ela era a mais linda da nossa escola. Todos os caras queriam ficar com ela, e Jerry Hilyard conseguiu no último ano... cara, pareceu que a magia acabou na hora. Ela perdeu um pouco do encanto, sabe. Mas o jeito que todo mundo a tratou na noite do encontro... Acho que todo mundo esqueceu daquilo. Foi como se ela fosse a rainha de novo. Acho que ela precisava daquilo.

- Tinha muito gente lá? – Moulton perguntou.

- Bastante – Tabby disse. – Essa é uma parte estranha da cidade. Muitas pessoas que eram do nosso ensino médio ou ficaram por aqui ou acabaram voltando para cá depois da faculdade. Não é exatamente uma cidade rica, mas essa parte é conhecida por ser a parte rica, sabe? Enfim, por alguns momentos, Lauren parecia feliz de verdade.

- Sabemos que Lauren estava entre os que se formaram e ficaram por aqui – Chloe disse. – Vocês todas eram amigas na escola?

- Sim. Cara... Lauren e Claire eram amigas desde o jardim.

- Então você acha que as duas eram as mais próximas entre vocês quatro?

- Provavelmente – Kaitlin disse. – Elas sempre foram melhores amigas. Nós sabemos que elas se reuniam sozinhas. É legal... mas

sim, às vezes, eu me sentia um pouco excluída. E você, Tab?

Tabby encolheu os ombros.

- Não muito. Sempre soube que elas eram muito próximas.

- Havia alguém na reunião que talvez não se dava bem com Lauren? – Moulton perguntou.

- Não que eu lembre – Tabby disse.

- Eu também – Kaitlin completou. – Mas sabe... você mora em um lugar assim, onde as pessoas com quem você cresceu permanecem aqui por muito tempo... as coisas podem ficar tensas às vezes. Isso era óbvio entre *algumas* pessoas no encontro. Mas não com Lauren. Não acho que tinha muitas pessoas que não gostavam dela na escola. Ciúmes, com certeza... mas não que não *gostassem*.

- Vocês por acaso encontraram alguém mais no encontro que era amiga de Lauren na escola, mas que por algum motivo se distanciou depois?

- Na verdade, sim – Tabby disse. – Uma mulher chamada Brandie Scott. Ela mora na cidade também, mas do outro lado... então nunca vemos ela. Mas foi legal se encontrar com ela. Não diria que éramos tão amigáveis com ela, conversamos algumas vezes só na escola, mas nunca saímos juntas.

- Ela e Lauren conversaram no encontro?

- Um pouco. Na verdade eu lembro delas rindo de algo no bar. Lembro disso porque Lauren não andava rindo muito recentemente. Acho que estava acontecendo algo na casa dela. Talvez aqueles pais idiotas dela de novo.

- Você por acaso teria o telefone da senhora Scott? – Moulton perguntou.

- Tenho – Tabby disse, pegando seu celular e começando a procurar. – Na verdade eu peguei o número dela no dia do encontro.

- E sobre ex-namorados? – Chloe perguntou quando Tabby encontrou o número. - Algum dos ex de Lauren estava lá?

- Não – Kaitlin disse, sorrindo pela primeira vez durante a conversa. – Lauren só namorou um cara antes de Jerry. E eles só terminaram porque ele se mudou. Para o Alabama, eu acho.

- Bom, acho que isso é tudo por enquanto – Chloe disse. Ela entregou um cartão a Tabby e acrescentou. – Por favor envie o número da senhora Scott para esse telefone. E não deixe de entrar

em contato comigo se alguma de vocês lembrar de algo que possa ajudar.

Tabby enviou o número de Brandie Scott por mensagem na mesma hora. Ela pareceu um pouco decepcionada quando a conversa terminou. Mas, como Chloe suspeitara desde o início, um grupo de melhores amigas lembrando-se da amiga que haviam acabado de perder não seria a melhor fonte de informações. Se havia algo sujo para ser descoberto, Chloe e Moulton não descobririam nada ali.

Chloe tomou um último gole da limonada e se levantou. As duas mulheres levaram os agentes pela linda casa até a porta da frente. Ambas pararam na entrada para ver Chloe e Moulton saindo.

- Alguma ideia? – Moulton perguntou.

- Acho que as duas estão bem tristes pela perda da amiga – Chloe disse. – Mas também acho que cada palavra dessa conversa que tivemos com elas vai estar na boca da cidade inteira até o fim do dia.

- Tenho a mesma sensação. Me diga... talvez seja só eu. Tem algo estranho nessas mulheres saindo juntas na mesma cidade, no mesmo círculo de amizades desde o ensino médio?

- Eu nunca faria isso – Chloe disse. – Mas não acho que seja tão incomum. Especialmente em cidades pequenas.

Moulton ligou o carro e saiu da casa de Tabby North.

- Você quer falar com essa outra amiga? – Ele perguntou. – Brandie não-sei-o-quê?

- Já estou trabalhando nisso – Chloe respondeu, salvando o número que Tabby a enviara. Depois, telefonou, esperando que a mulher no outro lado da linha fosse pelo menos um pouco diferente das mulheres magras e quase clichê que eles tinham encontrado até então naquele dia.

Como Tabby havia dito, Brandie Scott morava no outro lado de Barnes Point. O caminho entre as duas casas levou apenas quinze minutos, mas Brandie parecia morar no outro lado do mundo. Enquanto as casas todas iguais de dois andares em terrenos caros

em Farmington Acres indicavam que seus donos eram todos bem de vida, o outro lado da cidade era bem diferente. Havia casas pequenas e de somente um andar que pareciam quase abandonadas, muitas com placas dizendo VENDE-SE ou PENHORADA. Havia lojas velhas que também pareciam fechadas há algum tempo. Aquela parte da cidade parecia algo que o outro lado, mais chique, havia rejeitado e tentava esconder.

Brandie Scott havia concordado em encontrá-los em uma pequena cafeteria em uma rua que mostrava sinais de descuido, como o restante do bairro, mas que pelo menos tinha alguns estabelecimentos abertos. Quando Chloe e Moulton entraram no local, todos olharam para eles—ainda que o local não estivesse muito cheio, já que o relógio marcava 4:15 de uma tarde de quinta.

Uma mulher levemente acima do peso acenou para os dois de uma mesa à direita. Ela fez um gesto rápido e o mais tímido possível, como se não quisesse chamar atenção para si mesma. Chloe e Moulton caminharam até ela, e a mulher claramente ficou mais tensa.

- Brandie Scott? – Moulton perguntou.

- Sou eu – ela disse. – Sentem-se.

Os agentes sentaram-se e, então, Brandie pareceu relaxar sua postura levemente.

- Odeio ser chata – ela disse, - mas não tenho muito tempo. Precisei pedir uma hora de folga no trabalho para encontrar vocês.

- Sinto muito – Chloe disse. – Você trabalha por aqui?

- Sim. Tenho dois trabalhos, na verdade. À noite como servente no hospital de Farmville. E também faço cerca de vinte horas por semana num 1,99 perto daqui... foi de lá que eu vim agora.

- Você parece ser ocupada – Chloe disse. – Vamos ser rápidos. Imagino que você saiba o que aconteceu com Lauren Hilyard.

- Sim, fiquei sabendo. Tabby North me contou dois dias atrás.

- Desde então, você já falou com a polícia?

- Não, ninguém me procurou.

- Bom, como eu lhe disse pelo telefone, acabamos de sair da casa de Tabby North, onde falamos com ela e com Kaitlin St. John. Elas disseram que você e Lauren não eram muito próximas, mas

que você falou bastante com ela no encontro do ensino médio no fim de semana.

- Sim, conversamos bastante, é verdade... Eu e Lauren nunca fomos tão próximas. Mas diferentes de várias daquelas mulheres, Lauren pelo menos tentou ser educada quando me viu.

- O que você quer dizer com *aquelas mulheres*? – Moulton perguntou.

- Mulheres como Tabby North. Claire Lovington e as outras. Algumas delas acham que as regras da escola ainda valem—que elas ainda precisam tratar mal as garotas que não são populares na escola.

- Mas você acha que Lauren não era assim também? – Chloe perguntou.

- Depende. Sendo sincera, ela era uma dessas garotas malvadas na escola, sabe? Ela nunca fez nada para mim, mas saía do caminho para me ignorar. Eu gostaria de dizer que isso mudou depois da escola... mas não conhecia ela bem o suficiente para saber. Nas poucas vezes que a encontrei, ela pareceu ser um pouco diferente... não tão malvada.

- Você lembra se ela tinha muitos inimigos na escola?

- Havia muitas pessoas que tinham ciúmes dela. Mas eu acho que “ódio” é uma palavra forte. Pessoas como eu, sendo sincera, tinham muitos ciúmes dela. Ela era linda e tinha a atenção de todos os caras. Mas era mais ciúmes, sabe? Ela era a garota inatingível... a garota que todos os caras queriam e que todas as meninas queriam ser. Sabe esse tipo? Então, mesmo que muitas pessoas com certeza não gostassem dela, acho que é um exagero chamar essas pessoas de inimigas.

- Então quando você falou com ela no encontro, foi uma conversa cordial ou meio que forçada? – Chloe perguntou.

- Foi uma conversa muito amigável. Ela tinha ido ao 1,99 alguns dias antes para comprar um veneno de erva daninha para os canteiros dela. Conversamos um pouco e quando eu vi ela no encontro, eu só fui educada—perguntei como estavam as flores. Isso fez com que nós acabássemos lembrando de um projeto idiota que tínhamos de biologia no ensino médio.

- Mesmo ela tendo sido educada com você nos encontros depois da escola, você sabe se havia pessoas com quem ela *não era* educada?

- Ah, com certeza muitas. Uma pessoa que vem à minha cabeça na hora é a mulher que costumava trabalhar de babá para os Hilyard.

- O que tem ela?

- Bom, alguns anos atrás, Lauren estava trabalhando como cabeleireira em um salão da cidade. E Jerry tinha o mesmo trabalho de agora—algo com marketing ou redação em uma agência de publicidade aqui em Barnes Point. Então ele ficava até mais tarde no trabalho muitas vezes. Isso foi anos atrás, quando Victoria ainda precisava de uma babá e não era grande o suficiente para cuidar de Carter. Eles contrataram uma babá e, pelo que sabemos, não durou muito. Aconteceu alguma briga entre Lauren e a babá. Houve centenas de versões da história por aí, mas pelo que eu entendi, Lauren acabou dando um tapa na cara e empurrando a mulher para fora da casa, gritando. Houve rumores de que a babá deu queixa, mas nada aconteceu depois.

- Se essa história for verdade, ela bate com o que você lembra de Lauren na escola? – Moulton perguntou.

- Talvez não tanto, mas sim... me lembra muito de como Lauren era naquela época. Se a história for verdade.

- Você consegue lembrar de outras histórias desse tipo desde depois da formatura? – Chloe perguntou.

Brandie pensou por um momento e então balançou a cabeça.

- Não. É a única que eu lembro agora.

- Por acaso você sabe o nome da babá? – Ela perguntou.

- Yvonne Dixon. Ela ainda mora na cidade. Na rua em frente ao condomínio Gladstone, na verdade.

- Você é próxima dela? – Chloe perguntou.

- Não. Mas nesse lado da cidade, você geralmente conhece todo mundo. Tenho certeza que ela vai aceitar falar com vocês. E não sei porque... mas parece que as babás sempre sabem das melhores fofocas. As mais verdadeiras... se é que isso existe.

Durante sua breve carreira, Chloe já tinha comprovado que aquilo era verdade. Ela acreditava que essa conclusão fazia ainda mais

sentido em comunidades pequenas. Ter uma babá que já havia trabalhado para os Hilyard como uma potencial pista parecia algo bom—como se eles pudessem resolver o caso muito antes do planejado.

CAPÍTULO OITO

Chloe fez o possível para manter-se calma, mas ser uma agente de verdade ainda era algo tão novo que ela sentia vontade de rir sempre que precisava mostrar seu distintivo. Encontrou-se exatamente assim quando ela e Moulton falaram com o dono do condomínio de apartamentos Gladstone.

- FBI? – O dono perguntou, realmente surpreso. – Por que vocês precisam falar com a senhora Dixon? – Ele era um homem de idade, com mais de sessenta anos, e escondia seus cabelos brancos sob um chapéu John Deere.

- Não podemos dizer – Chloe respondeu. – Mas, para que você fique tranquilo, posso admitir que não é sobre nada de errado que ela tenha feito.

- É sobre a morte de Lauren Hilyard, não é? – O dono perguntou.

- Desculpe senhor, não podemos falar – Moulton repetiu.

- Você pode nos passar o número do apartamento e o contato dela por favor? – Chloe perguntou.

O proprietário assentiu e foi até um arquivo atrás de sua mesa. Ele mexeu em alguns papéis e trouxe um deles. O papel tinha o número do apartamento e do telefone da mulher, além de seu último endereço antes de se mudar para o condomínio Gladstone.

Chloe tirou uma foto do documento com seu celular e agradeceu ao proprietário.

- Você saber se ela está trabalhando atualmente? – Chloe perguntou.

- Ela é babá de uma família em um dos bairros do outro lado da cidade.

- Farmington Acres? – Moulton perguntou.

- Não, algum outro. Não sei o nome de todos. Mas se vocês querem falar com ela, tenho certeza que ela está em casa. Vi o carro dela estacionado quando voltei para casa cerca de uma hora atrás.

- Muito obrigada – Chloe disse.

Ela e Moulton saíram, e Chloe analisou a foto que tinha tirado.

- Apartamento sete – ela disse.

O complexo de apartamentos tinha duas torres, cada uma com oito apartamentos. Era o tipo de prédio onde as escadas ficavam do lado de fora e o local inteiro parecia uma enorme casa, e não um complexo de apartamentos. Eles seguiram a ordem numérica nas portas e encontraram o número sete no final do primeiro andar.

Moulton bateu na porta e eles escutaram imediatamente alguém dizendo “Só um segundo” lá de dentro.

Yvonne Dixon abriu a porta cerca de vinte segundos depois. Ela estava suando um pouco e o apartamento cheirava a produto de limpeza. Dixon lançou um olhar cético para os agentes, sem abrir a porta inteira.

- Posso ajudar?

Mais uma vez, Chloe ficou feliz ao mostrar seu distintivo.

- Esperamos que você possa ter um tempo para conversar conosco sobre seu histórico com Lauren Hilyard.

Yvonne franziu a testa levemente e olhou para os dois agentes.

- Eu soube do que aconteceu – ela disse. – É triste.

- Sabemos que você trabalhava para ela – Chloe disse.

- Sim, trabalhei. – Ela parou por um momento, aparentemente percebendo para onde a conversa iria. Abriu a porta e os convidou para entrar. – Entrem, mas desculpem a bagunça. Eu estava no meio da faxina.

Eles entraram e Chloe percebeu que o apartamento era pequeno, mas confortável e muito limpo.

- O dono do prédio nos disse que você tem um trabalho no outro lado da cidade – Moulton disse. – Você está de folga?

- Não. Eu trabalho para a família Nelson. O pai geralmente está viajando a negócios. A mãe trabalha despachando documentos para o comandante na cidade. Ela tem uns horários estranhos, geralmente me forçando a acordar às quatro da manhã. Mas acabo tendo as tardes livres. Geralmente ela sai do trabalho por volta das três.

- Há quanto tempo você trabalha para essa família? – Chloe perguntou.

- Um pouco mais de três anos.

- Bem, de acordo com a história que contam na cidade, as coisas não terminaram muito bem entre você e Lauren Hilyard.

- Para dizer o mínimo – Yvonne disse. – Tenho certeza que tem muitas versões da história pela cidade, mas isso é o que *realmente* aconteceu. Carter, o filho deles, tinha cinco anos na época. Ele ainda não tinha idade para a escola e Lauren me fez passar por um tutorial simples e rápido sobre como preparar o pequeno para o jardim. Ela preferiu isso do que levá-lo para uma das creches da cidade. O menino era brilhante e sempre que ele se saía muito bem, eu dava um pirulito com chicletes para ele como recompensa—uma recompensa que, é claro, Lauren aprovava.

Yvonne fez uma pausa e então continuou:

- Bom, nesse dia... Eu ainda não sei o que aconteceu, mas Carter colocou o chiclete do pirulito no cabelo. E ele não me falou. Ele estava brincando no quarto dele, quando desceu e me disse que o chiclete estava grudado há quinze minutos. Eu fiz o possível para tirar com alguns métodos estranhos que encontrei online—sabonete, pasta de amendoim, tudo. Mas não deu certo. Tentei ligar para Lauren, mas ela não atendeu. Então tomei uma decisão e cortei. Não *estraguei* o cabelo dele nem nada do tipo, mas dava para ver. Quando Lauren chegou em casa e viu, ela ficou louca. Ela tinha ficado brava comigo outras vezes antes, mas essa foi *feia*. Parecia que ela ia explodir.

- Soubemos que ela deu um tapa em você – Moulton disse.

- Sim, deu mesmo. Ela me pediu para ir até a entrada da casa para conversar. Imaginei que era para que as crianças não ouvissem a gente discutindo. Assim que eu saí, ela começou a gritar comigo. Quando eu tentei falar algo, ela me deu um tapa. Acertou meu lábio, e foi tão de surpresa que eu quase caí pelos degraus da entrada.

- Imagino que ela tenha te demitido depois – Chloe disse.

- Então, aí é que está. Quando eu não apareci no dia seguinte, ela ligou para saber onde eu estava... como se estivesse me esperando, normalmente. Era como se ela estivesse fingindo que nada tinha acontecido. Depois ela acabou se desculpando por me dar um tapa. Mas é claro que eu nunca voltei a trabalhar para ela.

- Você falou com ela depois disso tudo? Talvez você tenha encontrado ela pela cidade alguma vez.

- Não. Depois disso foi só silêncio. Jerry tentou se aproximar de mim um dia numa mercearia para se desculpar, mas eu disse a ele que não queria conversar.

- Você se lembra de como ela era no ensino médio? – Moulton perguntou.

- Eu não frequentei a escola por aqui. Eu me mudei para Barnes Point com um cara. Um cara que acabou me batendo e indo embora. Daí fiquei meio perdida...

- Como você é tratada geralmente por esses grupos de mulheres da cidade? – Chloe perguntou. – Eu sei que esse lugar pode ser incômodo.

- Nunca fui *maltratada*, mas claramente se você não foi *sempre* parte do grupo, elas não te convidam para entrar.

- Então podemos dizer que você tem uma opinião imparcial dos grupinhos daqui?

- Acho que sim. Eu diria que a maioria das mulheres daqui gostam de se aparecer. Como se fossem melhores que você. O que é uma bobagem. Se elas fossem muito boas, por que ficariam num lugar como Barnes Point depois da escola ou da faculdade?

- Bom, dada sua posição neutra sobre a cidade e as pessoas – Chloe disse, - você consegue imaginar em mais alguém que possa ter tido problemas com Lauren Hilyard?

- Na verdade, sim. Semana passada, eu soube que ela demitiu um cara que eles tinham contratado para refazer os canteiros.

- As coisas não deram certo? – Moulton perguntou.

- Pelo que eu soube, não. Teve gritaria e tudo. Mas depois eu soube que o cara que ela contratou era meio assustador. Acho que por isso que Lauren demitiu ele.

- Como assim?

- O cara é um hispânico que não mora por aqui, mas costumava fazer vários trabalhos para as famílias ricas. Um desses caras que faz de tudo. Carpintaria, paisagismo, esse tipo de coisa. Surgiram rumores de que ele espiava pelas janelas e... bem... dava prazer a si mesmo enquanto espiava.

- Você sabe o nome desse cara?

- Desculpe, não. Mas ele tem um caminhão azul com escadas e ferramentas na carroceria. O adesivo no lado do carro diz “O Melhor

Marido de Aluguel”.

- Quão confiável você diria que essa história é? – Chloe perguntou.

- Bastante. Eu soube de uma mulher que mora a poucas casas de distância dos Hilyard. Ela trabalha no banco e aquelas mulheres estão *sempre* fofocando. Ela disse que ela e o marido tinham saído para caminhar quando Lauren estava gritando com o cara.

- Muito obrigada pelo seu tempo – Chloe disse.

- Claro – Yvonne respondeu. – Mas... pessoas estão dizendo coisas. Dizendo que a morte de Lauren está relacionado com assuntos políticos. É verdade?

- É muito cedo para dizer – Chloe disse. – Mas com sorte a informação que você nos deu vai ajudar a descobrir.

Yvonne pareceu feliz ao ouvir aquilo, e sorriu enquanto eles caminharam até a porta. Ela abriu e os viu sair, acenando quando eles chegaram ao carro.

- O Melhor Marido de Aluguel – Moulton disse ao digitar as palavras no celular. Ele encontrou um número no Google e ligou imediatamente. – Vamos descobrir se ele estava fazendo algo além de arrumar os canteiros na casa dos Hilyard.

CAPÍTULO NOVE

Ao ligar para o Melhor Marido de Aluguel, Moulton ouviu uma mensagem automática. A gravação dizia que o negócio funcionava das oito às cinco e que, se ele deixasse uma mensagem, alguém retornaria em breve. Moulton não deixou uma mensagem. Ele voltou a procurar no Google e encontrou mais informações sobre a empresa. O dono era um homem chamado Oscar Alvarez. O negócio tinha várias avaliações no Google e Yelp. Os que falavam especificamente sobre o trabalho do homem eram excelentes. Mas muitos outros pareciam lamentar o fato de que ele havia sido flagrado se masturbando enquanto olhava pelas janelas. Um comentário sugeria até que Oscar Alvarez era envolvido com pornografia infantil.

- Cara, a internet pode ser um lugar perigoso – ele disse. – Imagino quanto tempo vamos levar para conseguir os relatórios desse cara no FBI.

- Acho que é melhor irmos até a polícia local e ver o que eles têm aqui.

- Por isso você é a líder nesse caso – Moulton disse, sorrindo.

Eles encontraram a delegacia de Barnes Point treze minutos depois. Ficava no final de um rua comprida, que parecia terminar exatamente na área que separava o lado rico da cidade do outro.

Quando os dois entraram, uma mulher os recepcionou com um sorriso. Chloe perguntou-se se a Senhora Nelson—a mãe da família para a qual Yvonne Dixon estava trabalhando—estivera sentada ali mais cedo, naquele dia.

- Posso ajudar? – A mulher perguntou.

- Somos agentes do FBI e fomos enviados para investigar o assassinato de Lauren Hilyard – Chloe disse. – Viemos atrás de informações sobre um homem que acreditamos que possa ser um suspeito.

- Ah, então vocês precisam falar com o Xerife Jenkins – ela disse. – E ele vai ficar feliz em falar com vocês. Vou avisar que vocês estão aqui. Mas podem seguir ali para os fundos. Ele fica na última porta à esquerda, ao fim do corredor.

Eles passaram pelo balcão e por uma porta indicada pela recepcionista. Encontraram a sala do xerife ao fim do corredor, com a porta já aberta.

- Xerife Jenkins? – Chloe perguntou.

O homem de meia idade atrás da mesa tirou o olhar da pilha de papéis que estava estudando. Atrás dele, havia um mapa do estado na parede, marcado com várias notas adesivas.

- Sim? – Ele disse. Mas pareceu entender quem eles eram em um ou dois segundos... Talvez por conta do uniforme. – Vocês são do FBI?

- Somos – Chloe respondeu. – Os dois mostraram suas identificações e se apresentaram. Imediatamente, Jenkins pareceu aliviado.

- Bom, eu não sei muita coisa sobre o caso dos Hilyard – ele disse. – Mas o que eu sei, é que vocês são bem-vindos aqui.

- Nós achamos que podemos ter uma pista – Chloe disse. – Queremos saber o que você pode nos dizer sobre um cara chamado Oscar Alvarez.

- Ah, senhor – Jenkins disse, encostando-se em sua cadeira, como se aquele fosse seu primeiro momento de descanso no dia inteiro. – Como o nome dele apareceu?

- Falamos com algumas pessoas e descobrimos que Lauren Hilyard demitiu Alvarez semana passada, um dia antes do encontro do ensino médio.

Jenkins balançou a cabeça devagar.

- Olhe... eu ainda não sabia disso. Eu falei com todo mundo que poderia ser próximo à família e ninguém me falou disso. Eu nem sabia que eles tinham contratado Alvarez para algum serviço.

- Pelo que soubemos, ele estava mexendo nos canteiros. Aparentemente eles brigaram sério, e um dos vizinhos que estava passando pela casa viu.

- Bom, eu acredito. – Jenkins empurrou-se na cadeira até um arquivo e puxou alguns documentos. Chloe não sabia porque, mas ela sempre via um certo charme quando alguém usava um arquivo como aquele. Era algo confiável, algo tangível, e não algo codificado em alguma rede ou sistema eletrônico.

- Oscar Alvarez – Jenkins disse, entregando uma pasta a eles. Moulton pegou a pasta, mas não abriu imediatamente. Ele pareceu preferir ouvir cada palavra de Jenkins. – Ele foi preso por má conduta dois anos atrás enquanto construía uma varanda para a família Harper. De acordo com a senhora Harper, ela viu ele se tocando uma vez mas imaginou que talvez ele estivesse... bem, se *ajeitando* ou algo assim. Mas depois ela flagrou ele tentando olhar pela janela do quarto enquanto ela trocava de roupa, e mais uma vez ele estava se tocando. Perdão por ser tão rude, mas ele deixou... *evidências*, bem ali, do lado da casa.

- Ele foi preso por isso?

- Três dias aqui na cela e uma multa de três mil dólares. Ele se afastou de Barnes Point por um tempo depois. Voltou cerca de oito meses atrás, falou diretamente comigo, e jurou que tinha mudado. Disse que queria eu fosse o primeiro a saber porque ele iria tentar trabalhar de novo em Barnes Point. Eu desejei boa sorte porque ninguém contrataria ele de novo, pelo que todo mundo sabia dele. Para minha surpresa, alguns contrataram. Na maioria das vezes para pequenos serviços. Ele é mais barato do que qualquer outro marido de aluguel e qualquer empresa do ramo por aqui. E sendo sincero, ele faz um trabalho muito bom.

- Onde ele mora? – Moulton perguntou.

- Na cidade de Winston, cerca de quinze quilômetros para o sul. Mora meio longe da estrada.

- Tem mais algum problema com ele?

- Não. Nada sério. Claro, as histórias ainda correm por aí, mas nada certo. Pelo que eu soube, ele estava falando sério: se tornou um homem melhor.

- Você disse pelo que você *soube*? – Chloe perguntou.

- Sim. Eu decidi dar uma... olhada nele quando ele voltou. Não encontrei nada sério. Não vou julgar o cara, sabe? Todo mundo erra.

Após ouvir aquilo, Moulton abriu a pasta. Havia apenas três folhas dentro. Ele olhou rapidamente e leu apenas as melhores partes em voz alta.

- Agressão em 2003, abuso conjugal em 2006, preso por indecência pública em Roanoke em 2009. – Moulton levantou suas

sobrancelhas. – E você não suspeitou de nada desde que ele veio falar com você?

- Claro que sim – Jenkins disse, parecendo um pouco ofendido. – Por um tempo, continuei de olho nele. Ia até o trabalho dele, ligava para as pessoas que o contratavam. E não ouvi nenhuma reclamação. No entanto... a coincidência dele ter sido demitido pelos Hilyard a depois Lauren aparecer morta... é, não tem como ignorar.

- Você tem o endereço dele? – Chloe perguntou.

- Está na pasta. Vocês querem que eu vá junto?

- Acho que não. Por enquanto, vamos devagar, visitar... ver o que acontece. Mas esteja pronto caso a gente precise de ajuda. E se você tiver uma cela ou uma sala de interrogatório, você pode deixar pronta por favor?

- Sim, posso cuidar disso.

Moulton já estava digitando o endereço de Alvarez no aplicativo de localização. Quando terminou, assentiu para Chloe.

- Obrigado, xerife – ele disse.

Chloe assentiu ao sair do escritório. Ela viu que o velho xerife parecia um pouco aliviado por não ter que acompanhá-los. Imaginou se seria porque agora ele poderia culpar o FBI se aquele crime tivesse de fato alguma ligação política.

É melhor não dar motivos para ele culpar ninguém de nada, então, Chloe pensou ao sair da estação em direção ao carro, quando o dia começava a escurecer.

A cidade de Winston fazia a parte mais pobre de Barnes Point ficar bonita, quando comparadas. O pequeno município tinha apenas uma conveniência que também servia de restaurante de frango frito e um correio. Qualquer outra coisa que a cidade pudesse ter estava escondida nas ruas estreitas da área rural de Virginia.

Por conta do tamanho do lugar, Chloe e Moulton encontraram rapidamente o endereço de Oscar Alvarez. Seu trailer estava a cerca de trezentos metros da estrada, e podia ser visto apenas por conta da calçada bem cuidada. Quando estacionaram atrás do caminhão que dizia Melhor Marido de Aluguel, Chloe notou que um

galpão estava sendo construído nos fundos da propriedade. Ela lembrou-se de Jenkins dizendo que Alvarez trabalhava melhor do que qualquer outra pessoa em Barnes Point. Se aquele galpão fosse trabalho dele, o comandante estava certo.

Enquanto os agentes caminhavam até a entrada, as luzes se acenderam e a porta frontal se abriu. Um homem hispânico olhou para eles, com seus cabelos e barba escuros se misturando com a escuridão da noite.

- Quem está aí? – ele perguntou.

Ele correu para a porta ao ver as luzes, Chloe pensou. Me parece um pouco suspeito...

Ela percebeu que Moulton deu um passo em sua frente, como se em um gesto de proteção. Não pode deixar de sorrir ao vê-lo retirar sua identificação do bolso da jaqueta.

- Agentes Moulton e Fine, FBI – ele disse.

- FBI? Que porra é essa?

O sotaque dele não era tão forte. Sua voz parecia-se com a de outro americano suspeito qualquer. Chloe se perguntou a quanto tempo Alvarez estava no país. Ela também se perguntou—talvez sendo um pouco preconceituosa—se ele era um cidadão legal nos Estados Unidos.

- Gostaríamos de fazer algumas perguntas para você – Moulton disse.

- Não – Alvarez respondeu, claramente com pânico na voz. – Não fiz nada errado.

- Ninguém está dizendo que você fez – Chloe disse. Eles chegaram à entrada da casa, mas pararam no primeiro degrau. Queriam indicar a Alvarez que não pretendiam ser invasivos. – Só estamos aqui para perguntar sobre uma mulher para quem você trabalhou recentemente.

Alvarez pensou por um momento e então saiu de dentro de casa. Ele fechou a porta atrás de si e encostou-se nela.

- Você não vai nos convidar para entrar? – Chloe perguntou.

- Não. De que mulher vocês estão falando?

- Lauren Hilyard. Nos disseram que você estava trabalhando nos canteiros dela e ela te demitiu.

- Sim, aquela mulher é doida, *loco*.

- Você pode nos dizer por que ela te demitiu? – Moulton perguntou.

- Eu nem sei, cara. Ela disse que eu estava fazendo muita sujeira no quintal. Que eu estava sendo bruto com a grama. E depois me chamou de pervertido por coisas que eu fiz no passado. Aquela vadia começou a gritar comigo, no quintal da frente da casa dela.

- Você saiu de lá na mesma hora?

Alvarez assentiu, mas permaneceu quieto.

- Sim ou não, senhor Alvarez?

- Eu não sei o que mais você quer saber. Eu saí quando ela me disse que eu estava demitido. Ela nem me pagou. E eu nem tentei receber porque não queria lidar com aquela louca de novo.

- Você ficaria surpresa se soubesse que Lauren Hilyard foi morta alguns dias atrás? – Chloe perguntou.

Ela procurou algum sinal de surpresa no rosto de Alvarez, mas não encontrou. Se houvesse, teria sido muito visível sob a luz da entrada.

- Não, eu não sabia.

- Acredita-se que ela foi morta só um ou dois dias depois de te demitir.

- Ah, e você acha que eu fiz isso?

- Eu não disse isso – Chloe respondeu. – Mas você foi a última pessoa com quem ela teve uma discussão.

- E isso me torna culpado?

- Pare com isso – Moulton disse. – Olhe... você está se recusando a deixar a gente entrar na sua casa. Você está dificultando nossas perguntas. Essas coisas *sim* tornam você suspeito. Especialmente com o seu passado criminal.

- Isso é passado. E para mim já chega. Boa noite, agentes.

- Não, ainda não acabamos – Chloe disse. – Senhor Alvarez, você pode nos dar um álibi para a noite de sábado e para o domingo da semana passada?

Ele assentiu e disse:

- Posso.

Então, abriu a porta e voltou a entrar.

- Senhor Alvarez, se for preciso, eu *vou* te prender. Podemos fazer essas perguntas aqui ou na delegacia.

- Isso é discriminação – Alvarez disse. Ele sorriu, como se soubesse exatamente o que estava fazendo. – Preconceito.
- Não, isso é você dificultando as coisas – Chloe disse.
- E isso – Moulton disse, dando um passo à frente – sou eu te prendendo.

Ele moveu-se com uma velocidade que Chloe não estava esperando. Foi quase como uma dança. Moulton segurou Alvarez e colocou os braços dele para trás sem ser muito duro. Ao algemar o homem, ele parecia não acreditar no que tinha acabado de fazer.

- Vamos – Moulton disse. – Para o carro. *Agora*, senhor Alvarez.

O sorriso já havia sumido do rosto de Alvarez. Ele tinha tentando usar o preconceito a seu favor, mas não conseguira. Além do mais... Chloe sabia que aquele não era o tipo de comunidade que seria simpática com ele apenas por conta de sua etnia. Ele tinha um passado criminal e a maioria das pessoas em Barnes Point tinham uma má impressão dele.

Fosse Alvarez culpado ou não, Chloe duvidava que as pessoas da cidade teriam pena dele. Ela deu-se conta de que eles descobririam em breve, enquanto o levavam algemado até o carro. Ele não disse mais nada e entrou no carro sem reclamar. Aquilo fez Chloe sentir-se desconfortável, com uma sensação que não a deixou no caminho inteiro até a delegacia.

CAPÍTULO DEZ

Chloe e Moulton sentaram-se do mesmo lado de uma pequena mesa, de frente par Oscar Alvarez.

- Eu não tenho certeza do porque você escolheu fazer as coisas assim – Chloe disse. – Se você é inocente, por que não responde nossas perguntas?

- Porque estou cansado de todos duvidando de mim. Estou cansado de todos pensando que eu não mudei. Eu fiz coisas muito idiotas, mas aquilo é passado. Não sou mais aquele.

- Então onde você estava o dia todo no domingo? Foi quando Lauren Hilyard foi assassinada. Você pode apresentar seu álibi?

- Estava em casa. Escutando um pregador de Lynchburg na TV. Depois, eu saí.

- Para onde?

- Para a mercearia, depois para a casa de um amigo.

- Quem é o amigo?

Alvarez balançou a cabeça.

- Eles não têm nada com isso.

- Não estamos dizendo que eles têm. Mas se nós pudermos saber onde você estava na hora em que a senhora Hilyard foi morta, podemos te liberar. É até meio idiota nós termos que te trazer aqui desse jeito.

- Eu concordo – Alvarez disse. – Estou sendo preso pelo assassinato dela? Vocês têm evidências?

- Ainda não – Moulton disse.

- Então vocês têm que me liberar. Eu conheço a lei.

Chloe então pensou em algo, algo no qual ela tinha pensado horas antes, na entrada da casa de Alvarez.

- Me dê um segundo – ela disse, virando-se para Moulton, mas alto o suficiente para que fosse ouvida pelos dois homens.

Ela saiu da sala de interrogatórios. A sala de observação ficava na porta ao lado. Encontrou o xerife Jenkins ali, com outros dois agentes, assistindo ao interrogatório em uma pequena televisão.

- Acho que precisamos mandar alguém na casa de Oscar Alvarez – ela disse. – Ele está escondendo algo. E ele não quis nos deixar entrar no trailer de jeito nenhum.

- Eu precisaria de um mandado para isso – Jenkins disse.
- Vá até lá e analise o local. Não entre nem nada do tipo. Olhe em volta. Veja se podemos achar alguma justificativa para entrar.
- Você acha que ele é o assassino? – um dos policiais perguntou.
- Não tenho ideia. Mas ele está escondendo *algo*. E seja o que for, isso vai responder sua pergunta.
- Vamos fazer isso então – Jenkins disse. – Você fica aqui? – Ele perguntou a Chloe.
- Sim. E obrigada pela ajuda.

Quando Jenkins e os policiais saíram da sala, Chloe voltou para a sala de interrogatórios. Moulton estava perguntando para Alvarez se ele já tinha discutido gritando com outros clientes.

- Eu já tive desentendimentos antes, mas nada desse tipo.
- Você sabia que uma mulher no outro lado da rua, a algumas casas de distância, viu a discussão?
- Não, eu não sabia disso.

Chloe respirou fundo e inclinou-se para frente, fazendo o possível para parecer simpática.

- Nos ajude, senhor Alvarez. Nós sabemos que você está tentando esconder algo—talvez algum segredo. E você fazer isso enquanto nós estamos aqui em meio a uma investigação de assassinato não é nada bom.

- Não, não estou escondendo nada. – Mas mesmo ao dizer isso, ele desviou o olhar e mexeu-se desconfortável na cadeira.

- Quanto mais cedo você nos contar, mais fácil vai ser para você. Se você tentar se escapar e nós descobirmos que você estava mentindo... vai ser bem ruim. Mesmo se o seu segredo não tiver nada a ver com Lauren Hilyard.

Alvarez olhou para a mesa, para seus dedos entrelaçados. Então, olhou novamente para Chloe e Moulton, e novamente para suas mãos—para cima e para baixo, como se estivesse refletindo sobre algo.

- Se eu contar... pode dar problema. Para mim, talvez. Mas não é comigo que eu estou preocupado.

- Se você for sincero conosco, talvez possamos te ajudar – Chloe disse.

Ele então olhou diretamente para os agentes. Chloe ficou surpresa ao ver lágrimas no canto dos olhos dele.

- É... meu primo.

- O que tem ele? – Moulton perguntou.

- Ele está lá em casa por enquanto. Quer encontrar um trabalho de carpinteiro em algum lugar. Queria poder contratá-lo, mas não posso. Estou deixando ele lá em casa até ele encontrar algo.

- E por que você manteve isso em segredo? – Chloe perguntou. Mas antes mesmo de terminar a pergunta, ela sabia a resposta. Nenhum americano, naqueles dias, passava um dia inteiro sem escutar notícias sobre aquilo—fossem qual fossem os motivos.

- Há quanto tempo ele está com você? – Moulton perguntou.

- Dois dias. Passei o sábado dirigindo até a Geórgia para buscá-lo. Ficamos lá no sábado e voltamos no domingo. Ele veio de algum lugar perto de Eagle Pass, no Texas, muitos dias atrás, e estava tentando carona desde então. Ele não deveria estar aqui, de acordo com o governo. Por favor... ele não pode voltar. Deixem-me ficar com ele aqui, para ele ter uma vida melhor.

Olhe a bagunça em que nós nos metemos, Chloe pensou.

- Ele está no seu trailer agora? – Moulton perguntou. – É por isso que você não nos deixou entrar?

- Sim – Alvarez disse.

- Mas ele pode confirmar que você estava na estrada, voltando da Geórgia, no domingo? – Chloe perguntou.

- Sim, pode.

- E ele está ilegal aqui? – Moulton perguntou.

Alvarez assentiu levemente e disse:

- Sim, seja lá o que isso significar.

- Sinceramente, nós não estamos nem aí para isso – Chloe disse. – Quem vai lidar com isso é o xerife Jenkins. Estamos mais preocupados com o assassinato. E se seu primo puder te ajudar, nós vamos te liberar.

Ela levantou-se e disse “só um segundo” a Moulton. Então, saiu da sala e ligou para Jenkins para contar as novidades. Ficou sinceramente preocupada com Alvarez e com o final da história—principalmente por estarem em uma cidade rural no sul do país.

Jenkins atendeu e Chloe lhe contou tudo. Ao terminar, deparou-se com um longo silêncio, que foi quebrado por Jenkins dizendo palavrões. Ele a agradeceu e desligou, deixando Chloe falando sozinha.

CAPÍTULO ONZE

Danielle já havia feito muita coisa nas últimas doze horas, mas ainda sentia que não tinha feito nada útil. Ela havia voltado ao bar para se certificar de que a nova bartender seguia fazendo um bom trabalho (e seguia) e passara a maior parte da tarde falando com fornecedores e especialistas em montagem.

Agora, ela estava relaxando em casa—ou seja, no apartamento gigante de Sam—com um taça de vinho e um livro. Eram nove e meia, e uma hora e meia já havia se passado da hora que Sam deveria ter chegado em casa. O que não era nenhuma novidade, já que sua programação sempre sofria mudanças.

Mas quando o relógio bateu 9:31, as suspeitas de Danielle já não puderam mais ser ignoradas. Ela caminhou até o quarto e encontrou o segundo iPad dele carregando no criado-mudo. Ela o destravou (o código era o resultado do Super Bowl histórico entre Patriots e Falcons) e abriu o calendário. Naquele dia, ele não tinha nada marcado para depois das sete.

Danielle então abriu as mensagens. Suas suspeitas aumentaram quando ela viu que havia apenas duas conversas ali: uma entre os dois, com mensagens de vários meses, e outra entre ele e o fornecedor de madeira do bar. Mas ela já tinha visto inúmeras conversas no telefone dele. Por que aquele iPad estava tão limpo?

Pare de achar que você entende de tecnologia, ela disse a si mesma. Talvez a maioria das mensagens vá direto para o celular dele. O que você está procurando, afinal?

Ela largou o iPad e voltou para a sala. Ao pegar sua taça de vinho, ouviu o som familiar das chaves na porta. Rapidamente deitou-se, para que fizesse parecer que estava tranquilamente esperando a chegada de Sam.

Ele entrou pela porta carregando sua maleta em uma mão e sua mochila surrada nos ombros. Havia alguns flocos de serragem no cabelo dele. Às vezes, Danielle brincava com os diferentes papéis que Sam precisava assumir durante um mesmo dia: uma hora como bartender, logo depois como carpinteiro, depois como empresário.

- Eu sei, eu sei – ele disse. – Estou atrasado.

- E tem serragem no seu cabelo – ela apontou.
- Sim, eu sei. Estava usando minhas habilidades no *lounge*. Mas ei... está ficando lindo. Você escolheu as caixas de som que falamos?

- Sim. Vão enviar amanhã.

Sam largou suas coisas ao lado da porta e olhou para Danielle com um olhar de desculpas.

- Eu sei que é tarde. Você tinha planejado algo?

- Não, tudo bem. Podemos jantar ou fazer algo amanhã.

- Tem certeza?

- Sam... está tudo bem.

- Ok. Bom... por que você não escolhe algo para assistirmos? Essa serragem está coçando meu pescoço. Preciso tomar banho.

- Sim, por favor.

Ele mostrou a língua para ela e seguiu da cozinha para a suíte principal. Danielle escutou-o por um momento e considerou entrar no banho com ele. O sexo entre eles era ótimo, mas tinha ficado menos frequente desde que ele se envolvera fortemente no projeto do *lounge*—o *lounge dela*. Fazia mais de uma semana, e ela não só estava sentindo falta, como também gostava de um sexo espontâneo no banho.

Danielle levantou-se e foi até o quarto na ponta dos pés. Enquanto esperava para ter certeza de que ele já estava no chuveiro, pensou em algo, uma ideia que surgiu como um mosquito que incomoda em volta da cabeça.

“Eu estava usando minhas habilidades no lounge. Mas ei... está ficando lindo.”

Era mentira. Ela sabia que as últimas madeiras no palco haviam sido colocadas no dia anterior. Ela havia ligado para o fornecedor mais cedo, naquela manhã, para garantir que ele tinha as medidas certas das caixas de som. Mas por que ele mentiria sobre aquilo?

Ela ouviu o closet do banheiro abrir quando Sam pegou uma toalha limpa. Danielle entrou no quarto e seguiu para o banheiro assim que Sam ligou o chuveiro. Ele parou por um momento e caminhou de volta até o espelho, na pia. Deu um passo atrás, quase sendo flagrada.

Ela viu pela porta que ele estava se olhando no espelho. Sam estava olhando para algo entre seu pescoço e ombro. Ele suspirou e disse:

- Cacete.

O espelho ficava na parede lateral, então Danielle pode espiá-lo nem aparecer no espelho. Ela pode ver claramente o que ele estava analisando em seu pescoço.

Leves marcas de mordidas. Um pequeno vermelhão do tamanho exato de uma boca.

Um chupão.

E eu não beijo ele assim há mais de uma semana, ela pensou.

A raiva tomou conta de Danielle, sobrepondo a razão imediatamente. Ela entrou no banheiro assim que ele saiu da frente do espelho.

- Algo errado? – ela perguntou.

Sam virou-se, claramente tendo sido flagrado. Mas ele tentou fingir que nada estava acontecendo.

- Senhor, você me assustou!

- O chupão também é culpa da serragem? – Danielle perguntou.

- Não é um chupão – ele disse, mas ao mesmo tempo tentou virar-se de um jeito que a marca não ficasse visível. – Acho que uma das tábuas que eu carreguei hoje deve ter machucado meu ombro—

- Você é bom em muitas coisas, Sam. Mas mentir não é uma delas.

Danielle então viu surgir uma expressão no rosto dele que a assustou. Em um espaço de dois segundos, sua expressão mudou de preocupação para indiferença.

- É mesmo? – ele perguntou, dando um passo na direção dela. Só então ela percebeu que ele estava completamente nu, prestes a entrar no chuveiro. – Porque já faz um mês que eu estou fazendo isso e só agora você descobriu.

- Quem é ela? – Danielle perguntou. Ela queria chorar, mas estava com muita raiva.

- Você não conhece. E não te interessa.

- Você é um idiota – ela disse. Então, virou-se e voltou para o quarto.

- Podemos falar sobre isso quando eu sair do banho – Sam disse.
- Depois que você tirar o cheiro dela do corpo? – ela gritou.
- Ah, cala a boca. Você se importa com isso? Estou te dando uma vida que você nunca teria sem mim. Então não venha me dizer que você é boa demais para isso.
- Para *isso*? – Ela perguntou. – Isso o que?
- Um cara que dá seus pulos fora.
- Vá para o inferno – ela disse. – Tome seu banho. Eu já vou ter ido quando você sair.

Sam riu. Ele caminhou até a porta do quarto, parecendo não perceber ou não ligar para o fato de estar totalmente nu.

- Que engraçado. Você vai me deixar?
- Eu já deixei outros homens por muito menos – ela disse.
- Tenho certeza que sim – Sam respondeu, entrando no quarto. E então, como se estivesse fazendo algo normal como matar um mosquito, deu um tapa no rosto dela. Foi forte, a fez girar e quase cair no chão.

- Eu conheço seu passado – ele disse. – Não pense que eu não sei o que você já fez. Eu salvei você. E você vai me deixar?

Danielle encheu-se de raiva novamente e devolveu o tapa com um soco com a mão esquerda. Se ela não estivesse com tanta raiva, o golpe poderia ter machucado mais. No entanto, só acertou o braço direito dele. Ele respondeu dando outro tapa. O lado direito do rosto de Danielle parecia ter explodido. Ela cambaleou para trás e ele seguiu indo na direção dela. Ele usou as duas mãos para empurrá-la com força na parede. Suas costas bateram com força e, por um momento, ela não viu mais nada à sua frente.

- Você não pode me deixar, garotinha – ele disse. – Para onde você vai? O que você vai fazer? Eu estou te dando uma oportunidade enorme. Um negócio que pode te deixar muito rica. E você vai me deixar por que eu pego outras aqui e ali?

- Cale a boca – ela disse, com medo de chorar na frente dele.

Sam veio até Danielle e a pressionou contra a parede, de uma maneira ao mesmo tempo ameaçadora e sensual.

- Você não é idiota – ele disse, inclinando-se a direção dela e mordendo seus lábios de leve, com força suficiente para machucar.
– Você não vai a lugar nenhum.

Danielle gritou e ele sorriu para ela. Era exatamente o que ela queria. Quando ele se distraiu, ela desferiu uma joelhada forte e rápida. Sam estava sem calças e cueca, então Danielle pode sentir que acertou o alvo em cheio. Sam caiu no chão. Ele tentou segurar as pernas de Danielle, mas ela já estava saindo do quarto.

Sam a xingou com palavras que ela já tinha ouvido de muitos homens antes, e Danielle seguiu para a porta da frente. Ao sair, ela sabia que não estava apenas deixando Sam, mas também um futuro brilhante—um futuro que estava pronto para ela, brilhando como um doce envenenado.

CAPÍTULO DOZE

O telefone de Chloe tocou assim que ela entrou na recepção do Hotel 6 em Barnes Point. Ao ver o nome de Danielle na tela, ficou confusa. As conversas com sua irmã não vinham sendo as melhores ultimamente. Mas já eram dez e meia da noite, e ela seguiu seus instintos. Uma ligação de Danielle àquela hora provavelmente traria más notícias de um jeito ou de outro.

- Preciso atender – ela disse a Moulton quando eles se aproximaram do balcão. – Você faz o check in dos quartos?

- Mais de um? – ele perguntou, com um sorriso brincalhão e decepcionado.

- Bom, Johnson suspeitaria se tivesse só um quarto no relatório de despesas. Agora, como eu e você vamos lidar com isso depois... vou deixar você escolher.

Chloe voltou para o estacionamento e atendeu a ligação de Danielle.

- Ei, Danielle, tudo bem?

Ela ouviu uma respiração abafada seguida pelo que pareceu um soluço contido. Danielle estava chorando. Algo que não acontecia muito, mas quando acontecia, destruíra o coração de Chloe.

- Eu não sabia para quem ligar... – Danielle finalmente disse.

- Está tudo bem? Danielle... o que foi? O que aconteceu?

- Sam... ele me bateu. Forte. Me empurrou. Ele estava me traindo... e eu...

- Você está machucada? – Chloe perguntou.

- Não... Eu... Ah, senhor, me dê um segundo.

Chloe esperou. Ela escutou Danielle levar alguns momentos para se recompor. Respiração profunda, soluços e, por fim, uma voz cansada falando:

- Ele colocou serragem no cabelo e disse que precisava de um banho. Ele tinha um chupão. Não era meu. Colocou serragem no cabelo só para ter uma desculpa... para tirar o cheiro de outra mulher do corpo.

- E ele te bateu?

- Duas vezes. E depois me jogou na parede. Tive que sair. Eu tive. Eu fiz a coisa certa, né?

- Claro que sim. Danielle... você deveria dar queixa. Isso é agressão.

- Não. Não quero levar isso para frente.

- Onde você está agora? – Chloe perguntou.

- No meu apartamento. Uns vinte quilômetros da casa dele.

- Ele vai atrás de você?

Houve um silêncio por um momento, enquanto Danielle pensou naquilo.

- Merda, não sei... Não sei... Chloe, que merda.

- Vai ficar tudo bem. Você tem outro lugar para ir?

- Acabou tudo – Danielle disse. – O negócio que ele estava fazendo para mim. O futuro brilhante, a saída dessa vida miserável... já era. – Ela parecia mais com raiva do que machucada. E se tratando de Danielle, provavelmente isso era algo bom.

- Danielle, me escute. Você tem outro lugar para ir?

- Eu só tenho aqui.

- Não fique aí. Ele pode vir atrás de você... e se você não vai ligar para a polícia para dar queixa, pode ser perigoso. Você precisa sair daí.

- E ir para onde, Chloe? Não tenho para onde ir.

- Você lembra onde fica meu apartamento?

- Não posso ficar com você – Danielle disse, rindo nervosamente.

- Tudo bem. Eu estou em Virginia, trabalhando em um caso. Tem uma chave reserva na minha caixa de correio, no hall. A senha é sete-um-sete. Você pode ficar lá o tempo que precisar.

- Tem certeza? – Danielle perguntou.

- Claro. Arrume suas coisas e vá para Washington. Não sei quanto tempo vai levar até eu voltar, mas sinta-se em casa até lá.

- Chloe... obrigada.

- Se você quiser mesmo me agradecer, dê queixa desse idiota.

- Não vale a pena.

Chloe sabia que o que Danielle queria dizer é que não valia a pena passar por toda o incômodo que viria pela frente se ela prestasse a queixa. Mas elas poderiam discutir aquilo depois.

- Tudo bem. Me ligue quando você estiver lá em casa, ok?

- Ligo. Obrigada, Chloe.

- Por nada. Me ligue se você precisar de qualquer coisa.

Chloe desligou e viu Moulton vindo em sua direção. Ele estendeu a mão, segurando duas chaves. Então, percebeu que ela parecia assustada e disse:

- Tudo bem?
- Sim... Só alguns problemas na família.
- Algo muito ruim?
- Acho que não – ela disse. – Agora vamos... se demorar muito, nós vamos perder o momento de tensão de saber ou não se vamos quebrar o pacto de manter as coisas profissionais.

Chloe o seguiu até os quartos, já sabendo que o pacto seria quebrado rapidamente. Com o caso apenas começando e o único suspeito prestes a apresentar um álibi, e agora com o problema de Danielle, ela imaginou que quebrar o pacto era exatamente o que precisava para refrescar a mente.

Imediatamente—não mais do que vinte segundos—depois de Chloe levantar-se e seguir em direção ao banheiro para tomar um banho, ela ouviu seu telefone tocar. Ainda só com as roupas íntimas, com suas roupas sujas na mão, caminhou até o criado-mudo onde o celular estava. Ela viu o nome do Diretor Assistente Garcia na tela e atendeu na mesma hora, sentindo-se um pouco estranha por estar vestindo apenas calcinha e sutiã.

- Agente Fine falando – disse. Então, mexendo a boca, indicou para Moulton, que ainda estava deitado na cama, recuperando a respiração... - *Garcia*.

- Agente Fine, houve alguma descoberta significativa nas últimas horas? – ele perguntou.

- Não. Tínhamos um potencial suspeito, mas não deu em cada. Na verdade acabamos descobrindo um pequeno delito na cidade, mas o xerife está cuidando disso.

- Ok. Bem, eu sei que vai parecer que nós estamos perdidos e eu peço desculpas por isso. Mas preciso que você e Moulton voltem para Washington. Sendo mais exato, Johnson quer Moulton no escritório dele amanhã de manhã.

- Houve alguma coisa nova no caso? – ela perguntou.

- Não, nada disso. Mas eu não posso te falar os motivos pelo telefone.

- O Diretor Johnson também quer falar comigo?

- Talvez depois. Mas não, você não vai participar da reunião entre os dois pela manhã. Ele precisa estar lá às oito em ponto.

- Ok – Chloe disse. Ela tinha muitas perguntas a fazer, mas pode perceber na voz de Garcia que ele não responderia nenhuma delas.

Ela encerrou a ligação e olhou novamente para Moulton. Ele estava sentado na cama, com um lençol cobrindo a parte de baixo de seu corpo. Ele parecia preocupado.

- Garcia, é? – ele disse.

- Sim, ligando em nome do Johnson. Ele quer que a gente volte para Washington pela manhã. Johnson quer se encontrar com você na sala dele às oito.

- Ele disse por que?

- Não. Mas disse que eu não deveria ir. Pelo menos não pela manhã. – Ela pausou e depois sugeriu... – Você acha que ele sabe sobre... nós?

Moulton encolheu os ombros.

- Duvido. E mesmo se ele soubesse, acho que não seria motivo para nos tirar desse caso.

Chloe não sabia porque, mas achava que ele estava com muitos problemas. Seu rosto estava sério e seus olhos pareciam estar perdidos, sem focar nela.

- O que foi? – ela perguntou. – Tem algo errado, Moulton?

- Não, estou bem.

Chloe sabia que ele estava mentindo. Ele sabia de algo... mas estava optando por não dizer nada. Ela decidiu não insistir, imaginando que se fosse algo sério, ele a contaria.

- Bom, vou tomar um banho – ela disse. Depois, quase que como um teste, acrescentou: - Posso precisar de ajuda, se você tiver interesse.

O sorriso de Moulton foi tímido e forçado.

- Pode ser que eu vá depois. Mas não espere por mim.

Estava claro que ele *sabia* que ela tinha percebido algo—que alguma coisa estava lhe incomodando. Agora, Chloe precisava decidir se voltaria a tocar no assunto. Por ora, ela decidiu ficar

quieta. Se houvesse algo que ele precisasse contar, eles teriam o caminho inteiro de volta para Washington para isso.

Ela foi para o banheiro e entrou no chuveiro. Imaginou o que Moulton poderia estar escondendo enquanto esperava para ver se ele entraria no banho ou não. Acabou finalizando seu banho sozinha, imaginando quais segredos seu novo amor estaria escondendo dela.

CAPÍTULO TREZE

- Tem certeza que você não precisa me contar nada? – Chloe perguntou.

Eles já estavam na estrada há algum tempo, um pouco antes da metade do caminho de volta para Washington. Moulton estava dirigindo, encarando a estrada na escuridão da noite com um olhar determinado no rosto.

- Deixe eu te perguntar uma coisa – ele disse. – E pode soar mal, mas por favor me entenda.

- Tudo bem... o que?

- Eu sei tudo sobre você?

A pergunta a pegou de surpresa. E também a fez pensar em todo o drama que ela vinha vivendo ultimamente, com seu pai e Danielle.

- Claro que não – Chloe respondeu.

- E mesmo se nós fôssemos mais próximos... mesmo se nós já estivéssemos saindo quem sabe por alguns meses, teria coisas na sua vida que você não gostaria que eu soubesse?

- Não sei. Por que você está perguntando isso? Moulton... o que está acontecendo?

Ele pensou naquilo e, por um momento, Chloe imaginou que ele iria falar. Mas no fim, Moulton apenas balançou a cabeça.

- Vou te contar amanhã, depois do meu encontro com Johnson. Te prometo.

- Tudo bem – Chloe disse, em um tom que indicava que *não* estava tudo bem. – Só me diga... Está tudo bem? Você está em perigo ou algo do tipo?

- Não, nada disso.

Chloe não gostou do tom frio de Moulton. O jeito que ele estava falando fazia parecer que ela estava o irritando, como se de fato não quisesse falar com ela. Então, no restante do caminho para Washington, Moulton seguiu quieto, enquanto Chloe tentava imaginar se poderia confiar totalmente ou não naquele homem ao volante.

Já passava da meia-noite quando Moulton deixou Chloe em frente a seu apartamento. Ela encontrou-se querendo dar um beijo de boa noite nele, mas ele parecia muito perdido em seus pensamentos. Ele ainda parecia distante e frio, então ela apenas disse “tchau” e rapidamente saiu do carro. Ele respondeu o cumprimento, acenando de uma maneira forçada, e então arrancou o carro. Chloe viu o veículo entrar em outra rua, e tentou imaginar o que estava se passando na cabeça de Moulton.

Então, Chloe se lembrou de que havia mais um drama a esperando em seu apartamento... se Danielle tivesse de fato aceitado sua oferta. Correu para o prédio e foi até à fila de caixas de correio na entrada. Abriu a sua e a encontrou vazia—sem correspondências nem chave reserva.

Seu coração bateu forte quando pegou o elevador. Danielle nunca lidara muito bem com os problemas da vida. Aquilo significava que Chloe poderia estar diante de uma longa noite escutando Danielle destilar sua raiva sobre como sua vida não dava certo do jeito que ela queria, como os homens eram idiotas com ela e como sua vida tinha começado a dar errado desde que seu deplorável pai fora preso.

Obviamente, quando abriu a porta de seu apartamento e ouviu um som dos anos oitenta, Chloe ficou surpresa. INXS era a banda e, quando entrou na cozinha, Chloe viu Danielle balançando para lá e para cá enquanto limpava o balcão da cozinha. Ao ouvir a porta fechando e Chloe entrando, Danielle virou-se surpresa. Quando viu Chloe parada ali, ela correu e abraçou a irmã.

- Não esperava que você chegasse tão cedo – Danielle disse.

- E eu não esperava que você fosse limpar meu apartamento – Chloe respondeu.

- Precisava achar algo para fazer. Tinha que botar essa energia nervosa para fora e, para falar a verdade... seu balcão estava terrível.

- Desculpe. Não tenho muito tempo para limpar. – Chloe foi até a geladeira, pegou uma cerveja e abriu. Deu um gole grande, como se quisesse eliminar a tensão das últimas horas. – E então, como você está?

- Mais com raiva do que qualquer outra coisa – Danielle disse.

Chloe percebeu as marcas vermelhas no rosto da irmã. Pelo menos um dos tapas que ela tinha levado mais cedo havia deixado marcas.

- Ele veio atrás de você? – Chloe perguntou. – No seu apartamento, digo.

- Não sei. Saí de lá dois minutos depois de falar com você. E eu... me sinto uma idiota. Havia sinais por todos os lados. Quanto mais eu penso, mas eu acho que ele estava me dando esse negócio só para que eu fosse um laranja. Ele tem dinheiro por aí em muitos lugares e...

- O que?

- Nada. Nem quero perder meu tempo pensando naquele idiota. Vamos falar sobre você. Onde você estava?

Chloe estava escondendo um segredo enorme de Danielle. O fato de que seu pai havia aparecido na entrada daquele mesmo prédio, dois dias antes. Era uma notícia que atingiria Danielle com tanta força quanto os tapas que ela levara horas antes, mas Chloe não via porque não contar. Dada toda a situação com Moulton—seja lá o que fosse—ela sentiu que havia muitos segredos em sua vida naquele momento.

- Eu estava indo bem até ontem. Voltei para casa que tinha uma visita esperando por mim. Danielle... nosso pai está solto. Ele estava sentado na entrada do prédio, esperando por mim.

- Você está brincando? – Danielle perguntou.

- Não. É verdade. Ele estava bem ali, esperando por mim. Perguntou se eu queria almoçar ou jantar.

- Meu Deus. O que você disse?

- Que eu não tinha interesse. Disse que se um dia eu quisesse ver ou falar com ele, ou o encontraria.

Danielle apontou para a cerveja de Chloe.

- Você tem outra dessa?

Chloe pegou outra cerveja da geladeira, abriu e entregou para sua irmã. Ela percebeu que Danielle estava levemente tremendo, um tremor do tipo que toma conta do corpo quando uma pessoa está nervosa. Danielle caminhou até a sala e sentou-se no sofá. Chloe a seguiu, tentando não se esquecer do fato de que Danielle estava passando por muitos problemas. Ela tinha sido agredida pelo

homem que amava e depois descoberto que seu pai—um homem que ela odiara a vida inteira—estava livre da prisão.

- Fale comigo, Danielle – Chloe disse. – No que você está pensando?

- Estou pensando que é uma merda que quando o mundo começa a melhorar bastante, o mesmo mundo estraga tudo e te lembra do seu lugar. Chloe... eu acordei hoje de manhã com um futuro muito melhor do que eu poderia imaginar. E agora... tudo *isso*.

- Não acho que signifique muito coisa o pai ter saído – Chloe disse. – Acho que ele vai perceber que nós não queremos nada com ele e vai seguir sua vida.

- Se você não quer nada com ele, por que você fez tanto para que ele fosse solto?

Era uma pergunta justa e, até certo ponto, simples.

- Eu sabia que tinha algo errado na história que nós conhecíamos – Chloe explicou. – E não podia deixar isso assim. E quando comecei a procurar, logo descobri sobre Ruthanne... e que o pai não tinha matado a mãe.

- Ele veio até você, Chloe. Ele fez isso por algum motivo.

- Danielle... ele *não era* o assassino. E ele é meu pai. Não consigo deixar ele para lá como você. Mas também não gosto da ideia de ter ele de volta na minha vida.

- Espero que você saiba que eu não odeio ele simplesmente porque é mais fácil odiar do que perdoar – Danielle disse. – Tem coisas que você não sabe... coisas que eu não posso...

Chloe segurou a mão de Danielle. Ela pode senti-la tremendo, leve, mas constantemente.

- Você pode me contar – ela disse. – De verdade, na nossa vida familiar e na minha vida pessoal, eu estou farta de segredos.

Danielle balançou a cabeça.

- Não. Não posso. Não estou pronta.

- Danielle... você pode me contar. Ele está solto agora. Se tem algum motivo para você ter medo dele, você precisa me contar.

Ela olhou para Chloe, com lágrimas nos olhos, e riu em meio ao choro.

- Vamos dizer apenas que as marcas no meu rosto agora não são nada novo. E que a minha incapacidade de confiar nos homens vem

de algum lugar.

- E seu dom de não ser nada direta? – Chloe perguntou. – De onde vem isso?

Danielle riu de verdade agora, ao secar suas lágrimas.

- Talvez algum dia, logo, eu te conte tudo. Mas não posso agora.

- Por favor, não me entenda mal – Chloe disse. – Mas você ser vaga desse jeito me faz imaginar certas coisas. Coisas muito ruins.

- Não tem problema – Danielle disse. – Seja lá o que você estiver imaginando, provavelmente está muito perto da verdade.

Chloe não soube o que responder. Ela só conseguiu ficar ali sentada com sua irmã, refletindo sobre como elas tinham crescido com imagens diferentes de seu pai.

E perguntando-se se ele teria mostrado duas faces diferentes para elas.

Chloe acordou às 5:35 na manhã seguinte. Danielle ainda estava dormindo no sofá, depois de ter insistido que não dividiria a cama com sua irmã sem ter ideia de como era a vida sexual dela. Mesmo que não tivesse transado com Moulton em sua cama, Chloe ficou vermelha ao ouvir a brincadeira da irmã, e por isso não insistiu.

Chloe pensou em Moulton enquanto saiu silenciosamente do apartamento, sem querer acordar sua irmã. Ela pensou em enviar uma mensagem para ele, mas lembrou-se do jeito frio dele na noite anterior. Percebeu que deveria esperar pelo menos até após a reunião de Moulton com Johnson para falar com ele. Se ele precisasse de ajuda, pediria.

Ela caminhou pela rua até sua cafeteria favorita, fez seu pedido e sentou-se nos fundos do local. Procurou na internet o número da prisão de onde seu pai havia sido solto, telefonou, escutou uma mensagem automática e então apertou o zero para falar com um atendente. Chloe pediu informações sobre um preso recém solto, mas ouviu que o escritório não abria antes das 8:30. Chloe então explicou que precisava das informações para o FBI e informou o número de seu distintivo. A mulher pediu desculpas e disse que faria o possível para ter informações o mais rápido possível.

- O que exatamente você está procurando? – a mulher perguntou.

- Preciso saber o dia exato em que Aiden Fine foi solto. E gostaria de saber o número do agente da condicional dele.

- Vou fazer o possível para ter essas informações para você o mais rápido possível, mas pode ser que leve algumas horas.

- Entendo – Chloe disse, desligando.

Ela deu mais um gole em seu café, vendo as pessoas entrarem e saírem. Mais uma vez, precisou lutar contra a vontade de falar com Moulton. Saiu da cafeteria e caminhou pela quadra, vendo e ouvindo enquanto Washington começava a acordar naquela manhã de sexta.

Chloe já tinha voltado para seu apartamento quando seu telefone tocou. Ela estava pronta para ficar impressionada, imaginando que seria a mulher da prisão com as informações solicitadas. No entanto, viu o nome de Moulton na tela. Atendeu imediatamente, sem querer parecer muito animada.

- Ei – ela disse ao atender.

- Ei, Chloe – ele respondeu. Chloe nunca havia admitido, mas ela amava ser chamada por ele pelo primeiro nome ao invés do sobrenome—como os agentes faziam uns com os outros. – Olha, desculpe por ter sido um babaca ontem. Essa reunião... pode ser bem ruim.

- Mas você disse que não estava com problemas.

- Bom, nada de vida ou morte. Mas faltando menos de duas horas para a reunião, senti que precisava te contar o que está acontecendo. Não tenho certeza sobre o que vai ser a reunião, mas tenho um bom palpite. Eu recebi um e-mail do Johnson ontem à noite que me faz ter quase certeza.

- Então me conte – Chloe disse. – Não sou do tipo que julga. Esperava que você já soubesse disso.

- Eu sei. Mas... que tal um café? Algum lugar perto, porque não tenho muito tempo.

Chloe sorriu e olhou para a rua de onde tinha acabado de vir.

- Sei o lugar certo para isso – ela disse.

Estava claro no rosto de Moulton que ele não tinha dormido bem na noite anterior. Aparentemente ele havia ficado acordado por conta do estresse causado por seja qual fosse o assunto da reunião com Johnson. Ele estava bem vestido, no entanto, e havia feito o possível para estar apresentável. Quando sentou-se à mesa com seu café, parecia um homem prestes a encarar uma longa jornada.

- Obrigado por aceitar me ver – Moulton disse. – Depois do que eu fiz ontem, não sei se eu aceitaria se fosse você.

- Você foi um pouco frio – Chloe disse – e como foi logo depois do sexo, uma garota pode pensar mil coisas. – Chloe queria ter sido engraçada, mas sabia que não tinha conseguido. – Além disso... desde o momento que eu disse que tínhamos sido chamados de volta para Washington, eu sabia que tinha algo errado. Suas atitudes e humor mudaram completamente.

Moulton assentiu, tomando mais um gole de seu café em uma tentativa clara de atrasar a conversa. Quando largou o copo, não teve escolha a não ser continuar.

- Olha... essas últimas cinco semanas, por aí, quando as coisas estavam devagar no FBI, Garcia tinha me colocado em uma equipe que estava investigando um esquema de lavagem de dinheiro... um esquema entre um traficante de Boston, um corretor de Nova York e um banco aqui de Washington. Para te falar a verdade, até agora eu não sei bem certo como a operação estava sendo feita. Mas o que eu sei é que o grupo com quem eu estava trabalhando de alguma maneira descobriu sobre um carregamento que estava sendo entregue. – Moulton fez sinal de aspas ao dizer *carregamento*. – Esses caras lidam com dinheiro vivo porque é mais difícil de rastrear. E quando falo sobre *carregamentos*, são basicamente maneiras de fazer com que o dinheiro mude de mãos.

Moulton parou por ali, mas Chloe já tinha uma boa ideia do que ele diria a seguir. Ela nunca havia imaginado Moulton como um homem desonesto, mas ainda assim... todo homem tinha seus defeitos e nenhum era perfeito.

- Fizemos três prisões desse dia. Uma foi bem grande, um cara que era procurado por fraude eletrônica bancária há quase um ano. Mas mais do que isso... pegamos o carregamento em questão. Na nossa frente, escondido em várias bolsas, em um armazém no meio

do nada perto de Boston. Contando comigo, éramos quatro. E posso ver pela sua expressão que você sabe o que aconteceu depois.

- Quanto tinha no carregamento? – Chloe perguntou. Ela não sabia o que sentir sobre aquilo. Não sabia nem se deveria estar ouvindo tudo aquilo. Sentiu-se como estivesse associando-se a um criminoso.

- Seis milhões e meio de dólares.

Chloe abaixou a cabeça e inclinou-se para perto dele.

- Quanto você pegou?

- Cada um de nós pegou cem mil. Pensamos que seria pouco o suficiente para não ser notado. Afinal de contas ninguém tinha rastreado aquela carga. Fomos os primeiros a encontrar.

- Então como você acha que o Diretor Johnson descobriu?

- Não faço ideia. Não depus nada. Escondi tudo... e estou usando o dinheiro para pagar tudo nas últimas semanas, tentando me desfazer dele aos poucos, sabe? Eu sei que é estúpido... mas foi tão fácil. Estava *ali* e ninguém iria saber.

- Algumas notas deverias estar marcadas de algum jeito, eu acho – Chloe disse.

- Sim, eu acho que foi isso, também.

- Kyle... se a reunião for sobre isso, e ele tiver provas... pode ser *muito* ruim.

- Eu sei. Mas... eu queria que você soubesse antes da reunião. Se a reunião for mesmo sobre isso, eu não sei o que vai acontecer depois. Eu não queria correr o risco de não te ver mais antes de ser punido, seja lá como for. Eu precisava te contar.

Mesmo que estivesse de fato vendo Moulton com outros olhos agora, Chloe também sentiu pena dele. Ela nunca tinha o visto com medo antes. Ela deu as mãos para ele sobre a mesa.

- Eu entendo porque você não queria me contar – ela disse. – E quem sabe... Se todos vocês quatro estão envolvidos, talvez a punição não seja tão ruim quanto você está imaginando.

- Um agente de doze anos foi flagrado roubando dezessete mil dólares de uma carga russa de trem três anos atrás – Moulton disse. – Ele perdeu o emprego e passou dezoito meses numa prisão federal. É esse padrão que eu vou encarar.

- Senhor, Kyle...

Ele assentiu e deu um tapa nervoso na mesa.

- Enfim, preciso ir. Eu só precisava ver você antes. E eu sei que parece egoísta, mas espero que você possa me perdoar. Eu acho que o que eu e você começamos... poderia ter sido muito bom. Muito forte. Mas se essa reunião sair como eu estou imaginando...

Ele deixou a frase incompleta, como se falar em voz alta fosse fazer as coisas acontecerem.

- Me deseje sorte – Moulton disse ao passar por Chloe. Ele inclinou-se e a beijou gentilmente do lado da boca.

- Você quer que eu vá com você até lá? – ela perguntou.

- Não, só vai deixar tudo mais difícil. Tchau por enquanto, Chloe.

E assim, Moulton se foi. Chloe o viu sair pela porta e caminhar pela rua, deixando-a sozinha nos fundos da cafeteria pela segunda vez naquela manhã.

CAPÍTULO QUATORZE

Chloe ainda estava nervosa quando sentou ao volante de seu carro e começou a trabalhar. Seu coração estava triste por Moulton, apesar do crime grave que ele cometera, e ela esperava também que pudesse ficar com Danielle enquanto sua irmã ficava sem nada para fazer no apartamento. Ela lembrou-se do que Danielle havia dito sobre sua própria vida na noite anterior, sobre aquele momento em que você acredita que tudo está bem e o mundo vem e muda tudo, mostrando quem manda.

Sentiu-se um pouco assim ao estacionar e caminhar pelo prédio do FBI. Tinha acordado no dia anterior com Moulton a seu lado, quando os dois tinham sentindo um possível relacionamento aflorando. Eles estavam juntos em um caso, o primeiro trabalho interessante das últimas seis semanas. Sua vida estava melhorando, mesmo com a surpresa de ter encontrado seu pai na entrada de seu prédio.

E agora olhe onde você está, Chloe pensou ao se aproximar de sua sala. Ela olhou pelo corredor, na direção do escritório de Garcia, imaginando se poderia ver Moulton dali. Olhou seu relógio e viu que eram 8:10. A reunião dele já havia começado, no andar de cima, na sala de Johnson.

Chloe esforçou-se para tentar responder e-mails. Fez anotações sobre o caso de Lauren Hilyard, pensando que poderia ligar para o xerife Jenkins mais tarde para saber se havia alguma novidade sobre Oscar Alvarez e seu primo. Aquilo a fez pensar no que aconteceria com o caso. Johnson a mandaria novamente para lá sozinha ou talvez com um novo parceiro?

Chloe tentou focar no caso, mas era muito difícil. Ela só conseguia pensar em Moulton e no que viria pela frente.

Quando seu telefone tocou às 8:37, ela não pode deixar de pular. Pegou seu telefone, esperando ver um número familiar: o de Garcia, de Moulton ou até o de Johnson. Alguém que pudesse lhe dar notícias sobre a situação de Moulton.

Mas o número não estava salvo. No entanto, ela reconheceu o código de área.

Era da prisão—do lugar onde seu pai estivera preciso até recentemente.

- Agente Fine falando.

- Oi, Agente Fine. Aqui é Tammy, da prisão de Somerset. Falei com você mais cedo. Tenho as informações que você estava procurando.

- Obrigado por ser tão rápida – Chloe disse.

- Sem problemas. O detento Aiden Fine foi solto duas semanas atrás. Apareceu, uma nova evidência apareceu no caso e ele está na condicional. O agente da condicional dele é um homem chamado Benjamin Nettles. Você precisa do número dele?

- Sim, por favor.

Tammy passou o número e encerrou a ligação. Chloe nem chegou a esperar para pensar no próximo passo. Ela pensou em Danielle tremendo na noite passada, ao saber que seu pai havia sido solto da prisão. Lembrou-se também do que ela havia insinuado, sobre fatos de seu pai que Chloe nem sequer imaginava.

Ela ligou para o agente da condicional, que atendeu ao terceiro toque.

- Benjamin Nettles falando – ele disse.

- Senhor Nettles, aqui é a Agente Chloe Fine, do FBI. Preciso do contato de um homem que foi recentemente colocado na condicional. Um homem chamado Aiden Fine.

Nettles obedeceu e, ao anotar o telefone de seu pai, Chloe percebeu que, assim como Danielle, estava começando a tremer.

Às onze da manhã, Chloe estava tão nervosa que começou a sentir dores. Ela estava preocupada com Moulton, ainda sem notícias de ninguém sobre a reunião. Além disso, naquele momento ela estava estacionando em frente a um pequeno restaurante italiano, onde havia combinado de almoçar com seu pai. A conversa estranha com ele havia sido uma hora e meia antes, mas Chloe ainda podia ouvir cada palavra em sua mente.

Ela entrou no restaurante, praticamente vazio pelo horário, e viu seu pai imediatamente. Ele estava sentado em uma mesa de

esquina, comendo um pão e olhando pela janela. Chloe parou e olhou por um momento. Fazia anos que ela não o via sem grades ou um vidro blindado entre eles—sem contar dois dias antes, quando Aiden havia aparecido em seu prédio. Olhando para ele ali, Aiden parecia um homem normal. Não um desastre total, nem um possível assassino, muito menos o monstro que Danielle pintava dele.

Apenas um homem. Apenas seu pai.

Ela caminhou até a mesa. Ele olhou para cima e sorriu ao vê-la. O sorriso foi sincero, demonstrando uma alegria suficiente para deixar Chloe desconfortável.

- Muito obrigado por ligar – ele disse. – Eu estava muito preocupando achando que você iria querer manter distância.

- Eu também – ela disse. – E não posso deixar de pensar se eu tenho razões para isso.

Aiden suspirou e largou seu pão de volta na cesta.

- Mesmo depois de ter sido provado que não fui eu que matei ela, você ainda me odeia?

- Eu nunca te odiei, pai. Nem quando eu achava que você era o culpado. Nem quando eu descobri que você era tecnicamente inocente, mas estava traindo minha mãe com a mulher que a matou. – ela sorriu e, então, sem conseguir se segurar, acrescentou... – Aliás, como vai Ruthanne?

- Bom, pelo menos já é algo – ele disse.

Eles não falaram nada por um momento e a garçonete veio até a mesa registrar os pedidos. Aiden pediu lasanha, Chloe escolheu um sanduíche italiano. Eles se mantiveram em silêncio por um instante, e Chloe pegou um dos pães no centro da mesa. Ela perguntou-se se o destino de Moulton já estaria decidido. Pensou também se o namorado de Danielle já teria tentado entrar em contato com ela.

Era estranho como aqueles pensamentos vinham facilmente à sua mente enquanto seu pai estava sentado ali, bem a sua frente. Chloe esperava ficar tensa na presença dele. Mas algo na postura de seu pai e até na forma respeitosa como ele a olhava, na esperança de uma conversa produtiva, a fez perceber mais uma vez que ele não era nenhum monstro. Ele ainda era seu pai, apesar de tudo, e ela imaginou que as coisas fossem sempre parecer naturais

ao lado dele. Ela só queria que o encontro com ele fosse um pouco mais propositivo, e talvez até um pouco mais emocionante.

- Como vai Danielle? – Aiden perguntou.

- Ela está bem – Chloe disse, sem nem considerar a hipótese de contar a verdade a ele.

- Eu pensei em visitá-la...

- Seria uma péssima ideia – Chloe disse. – Como você saberia onde ela mora?

- Você sabe?

- Sei.

- Ela está morando com um cara? – A frase pareceu mais uma acusação do que uma pergunta.

- Deixe ela em paz, ok? Ela não está nem perto de te perdoar como eu.

Aiden pareceu querer dizer algo, mas se segurou por um momento. A garçonete chegou com a comida, fazendo Chloe perceber que o silêncio havia tomado conta da mesa há mais tempo do que ela imaginava.

- Pai...

Era estranho chamá-lo de pai agora que ele estava ali, em sua frente. Mesmo sendo algo natural, Chloe precisava se acostumar.

- Quando nós éramos crianças, aconteceu algo com Danielle? Talvez algo entre ela e a mãe e você que eu nunca soube?

Ele pareceu pensar naquilo por um momento enquanto mordida sua lasanha.

- Não que eu saiba.

Chloe precisou se segurar para não contar a Aiden como Danielle havia começado a tremer ao saber que ele havia sido solto, e nem que ela havia insinuado que tinha sido tratada por ele de um jeito muito ruim.

- Por que você sempre preferiu a mim? – Chloe perguntou.

Aiden olhou para Chloe como se ela tivesse atirado nele.

- Eu nunca mostrei mais afeto por uma de vocês do que pela outra.

- Mostrou, pai. Eu nunca entendi até ficar mais velha, mas você mostrou. Você nunca *evitou* Danielle, mas você era distante dela.

Mesmo ao dizer isso, Chloe começou a perceber algo. Era uma ideia, que tomou conta de sua mente aos poucos, como algo morto na água que aos poucos se vira para mostrar sua cara.

- Eu não lembro de ter agido assim com ela. Mas de novo... eu nunca fui o melhor pai, não é?

- Eu não disse isso – Chloe respondeu. Mas ela não estava ali por completo. Estava tentando pensar na ideia em sua mente. Havia algo lá... uma memória repreendida, talvez? Algo sobre seu pai tratando Danielle de um jeito diferente. Algo sobre privacidade, talvez? Parecia que sim, mas não fazia sentido naquele momento.

- Então, me conte como você acabou entrando no FBI – ele disse.

Chloe tentou mais um pouco recuperar aquela memória, mas não conseguiu. Então, fez o possível para manter o almoço agradável. Claro, ela não queria contar a ele que fora a morte de sua mãe e a prisão dele que haviam a levado por aquele caminho. Então, deu uma resposta qualquer. Respondeu de forma genérica todas as outras perguntas que seu pai fez nos quinze minutos seguintes. Não contou nada sobre sua vida íntima. Quando Aiden perguntou se Chloe estava saindo com alguém, ela respondeu “não agora”. O que, até onde ela sabia, não deixava de ser verdade.

- Chloe... Preciso te pedir algo – ele disse, ao empurrar seu prato vazio para o lado. – Eu não me orgulho disso e tenho vergonha de te pedir.

- O quê?

- Preciso de dinheiro emprestado. Não muito, só o suficiente para me virar nas próximas semanas. Reabrir contas bancárias de quase vinte anos atrás é muito difícil. Tenho um dinheiro no banco, mas está mais difícil do que eu pensei para ter acesso a ele... especialmente porque o nome da sua mãe está em toda a papelada.

Bem feito para você, Chloe pensou, com um pouco de culpa. Ela não queria dar dinheiro a ele. Ela não achava que ele estava mentindo, mas não achava correto. Tudo o que aquele homem tinha feito para ela e Danielle... tudo que ele fizera naqueles anos que acabara levando à morte de sua mãe...

O pedido também revelava o verdadeiro motivo dele tentar ficar de bem com ela. Aiden não queria saber de consertar a relação. Ele

só queria um empréstimo, pura e simplesmente. Chloe odiava ver o quanto aquilo a machucava—o quão traída ela se sentia.

- Quanto? – ela perguntou. Apesar da dor, ela poderia dar um dinheiro para ele. Talvez isso o fizesse ficar longe e ela poderia finalmente seguir em frente.

- Mil e quinhentos talvez? O suficiente só para pagar o aluguel e comprar comida. Assim que eu liberar o dinheiro, eu te pago.

- Bom, eu não ando com todo esse dinheiro. Mas meu talão está no carro. Posso fazer um cheque se você quiser.

- Tudo bem – ele disse. Aiden parecia verdadeiramente envergonhado. – Obrigado, Chloe.

Ela não se importou em dizer “de nada”. Na verdade, estava ocupada pensando em uma maneira de terminar o encontro sem parecer muito rude.

Mas por fim, não precisou pensar muito. Seu telefone, em cima da mesa, tocou. Chloe pegou-o imediatamente e viu o nome de Garcia na tela.

- Preciso atender – ela disse.

Aiden assentiu e começou a mexer em seu próprio telefone.

- Agente Fine falando – Chloe atendeu.

- Fine, é o Garcia. Fui até sua sala e você não estava.

- Sim, saí para almoçar. O que aconteceu? A reunião de Johnson e Moulton acabou?

- Sim. E vamos te contar o que aconteceu assim que você chegar aqui. Encontre-nos no escritório do Johnson o mais rápido possível. Você está muito longe?

- Posso chegar em vinte minutos.

- Até já, então.

Chloe finalizou a ligação e se levantou.

- Desculpe, preciso voltar para o trabalho agora.

Aiden sorriu e também se levantou.

- Ei... você está me dando um empréstimo. Deixe que eu pago a conta aqui.

Ah, obrigada, Chloe pensou. Ela apressou-se pelo restaurante e entrou no carro, pegando seu talão. Ao preencher o cheque para seu pai, todos os músculos de sua mão pareciam gritar, dizendo que ela era uma idiota. Chloe estava pressionando tanto a caneta no

cheque que uma gota de tinta manchou a folha quando ela terminou sua assinatura.

Ela viu seu pai saindo do restaurante quando colocou o talão na bolsa. Saiu e entregou o cheque a ele quase se escondendo, como se estivesse fazendo algo ilegal.

- Obrigado – Aiden disse. – Eu vou te pagar. Você só precisa me atender quando eu ligar.

- Vou tentar – ela disse, sem querer se comprometer. – Desculpe de novo, mas eu tenho que ir.

Chloe não esperou por uma resposta e não voltou a olhar para ele. Ela entrou no carro e deu a partida, entrando na rua. Ao seguir na direção da sede do FBI, percebeu que estava segurando o volante com muita força. Seus dedos estavam brancos e sua mandíbula cerrada. Tentou decidir se estava nervosa e com raiva pelo almoço com seu pai ou porque não tinha ideia de qual seria o destino de Moulton.

Ou talvez fosse uma memória de seu passado tentando aparecer, antes de sumir novamente em seus pensamentos mais profundos.

Por fim, decidiu que era um pouco de tudo. E ela não relaxaria nem respiraria tranquila até estacionar na sede do FBI. Mas até lá, a tensão continuaria.

CAPÍTULO QUINZE

Ao entrar na sala de Johnson, Chloe viu que Garcia não estava lá. Johnson, no entanto, parecia estar especificamente esperando por ela, parado atrás de sua mesa, olhando para a rua pela janela. Quando virou-se ao perceber a entrada de Chloe, ele tinha a mesma expressão que ela imaginou que ele teria quando precisava contar a alguém que uma pessoa tinha morrido. Seu coração se despedaçou.

- Chloe, vou direto ao ponto – ele disse.

- Tudo bem – Chloe disse, e não se sentou, Johnson estava em pé, então ela também ficou. Além disso, ela estava muito nervosa para se acomodar.

- O Agente Moulton se meteu em um problema sério. Às dez e meia dessa manhã ele foi suspenso por tempo indeterminado. Ele vai a julgamento em algumas semanas e se for considerado culpado, vai passar um tempo preso. Duvido que seja mais do que alguns meses, mas a carreira dele no FBI estará destruída.

Chloe fez o possível para não demonstrar sua tristeza. Ela sentiu raiva de Moulton naquele momento, perguntando-se como ele poderia ter sido tão estúpido. Ela podia lembrar dele dizendo “Estava bem ali...” e explicando como parecera fácil.

- Ele está aqui no prédio? – Ela perguntou.

- Não, ele foi levado para fora. Ele vai poder voltar amanhã, com outra escolta, para pegar suas coisas. – Johnson suspirou e colocou as mãos na cintura. – Agente Fine, você precisa ser honesta comigo: você sabia de algo?

- Não, senhor. Ele me contou hoje de manhã, antes da reunião.

- Por que ele fez isso?

- Além do que a suspensão dele poderia sugerir, foi porque ele é um cara honesto, no fundo. Ele sentiu que precisava me contar porque... não sei. Talvez porque ele achou que me devia isso, enquanto parceiro.

Desviei dessa, Chloe pensou. Mesmo assim, seria ruim se Johnson soubesse que nós estávamos dormindo juntos? Cara, ele deve ter falado durante a reunião. Provavelmente ele teve que contar todas as coisas antiéticas que fez no FBI.

- Também achei que ele era honesto – Johnson disse. – E um agente excelente. Essa história todo me assustou muito.

- Eu também – Chloe disse, sem conseguir segurar suas emoções.

- Mas apesar do que aconteceu com Moulton, ainda quero você no caso de Barnes Point. Recebi uma ligação do xerife Jenkins hoje pela manhã. Tive que retornar para ele depois da reunião com Moulton, na verdade. Ele disse que tem uma potencial testemunha... alguém que diz que sabe quem matou Lauren Hilyard. Ele está investigando a história da testemunha, mas muitas pessoas na cidade estão achando que o crime tem algo a ver com o pai de Lauren e as amizades importantes dele em Washington. Eu tentei explicar para ele que nós achamos que não é o caso, mas eles estão muito assustados e não vão me ouvir. Olhe, eu xingaria ele se nós tivéssemos outros casos mais importantes. Mas ele parece feliz de poder contar com você e Moulton. Ele perguntou se você tinha sido retirada do caso, mas eu garanti que iria enviar você para lá novamente.

- Tudo bem – Chloe disse. – Quando eu volto?

- Logo. Daqui uma hora, se possível. Vou mandar a Agente Rhodes com você. Ela está voltando agora e acho que vai ser um bom exercício para ela. O Diretor Assistente Garcia está contando a ela sobre o caso agora mesmo. E sinceramente... com Moulton fora, acho que ela pode ser a sua parceira por um bom tempo.

- Sim, senhor.

- Jenkins disse coisas ótimas de você, Fine. Continue assim.

- Obrigada.

Então, Chloe voltou para seu cubículo. Ela pensou em Moulton e em onde ele estaria naquele momento. Desejou que pudesse ao menos ter se despedido dele. O que ele fizera fora estúpido, e ela queria estar com raiva dele. Afinal de contas, aquela idiotice havia acabado com o começo de relação entre os dois.

Provavelmente ele está muito mais preocupado com outras coisas, Chloe, ela disse a si mesma. Não seja egoísta.

Chloe precisou focar para reunir suas anotações ao sair do cubículo. Uma ou duas vezes, ela teve certeza que choraria. Tudo estava contra ela: os problemas de Danielle, o aparecimento de seu

pai pedindo dinheiro e, agora, Moulton sendo afastado e provavelmente expulso do FBI. Parecia clichê pensar aquilo, mas Chloe achava que o mundo inteiro estava contra ela.

Quando a vontade de chorar passou, ela ouviu uma batida na porta de seu cubículo. Virou-se e viu um rosto familiar.

Rhodes estava sorrindo, vestida com um uniforme que era mais usado em campo do que no escritório, algo que ela não vestia há semanas, desde que conseguira voltar a caminhar. Ela parecia confiante. Parecia pronta para *de fato* voltar ao trabalho.

- Ei, Fine – ela disse. – Prontas para arrasar?

Chloe sorriu honestamente. Lembrou-se de como ela e Rhodes haviam se dado mal no início—com pequenas diferenças que haviam sumido após Rhodes quase morrer em seus braços.

- Sabe do que mais? – Chloe disse, determinada. – Acho que estamos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O caminho de volta até Barnes Point foi desconfortável para Chloe, mas ela fez o possível para não demonstrar. Ela estava muito interessada em voltar a trabalhar com a Agente Rhodes, mas sua mente estava fixa em Moulton. Chloe sabia que receberia mais informações durante o dia sobre o que iria acontecer com ele. No entanto, até o julgamento, ela não tinha o que fazer além de esperar pelo pior.

O pouco que ela escutara de Rhodes no caminho até Virginia fora muito interessante. A agente havia passado por trabalhos de pesquisa, ajudando outras equipes a encontrar informações para resolver seus casos. Também havia feito vários trabalhos escutando gravações de conversas sobre uma operação de tráfico sexual que estava sendo investigada em Louisiana.

- É horrível o que esses caras fazem – Rhodes disse, enquanto falava muito animada sobre o caso. – Trocam garotas por cocaína, alimentam o vício vendendo a vida de alguém, fazendo elas irem para algum lugar horrível do país para serem ‘alugadas’ por cerca de três dólares.

- Você parece bem interessada nesse caso – Chloe disse.

- Sim. O que é estranho, porque isso não estava nem no meu radar quando entrei no FBI. Estive falando com o Diretor Johnson sobre me colocar permanentemente nessa posição—que ajuda muita gente.

Quanto mais perto de Barnes Point elas chegavam, mais Chloe sentia a conversa com Rhodes fluir naturalmente. Por mais brega que parecesse, ela se perguntou se haveria algum tipo de conexão velada entre as duas, por conta do trauma que haviam passado juntas meses antes. Tinha sido uma maneira difícil de começar seu primeiro caso—ver sua parceira sofrer um tiro e quase morrer a caminho do hospital—mas Chloe achava que aquilo havia a moldado de certa forma. E por mais mórbido que parecesse, ela precisava agradecer Rhodes por aquilo.

- A propósito – Rhodes disse, - eu seria uma idiota completa se não dissesse isso... sinto muito por Moulton. Foi do nada, ein?

- Sim, não faz sentido. Mas... é isso aí. Ele se arrependeu e talvez vá aprender algo com isso.

- Sim, eu sinto muito. Parece que você está num carrossel infinito, sempre com um parceiro novo.

Chloe sorriu, forçando um pouco.

- É, mas acho que acabei com uma boa parceira.

Rhodes pareceu contente com a resposta. Chloe tinha certeza que Rhodes ainda sentia algum desconforto entre elas e aquele simples comentário pareceu fazê-lo desaparecer.

- Então – Rhodes disse, - Garcia me contou os detalhes, mas você poderia me dar uma perspectiva sua do caso?

- Claro.

Chloe passou o resto da viagem falando sobre o caso, passo a passo. Na verdade, aquilo foi bom para ela também. Ajudou-a a se afastar de todo o drama que ela vinha vivendo desde que voltara para casa e a fez voltar as atenções para o caso. Ao conversar com Rhodes, ela começou a ter uma ideia melhor do que estava acontecendo. Ela não tinha certeza do porque. Ainda não havia nada concreto, nada para o que fosse possível apontar.

E enquanto essas ideias se tornavam certezas em sua mente, Chloe animou-se ao ver a placa de Barnes Point à sua frente.

O xerife Jenkins estava fora da delegacia quando Chloe e Rhodes chegaram à delegacia. No entanto, a mulher no balcão de despachos disse a elas que estava as esperando, e facilitaria o trabalho das agentes o tanto quanto possível.

- Ele ligou para o meu supervisor e disse que havia uma testemunha no caso Hilyard – Chloe disse.

- Certo. E ela está aqui nos fundos, falando com alguns dos nossos agentes para um relatório oficial.

- Ótimo. Você pode nos mostrar onde é?

A mulher levantou-se de sua mesa e as levou pelo corredor. Elas passaram pela pequena sala onde Chloe e Moulton haviam interrogado Oscar Alvarez um dia antes. A recepcionista levou-as à última sala do corredor. Ela bateu na porta, que foi aberta

imediatamente por um policial acima do peso, com um bigode gigante. Ele aparentemente reconheceu Chloe, dando espaço para que elas entrassem.

- Entrem – ele disse. – Agente Fine, certo?

- Sim, e essa é minha parceira, Agente Rhodes. – Ela olhou para a mesa no centro da sala, dando um sorriso educado e assentindo para a mulher sentada ali. A mulher parecia ter quase sessenta anos, era muito bronzeada e tinha cabelos lisos perfeitos.

Claramente ela era do lado de Farmington Acres.

- Essa é a testemunha?

- Sim – o policial disse. – Essa é Sheree Goodman. Ela veio hoje de manhã para nos dizer o que viu, mas só agora teve tempo para fazer o relato oficial.

- Desculpe – ela disse. – Eu tive uma reunião de trabalho hoje de manhã e só pude voltar agora.

- Você se importa se nós falarmos com ela? – Chloe perguntou.

- Claro que não. Fique à vontade. Se precisar de mim, estarei ali na frente.

O policial saiu da sala, fechando a porta. Chloe sentou-se em uma das cadeiras vazias à mesa. Ela olhou o formulário de relato em frente à senhora Goodman e viu que ela estava escrevendo muitos detalhes.

- Senhora Goodman, você pode me dizer exatamente o que você testemunhou? E por que você esperou tanto para vir até aqui?

- Bom, primeiro eu pensei que não tinha nada com isso, e deveria ficar longe dessa história. Mas depois ouvi que ainda não tinham prendido ninguém e que não havia nem suspeitos para o assassinato da Lauren, então eu achei melhor vir.

- Ok, eu agradeço – Chloe disse. – Então, o que exatamente você viu?

- Bom, era domingo e eu sabia que Lauren estava sozinha. Jerry vai para o escritório quase todo domingo, para deixar as coisas prontas para os empregados na segunda-feira. Ele é um dos donos de uma empresa de propaganda, você sabia? Enfim... Eu estava no quintal dos fundos, colocando fogo no grill enquanto meu marido estava dentro de casa preparando hambúrgueres. Eu olhei para a

esquerda, para a rua, e vi alguém que parecia familiar caminhando na calçada, do outro lado.

- Onde exatamente você mora? – Rhodes perguntou.

- Farmington Acres. Quatro casas depois dos Hilyard.

- E baseada no que você sabe da programação de Jerry Hilyard, posso imaginar que você conhece-os relativamente bem, certo?

- Sim, conheço. Jerry vem de vez em quando assistir jogos dos Redskins com meu marido. Mas eu e Lauren nunca fomos tão próximas. Diferença de idade e tal...

- Ok, então você viu uma pessoa familiar – Chloe disse. – Quem era?

- Esse cara, jovem, já tem uma certa fama. Ele é um cara daqui chamado Sebastian Fallen. É mais novo... talvez tenha vinte e cinco, eu acho, por aí. Às vezes, no verão, ele corta grama e limpa a piscina pública aqui em Farmington Acres, sempre sem camiseta. As adolescentes ficam loucas por ele.

- Então não é incomum para ele estar no bairro?

- Ele aparece de vez em quando. Mas é raro vê-lo por aqui nos finais de semana. Eu admito... fiquei curiosa. Ele parecia estar com pressa, com a cabeça baixa, como se não quisesse que ninguém o visse. Então eu desci os degraus e fui até a frente da casa, fingindo que estava checando a caixa de correio. Eu mal o vi porque ele estava andando muito rápido, mas eu o vi indo da casa dos Hilyard até a casa da direita, dos Anderson. E ele estava muito perto da casa dos Hilyard.

- Você tem certeza? – Chloe perguntou.

- Sim. Eu até lembro que ele estava vestindo uma camiseta preta com o nome de uma banda. Rush, eu acho.

- O que você pensou na hora? – Rhodes perguntou.

- Sinceramente, pensei que Lauren podia estar traindo o marido. Mas eu *conhecia* Lauren o suficiente para saber que ela não era desse tipo. Ela e Jerry eram adoráveis juntos.

- Você disse que esse tal de Fallen tem uma fama – Chloe disse. – De que tipo de fama você está falando?

- Bom, ele é bem metido e nunca foi flagrado ou preso, mas há muitos rumores de que ele entrega drogas no bairro. Não acho que

ele seja perigoso... nem que entregue drogas pesadas, sabe? Ouvi que ele vende maconha e aquela droga do sexo, como falam.

- Ecstasy? – Rhodes perguntou.

- Essa mesmo.

- Então você acha que ele estava vendendo drogas para Lauren?

– Chloe perguntou.

- É a única coisa que consigo pensar. Faz mais sentido do que um caso, mas não acho que Lauren era do tipo que usava drogas.

- Você sabe que horas isso aconteceu? – Chloe perguntou.

- Cerca de meio-dia. Com certeza antes da uma.

Chloe pensou em todas aquelas informações antes de levantar da cadeira e ir até a porta.

- Obrigada pelo seu tempo, senhora Goodman. Você está fazendo um excelente trabalho nesse relato.

A senhora Goodman pegou a caneta que estava usando e voltou a prestar atenção no formulário. Estava claro que ela estava respondendo cada pergunta nos mínimos detalhes. Quando Chloe e Rhodes voltaram ao corredor, elas viram o policial voltando.

- Foi rápido – ele disse.

- O que você pode nos dizer sobre esse homem que ela viu...

Sebastian Fallen?

- Ele é tipo um fantasma – o policial disse, com um sorriso. – Nós só sabemos que ele vende drogas por aí. Quase sempre maconha. Mas nunca conseguimos pegá-lo e ninguém entregou ele ainda.

- Além de drogas, você acha que ele comete outros crimes? – Chloe perguntou.

- Difícil dizer. Não sei... num lugar como esse, se ele está ocupado vendendo maconha e nós não conseguimos pegá-lo, acho difícil que ele faça outras coisas. Entre nós dois, ele meio que me assusta. Nós tivemos ele aqui duas vezes, por dirigir embriagado. Ele tem esse tipo de comportamento que parece que nunca está nem aí para nada.

- Alguém foi atrás dele desde que a senhora Goodman veio contar essa história?

- Ainda não. Não temos evidências suficientes. Sinceramente, pode parecer sacanagem, mas o xerife Jenkins estava planejando fazer uma blitz a cerca de um quilômetro do Nelly's hoje, esperando

pegar ele. Imaginamos que tentaríamos trazer ele aqui para então perguntar o que ele anda fazendo.

- O que é o Nelly's? – Rhodes perguntou.

- Um dos dois bares de Barnes Point. O Nelly's fica do outro lado —o bar que as pessoas vão jogar sinuca e encontrar pessoas do ensino médio que elas costumavam odiar.

- E Fallen frequenta esse lugar? – Chloe perguntou.

- Todo final de semana, está sempre lá. – O policial então olhou para seu relógio e sorriu. – Cara, já são quase cinco e meia de uma sexta-feira. Provavelmente ele já está lá.

- Eu e a Agente Rhodes vamos visitá-lo, então. – *Depois do dia que eu tive, só Deus sabe o quanto eu preciso de um drink*, Chloe pensou.

- Precisa de ajuda?

- Acho que não. Mas obrigada. Por favor diga para o xerife Jenkins que nós viemos e que estamos por aqui.

O policial assentiu, e as viu sair pelo corredor em direção à entrada do prédio.

Ao saírem e entrarem no carro, Rhodes perguntou:

- Todo mundo aqui é metido como a senhora Goodman?

- Eu queria que fossem – Chloe respondeu. – Tem amizades estranhas pela cidade toda. Pessoas que eram amigas na escola e ainda são amigas até os trinta, quarenta anos. As mulheres, especialmente... algumas coisas estranhas.

- Parece terrível – Rhodes disse. – Mas você sabe o que não é?

- O que?

- A ideia de estar indo para um bar em uma sexta-feira à tarde com a mulher que salvou minha vida. Pelo menos posso te pagar um drink.

- Me parece justo – Chloe disse ao sair do estacionamento com direção ao bar.

O Nelly's parecia qualquer um desses bares bregas e medíocres. A entrada tinha um pequeno anúncio com drinks especiais na janela, em letras simples. A sexta de drinks especiais nada mais era

do que whisky com refrigerante por dois dólares e jarras de Bud Light por cinco. Ainda não havia escurecido totalmente em Barnes Point, mas o estacionamento em frente ao Nelly's já estava relativamente lotado. Com uma rápida olhada no lugar, mesmo antes de entrar, Chloe pode ter certeza de que Jenkins e pelo menos alguns de seus agentes frequentavam aquele lugar aos finais de semana.

O interior do bar não ajudou muito a melhorar a primeira impressão de Chloe. Mesmo com sinais de “proibido fumar” por todos os lados, o local ainda tinha um cheiro de fumaça remanescente do passado. As paredes eram tingidas e o cheiro pairava no lugar, como um fantasma.

O bar estava quase cheio, mas ainda havia cerca de dez ou vinte lugares. Não mais do que vinte mesas—incluindo quatro bancadas furadas—faziam parte do bar. Nos fundos, três homens estavam jogando dardos enquanto dois casais mais jovens jogavam sinuca em uma mesa velha. Naquele momento, uma loira bonita estava inclinada sobre a mesa, fazendo cena, com seus seios praticamente pulando da roupa. Ela estava chamando a atenção de praticamente todos os homens no local.

Chloe sabia que seria uma irresponsabilidade beber em meio ao trabalho, mas também sabia que ela e Rhodes claramente pareciam ser intrusos no lugar. Além disso, se tudo corresse bem, elas sairiam dali antes de terminar o primeiro drink.

- Escolha uma mesa – Rhodes disse. – Vou pegar nossos drinks e perguntar ao garçom qual desses caras é Sebastian Fallen. O que você quer?

- Uma Guinness.

Rhodes assentiu e seguiu para o bar. Chloe sentou-se em uma das mesas de canto, sem querer chamar atenção em uma mesa central. Ela olhou para todas as pessoas e viu exatamente o que poderia esperar de um bar de cidade pequena numa sexta à noite. A maioria eram homens, sentados no bar e olhando para as TVs ou para os copos em frente a eles como se fossem bolas de cristal. Outros homens estavam olhando pela janela do bar, talvez imaginando que a rua lá fora fosse de outra cidade—qualquer outra cidade mais bonita. Já as mulheres também eram bastante clichê.

Eram bonitas, provavelmente entre vinte e um e vinte e cinco anos, mostrando-se para os últimos remanescentes solteiros. Elas tentavam se divertir e chamar a atenção para seus corpos. A única exceção era uma mulher sentada na ponta do bar. Ela estava um pouco acima do peso e parecia triste—como se a vida tivesse a castigando sem pena. Ela estava tomando algum drink com frutas e olhava para as garrafas no bar.

Rhodes sentou-se à mesa com as bebidas. Ela também escolhera uma Guinness—outro sinal de que talvez elas deveriam ser parceiras, Chloe pensou. Aquilo fez com que a dor por não saber qual o destino de Moulton fosse amenizada.

- O garçom disse quem é Fallen? – Chloe perguntou.

- Não. Mas ele disse que nunca nos viu por aqui. Também disse que nós duas somos muito bonitas. E por conta disso, garantiu que Fallen vai nos procurar daqui a pouco... e cara, acho que ele estava certo.

Ela apontou com a cabeça para a esquerda. Chloe virou-se e viu um homem caminhando em direção a elas, carregando um copo do que parecia ser rum ou whisky em uma mão e uma pequena bandeja com três copos de shot balançando na outra. Se ele fosse mesmo Sebastian Fallen, a senhora Sheree Goodman estaria certa. Aquele jovem era muito atraente. Seu cabelo estava bem arrumado e a sombra das cinco da tarde deixava seus olhos de certa forma mais radiantes. Chloe imaginou que, com aquela aparência, ele não deveria ter problemas de confiança para se aproximar de duas mulheres desconhecidas com drinks.

- Ei, meninas – ele disse. – Vocês se importam se eu me juntar a vocês?

Rhodes segurou um sorriso. Chloe pode notar que ela estava tentando decidir se deveria se fazer de mulher tímida ou manter suas compostura. Chloe, por outro lado, não tinha intenção de fingir nada para ele. Ela queria sair dali o mais rápido possível.

- Pode ser – Chloe disse.

Rhodes moveu-se para mais perto da parede para dar espaço ao homem. Ele então pegou dois copos na bandeja e deu um para cada uma.

- Para que é isso? – Chloe perguntou.

- Vocês não são daqui. Então imagino que estejam visitando. Considerem como um presente de boas-vindas.

- Legal – Chloe disse, pegando o copo. Ela cheirou e fez uma careta ao sentir o aroma de tequila. – Mas não aceito bebidas de estranhos. Qual seu nome?

- Sebastian.

- Hum, obrigada, Sebastian. – Ela tomou o shot e fez o possível para não expressar seu descontentamento. Chloe odiava tequila.

Ela viu Rhodes olhá-la com uma expressão de surpresa, que escondeu imediatamente. Então, Rhodes também tomou seu shot, entregou o copo de volta a Sebastian, e disse:

- Obrigada.

- Digo, essa é a melhor maneira possível – Sebastian falou, - mas vocês parecem ser legais demais para estarem em um lugar assim. O que fez vocês virem ao Nelly's? Tem muitos bares melhores no outro lado da cidade... lugares com *lounge*, restaurantes, drinks, tudo isso.

- Aqueles lugares são chatos – Rhodes disse.

- São – Chloe continuou, tomando um gole de sua Guinness. Era muito melhor do que tequila, mas ela simplesmente não estava com vontade de beber. Havia muita coisa acontecendo e ela estava com medo de ingerir algo que a fizesse pensar e agir mais devagar. – Mas aqueles lugares não costumam ter pessoas como você.

- Pessoas como eu? – ele perguntou, inclinando-se para frente e sorrindo. Foi um sorriso charmoso, e atraente, na verdade. Chloe imaginou que Sebastian Fallen ia para casa com uma garota diferente a cada final de semana... provavelmente garotas que frequentavam aquele bar.

- Sim – Chloe disse. – Você é Sebastian Fallen, certo?

- Sim – ele disse, com uma expressão curiosa. Fallen ainda parecia confiante, e não pareceu ficar assustado ao ouvir seu sobrenome.

Muito devagar, Chloe colocou a mão no bolso da jaqueta e pegou seu documento. Ela colocou-o na mesa e abriu.

- Precisamos fazer algumas perguntas, senhor Fallen.

- Isso é sério? – ele perguntou. Seus olhos se arregalaram e ele ficou claramente assustado, mas ainda havia traços de sorriso em

seu rosto.

- É bem sério – Chloe respondeu.

- Por que vocês precisam falar comigo? – Fallen perguntou. De repente, ele pareceu totalmente sem confiança. Ele arrumou a postura e começou a deslizar para a beirada de seu banco.

- Só precisamos fazer algumas perguntas – Rhodes disse.

- Sim, sobre o que? O FBI em Barnes Point? Sério? Que porra é essa?

- Só queremos saber onde você estava e o que você estava fazendo no domingo passado.

Sebastian pensou por um segundo e então apertou os olhos. Ele sabia o que elas estavam procurando e sua postura rígida deixou claro que ele não daria informações facilmente.

- O que é isso? – ele perguntou. – Estou sendo acusado de algo?

- Ainda não sabemos – Chloe disse. – Por isso que esperamos que você possa responder algumas perguntas para que tudo fique mais fácil para todos.

- Domingo passado? – ele disse. – Eu estava aqui e depois em vários lugares. Eu sou ocupado nos finais de semana, sabe.

- Você lembra de ter ido a Farmington Acres?

O olhar apertado tomou conta de seu rosto novamente. Fallen olhou para as duas agentes, não em pânico, mas parecendo assustado.

- Sim, passei por lá.

- Você estava visitando alguém?

- Sim. Bem, não. Na verdade não. Fui olhar o cortador velho no galpão de manutenção na piscina. Eu corto a grama lá durante o verão, sabe?

- Bom, o outono já está chegando – Rhodes disse. – Qual a necessidade de ver o cortador?

- A lâmina precisa ser trocada. E na verdade, estou tentando convencer os donos das casas de lá a comprar um novo.

- Foi o único lugar que você visitou? – Rhodes disse.

Havia pânico na expressão dele. Fallen levantou-se, tentando reganhar confiança.

- Olhe, se eu não estou sendo acusado de nada, você não pode me fazer perguntas como essa.

- Na verdade nós podemos – Chloe disse. Depois, ela inclinou-se para frente e diminuiu o tom de voz, como em um tom de conspiração. – Sebastian, nós sabemos o que todos sabem sobre você. Sabemos o que a polícia sabe, mas eles ainda não conseguiram te pegar. E sinceramente, não estou nem aí para isso. Se você está vendendo maconha, tenho que te dizer que é contra a lei. Eu seria uma agente de merda se não te dissesse. Mas não é por isso que nós estamos aqui.

Sebastian balançou a cabeça.

- Me diga o que é então e talvez eu possa ajudar.

Chloe queria esganar o pescoço dele. Mas manteve-se calma, sem querer fazer alarde.

- Suspeitamos que você visitou a cada dos Hilyard na tarde de domingo. Por volta do meio-dia. Isso é verdade?

Novamente, ele apenas balançou a cabeça.

- Não, não era eu. Eu nem conheço os Hilyard.

- Quem você conhece na região de Farmington Acres? – Chloe perguntou.

- Hum, para mim chega – ele disse. Sua confiança estava de volta, mas era forçada—uma cena.

Fallen começou a se afastar e, então, Chloe viu sua calma ir embora. Ela levantou-se antes mesmo de ter certeza do que estava fazendo. Segurou o braço direito dele, puxou com força e colocou atrás das costas dele. Depois, o empurrou contra a mesa, fazendo com que a ponta acertasse o estômago de Sebastian. Ele gemeu de dor e buscou o ar que havia perdido.

Rhodes juntou-se a Chloe e algemou Fallen. Chloe olhou em volta e não se surpreendeu ao notar que todos no lugar não estavam mais prestando atenção na loira jogando sinuca, e sim neles.

- Você me fez fazer isso – Chloe disse. – Agora, ao invés de responder nossas perguntas aqui, bebendo, você vai ter que responder na sala de interrogatórios da delegacia de Barnes Point.

- Vão à merda – ele disse em voz alta. – Vocês duas. – Fallen até riu ao dizer aquilo. Ele estava tentando fazer com que todos no bar —pessoas que ele via toda semana—acreditassem que aquilo não fazia sentido.

Chloe precisou se segurar para não acertar uma cotovelada nas costelas indefesas dele. Ela segurou o ombro de Fallen e o empurrou em direção à porta. Atrás deles, quando a porta do Nelly's se fechou, ela pode ouvir risadas e murmurinhos. Ela perguntou-se quanto tempo levaria até que a cidade inteira soubesse que o traficante da região tinha sido levado pelo FBI. E, talvez, quanto tempo levaria até que as pessoas comesçassem a ligar a prisão com a morte de Lauren Hilyard.

CAPÍTULO DEZESSETE

Quaisquer mentiras ou defesas que Sebastian Fallen tinha para si mesmo caíram por terra quando seus bolsos foram esvaziados na delegacia. Havia duas pílulas de ecstasy e uma pequena quantidade de maconha com ele. Com a droga à sua frente, a confiança havia sumido. Jenkins havia voltado de seu chamado e, quando viu Chloe e Rhodes escoltando Sebastian para os fundos da delegacia, um sorriso apareceu em seu rosto.

- Vocês se importam se eu participar? – Jenkins perguntou enquanto elas levavam Sebastian para a mesma sala onde Chloe havia interrogado Oscar Alvarez dois dias antes.

Não... não foi dois dias atrás, ela pensou. Foi ontem. Jesus, as últimas vinte e quatro horas foram uma loucura.

- Tudo bem – Chloe disse.

Jenkins aproximou-se de Chloe e murmurou para ela:

- Já faz anos que eu tento provar algo contra esse garoto – ele disse. – Você pode estar me fazendo um favor gigante.

Eles entraram na sala, e Rhodes levou Sebastian à única cadeira da mesa. Chloe não perdeu tempo, e parou no outro lado da mesa, olhando para ele.

- Quando as pessoas se recusam a responder perguntas como humanos normais, eu imagino que elas têm algo para esconder – ela disse. – Eu te disse: eu não me importo se você vende drogas. Agora, estou mais interessada no porque você está fingindo que não foi à casa dos Hilyard no domingo passado... na mesma tarde em que o marido de Lauren a encontrou morta.

Sebastian parecia assustado como um animal encurralado.

- Sabe, eu ouvi que alguém a matou. Soube que foi feio. Mas... eu não fiz isso. Você não acha que fui eu, acha?

- Eu não sei – Chloe disse. – Principalmente por conta do jeito que você tentou fugir de nós no bar. Eu preciso que você me fale agora o que você estava fazendo em Farmington Acres domingo passado... especificamente porque você foi visto fugindo da casa dos Hilyard.

Ele olhou para Jenkins, quase como se estivesse pedindo ajuda. Depois, olhou para a mesa, com os olhos passeando entre Chloe e

Rhodes.

- Sebastian – Jenkins disse. – Eu sei que você vende maconha. Talvez outras coisas também. E nós podemos lidar com tudo isso. Mas vou te dizer: quanto mais você cooperar com essas agentes, mais sua situação vai melhorar nesse caso das drogas. Você me entende?

- Mesmo? – Sebastian perguntou, esperançoso.

- Sim. Você tem minha palavra.

Sebastian suspirou e então olhou para as agentes. Ele parecia assustado e um pouco envergonhado também.

- Eu estava falando a verdade sobre o cortador de grama – ele disse. – Tenho prova disso, porque liguei para o dono e tentei convencê-lo a comprar um novo.

- Mas esse não era o único motivo de você ter ido a Farmington Acres? – Chloe perguntou.

- Não. Eu fui à casa dos Hilyard porque Jerry Hilyard me ligou uma noite antes. Ele me perguntou se os boatos sobre mim eram verdade... se eu ainda vendia.

- Ele queria comprar de você? – Rhodes perguntou.

- Sim. Mas ficou claro que ele não era do tipo que já tinha feito algo assim. Eu perguntei o que ele queria e ele nem soube responder. Disse que queria algo forte o suficiente para servir como relaxante. Algo para a dor.

- Então por que você não foi lá sábado à noite? – Chloe perguntou.

- Eu não estava na cidade. Estava em Farmville com uma garota. Então eu disse a ele que iria no dia seguinte. Ele disse que provavelmente estaria no trabalho, mas que eu poderia deixar o pacote no quintal dos fundos da casa dele.

- E foi isso que você fez? – Chloe perguntou.

- Sim, no quintal dos fundos da casa dele tem um sapo de cerâmica segurando um vaso de flores. Ele deixou o dinheiro lá para mim, e eu levei a maconha.

- Você não viu Lauren Hilyard enquanto estava lá? – Chloe perguntou.

- Não. Eu imaginei que ela não estava em casa, já que Jerry pediu para que eu deixasse o pacote no quintal.

Chloe acreditava nele, mas ainda havia muitas perguntas sem resposta. A história de Sebastian mostrava que ele estivera na casa dos Hilyard dentro do período de cinco horas em que Lauren fora assassinada. Mas ela também sabia que seria difícil provar que ele teria saído logo depois de pegar seu dinheiro.

- O que você fez primeiro? Levou a droga ou viu o cortador de grama na piscina?

- Fui à casa dos Hilyard primeiro.

- Quanto tempo você ficou lá?

- Não sei, Jerry me pediu para não estacionar em frente à casa... disse que não queria que as pessoas imaginassem coisas, sabe? Então estacionei algumas casas depois e fui caminhando. Essa caminhada, a ida até o quintal e a volta para o meu carro deve ter levado uns três minutos. No máximo cinco. Não tenho certeza.

- E você foi de lá direto para a piscina? – Rhodes perguntou.

- Sim. Você pode checar meu histórico de chamadas. Liguei para o senhor Hamlet depois de ver o cortador.

- Quanto tempo você acha que passou entre entregar as drogas e fazer a ligação?

- Não sei. Olhei o cortador por um bom tempo. Talvez uns vinte ou trinta minutos.

- O que você fez depois de sair do galpão de manutenção da piscina? – Jenkins perguntou.

Sebastian congelou e começou a balançar a cabeça. Ele olhou para Jenkins e para as agentes novamente com uma expressão de esperança.

- Isso vai ficar aqui? – ele perguntou. – Tipo, alguém mais vai saber?

- O único motivo pelo qual qualquer coisa que você disser vai sair daqui é se nós precisarmos checar seu álibi.

Sebastian suspirou levemente.

- O que foi, senhor Fallen? – Rhodes perguntou.

Sebastian olhou para Jenkins com preocupação nos olhos.

- Você conhece a família Shanks que mora em Farmington Acres?

- Sim, o que tem eles?

- Eu fui à casa deles depois.

- Fazer o que? – Jenkins perguntou.

- Eu e Rebecca temos algo... eu vou lá encontrar ela uma ou duas vezes por semana.

- Você e Rebecca Shanks? – Jenkins perguntou, incrédulo. Ele então virou-se para Chloe e Rhodes com uma expressão de descrença. – Rebecca Shanks é casada... provavelmente já há quinze ou vinte anos. Ela tem pelo menos quarenta anos. – O xerife então voltou-se para Sebastian e acrescentou: - Onde o marido dela estava?

- Ele trabalha fora da cidade o tempo todo. Estive na Europa nas duas últimas semanas. Nós já nos vemos há quase um ano.

- Senhor – Jenkins disse.

- Sebastian – Chloe disse. – Quanto tempo você ficou lá?

- Até cerca de sete horas. Eu tenho certeza disso porque é a hora que o marido dela liga toda noite.

Chloe olhou novamente para Jenkins.

- Você conhece bem ela?

- O suficiente, eu acho.

- Você acha que ela vai admitir isso?

Jenkins encolheu os ombros e começou a andar pela sala. Mesmo sem poder se colocar no lugar dele, Chloe imaginava como seria para Jenkins ver um único crime desvendar muitos segredos e pecados obscuros da cidade que ele chamava de casa.

- Eu posso escrever para ela e contar a história – Sebastian disse. – Mas... olhe, o marido dela não precisa saber, né?

- Tecnicamente não – Jenkins disse, contrariado.

- Você conhece as pessoas daqui muito melhor do que nós – Chloe disse. – Xerife, você se importa de checar isso? E talvez falar também com o dono da piscina?

- Sim, posso fazer isso.

Chloe tinha mais uma pergunta na ponta da língua, mas foi interrompida pelo toque de seu celular. Ela pegou o aparelho e olhou para a tela. Um surto de esperança tomou conta dela quando viu que se tratava de uma mensagem de Moulton.

- Agente Rhodes, preciso responder – ela disse, apontando para o telefone. – Você pode encerrar isso aqui e me encontrar lá na

frente? – Antes de esperar uma resposta, Chloe olhou para Jenkins.

– Tem algum lugar privado onde eu possa atender?

- Use minha sala. Do outro lado do corredor.

Chloe saiu da sala, já lendo a mensagem de Moulton. Era simples e direto ao ponto: *Desculpe pelo que aconteceu. Duvido que nós possamos nos ver tão cedo. Me ligue quando ler isso, se puder.*

Ela entrou na sala de Jenkins e ligou para Moulton. Odiou ver que estava nervosa, com raiva e ainda assim desesperada para vê-lo de alguma forma, livre. Chloe desejou que pudesse convencer a si mesma de que não estava se apaixonando por ele, mas as batidas de seu coração quando o telefone começou a tocar mostravam o contrário.

- Obrigado por ligar – Moulton disse. A voz dele parecia mais tranquila do que ela estava esperando. Chloe não podia imaginar o nível de estresse dele.

- Por nada – ela disse. – Como você está?

- Muito assustado – ele respondeu. – Queria que não tivesse nem julgamento. Eu vou ser punido, queria saber logo o que vai acontecer. A espera já é uma punição enorme.

- Johnson não me deu detalhes – Chloe disse. – Qual é exatamente sua situação?

- Estou suspenso até o julgamento, no mínimo. E mesmo se acontecer um milagre e o júri pegar leve comigo, ainda vou passar um tempo preso. Não tenho ideia de quanto, estou fazendo o possível para não comparar isso com casos dos quais fiquei sabendo.

- Soube que você vai ser escoltado até a sede amanhã para pegar suas coisas.

- Sim. Escoltado. Como se eu fosse um perigo muito grande para as pessoas da sede. Eu sei que o que eu fiz foi um crime, mas eles estão me tratando como se eu fosse um psicopata. Não tenho certeza, mas acho que tem alguém estacionado do lado de fora do meu prédio. Mas ei... não vai demorar tanto. Acho que vou ser colocado sob custódia logo, talvez amanhã, e vou ficar numa prisão

federal até o julgamento. Mas enfim... não vou ter certeza de nada disso até amanhã.

- Você precisa de algo?

- Não. Só queria falar com você. Sinto que amanhã vai começar uma bola de neve. Tenho muitas reuniões e formulários para preencher. – Moulton parou, talvez tentando pensar no que dizer a seguir. – Mas enfim, como vai o caso?

- Caminhando, mas devagar. Minha nova parceira é a Rhodes, ela parece animada.

- Que bom. Acho que devo deixar você se concentrar, então.

- Sim... mas Kyle... eu estou falando sério. Me diga se você precisar de qualquer coisa.

- Pode deixar. E mais uma vez... me desculpe. Eu queria muito que as coisas entre nós dessem certo. Mas acho que agora tenho certeza de que não vai dar.

Chloe não sabia o que dizer, então deixou o silêncio falar por ela.

- Enfim, obrigado por ligar – ele disse. – Foi bom ouvir sua voz.

A ligação foi encerrada, e Chloe agradeceu, já que não tinha ideia do que responder.

Ela percebeu que aquilo fora muito pior do que um término de relacionamento. Ela havia acabado de dizer adeus para alguém sem saber se voltaria a vê-lo algum dia.

CAPÍTULO DEZOITO

Eram 9:15 quando Chloe chegou novamente a Farmington Acres. Rhodes havia perguntado se elas poderiam checar novamente a casa dos Hilyard apenas para validar a história de Sebastian. Sem mais nada a fazer—além de voltar para casa e esperar por notícias de Moulton—Chloe concordou.

Quando estacionou em frente à casa, Chloe viu que algumas luzes estavam acesas. Ela perguntou-se se Jerry teria finalmente encontrado coragem para voltar para a casa, e se o quarto já estaria limpo. Curiosa, subiu os degraus com Rhodes a seguindo. Quando bateu na porta, o fez muito levemente, tentando ter em mente que provavelmente lá dentro havia um homem de luto, tentando decifrar como viver naquela casa sem sua esposa.

Jerry Hilyard de fato abriu a porta. Ele parecia ter acabado de sair do banho. Estava vestido com uma camiseta branca e um shorts de academia. Ele parecia estar melhor do que no dia anterior, mas claramente ainda estava mal.

- Senhor Hilyard, bom te ver – Chloe disse. – Eu não estava esperando encontrá-lo aqui.

- Eu também não – ele disse, convidando-as para entrar. – Mas percebi que tinha que começar de algum jeito. Só faz uma semana e só agora eles vão liberar o corpo de Lauren... mas mesmo assim, estava me sentindo estagnado na casa dos Lovington.

Jerry as levou até a cozinha, onde havia algo no forno. Cheirava a pizza.

- O quarto já foi limpo? – Chloe perguntou.

Ele balançou a cabeça.

- Não. Uma pessoa vai vir amanhã fazer isso.

- Você vai dormir aqui?

- Não sei. Posso usar o sofá. Mas... só o fato de tomar banho e tentar fazer algo para comer... já é estranho.

- Bom, nós ficamos felizes por você estar aqui – Chloe disse. – Estamos trabalhando no caso e até agora as duas pistas acabaram em nada. Apenas para verificar a última, eu tenho uma pergunta

para você: você entrou em contato com Sebastian Fallen no último sábado à noite?

- Sim – ele disse. – Entrei. Vou ter problemas com isso?

- Não. Mas... podemos confirmar que você queria comprar maconha?

Jerry pareceu um pouco envergonhado, mas assentiu.

- Sim. Eu e Lauren usávamos às vezes. Nada habitual. Sentávamos no quintal e fumávamos de vez em quando.

- Você pode me dizer o que você combinou com Sebastian?

- Pedi a ele quanto custaria, peguei o tanto de dinheiro e empacotei. Coloquei no vaso de flores lá atrás, um vaso que é segurado por esse sapo feio de cerâmica.

- E ele entregou?

- Acho que sim. Digo... foi no dia seguinte, depois da ligação, que eu encontrei Lauren. Foi só no outro dia, quando a polícia chegou aqui, que eu percebi o cinzeiro velho no quintal dos fundos. Tinha cinzas lá e o quarto tinha um cheiro leve de maconha. Se a polícia notou, eles não falaram nada.

- Foi Lauren que te pediu para ligar para Sebastian? – Rhodes disse.

- Não. Mas ela gostou quando eu liguei. Eu percebi que ela estava estressada com o encontro e que isso poderia ajudá-la.

- No passado, Sebastian sempre foi sua fonte?

- Duas vezes antes. Antes dele, havia outra pessoa na cidade... mas eu realmente não gostaria de falar sobre isso e entregar alguém.

- Há quanto tempo você diria que não compra desse outro vendedor? – Rhodes perguntou.

- Cerca de dois anos, eu diria.

- Você conhece bem Sebastian Fallen? – Chloe perguntou.

- Não. Eu vejo ele algumas vezes aqui e ali, mas só. Parece um cara do bem, eu acho. Do tipo que as mulheres gostam, pelo que eu vejo.

- As portas ficaram trancadas o dia inteiro no domingo? – Rhodes perguntou.

- Não posso ter certeza. Estavam trancadas quando eu cheguei. Eu lembro que tive que destrancar a porta da frente. E a dos fundos

está quase sempre trancada. Mas acho que Lauren pode ter esquecido de trancar quando ela saiu para buscar a maconha.

- Você se importa se nós dermos uma olhada em volta da casa? – Chloe perguntou.

- À vontade. Quando vocês terminarem, vai ter pizza pronta aqui se quiserem. Eu só fiz para ter algo para fazer. Nem estou com fome... não tenho fome desde o domingo passado.

As agentes foram à porta dos fundos e a analisaram. Chloe já havia checado as portas antes, mas analisou com mais cuidado agora. Tanto dentro quanto fora, não havia evidências de que alguém tivesse a forçado. Lá fora, Chloe passou a lanterna pelo quintal e viu o sapo de cerâmica. Ela viu o vaso de flores na mão verde, mas não encontrou nada.

- Sebastian não é o assassino – Chloe disse, olhando em volta.

- Eu também acho – Rhodes disse. – Só vamos esperar o xerife nos ligar para confirmar. – Ela então apontou com a cabeça para a porta dos fundos, de onde ainda podiam ver Jerry na cozinha. Ele estava tomando uma cerveja e olhando seu celular. – Você acha que ele pode lembrar de algo a mais nos próximos dias? Talvez algum detalhe que ele tenha esquecido em meio à perda da mulher?

- É difícil dizer. Eu só—

O toque de seu telefone a interrompeu. Chloe ousou imaginar que seria Moulton trazendo boas notícias, mas ao pegar o celular, ficou feliz ao ouvir a voz do xerife Jenkins do outro lado da linha.

- Acabei de sair da cara dos Shanks – ele disse. – Deu trabalho, mas Rebecca admitiu o caso com Sebastian. Pela reação dela, acho que na verdade esse caso já era agora.

- Ela confirmou o tempo que Sebastian esteve lá?

- Sim. Disse que ele chegou por volta de uma e meia e saiu às quinze para as sete.

- E o dono da piscina? Ele confirmou a ligação de Sebastian?

- Sim. E o histórico de chamadas do telefone dele também.

Sebastian ligou para ele ao meio dia e cinquenta e um, e a ligação durou quatro minutos.

Isso ainda nos deixa com cerca de meia hora para Sebastian ter voltado à casa dos Hilyard, se ele quisesse, Chloe pensou. Mas na verdade, ela sabia que não. Afinal de contas... ele tinha passado a

tarde inteira fazendo sexo com uma mulher de quase o dobro de sua idade. Era de se duvidar que ele tivesse cometido um crime grotesco contra outra mulher antes de chegar à casa dos Shanks.

- Obrigado, xerife. Vamos voltar para Washington, mas logo estaremos aqui de novo. – Chloe finalizou a ligação e guardou o celular.

- Voltar para o Washington? – Chloe perguntou. – Por que não passamos a noite aqui?

- Sinceramente, eu tenho um problema familiar em casa e preciso ir até lá. É só uma hora e quinze minutos. Você se importa?

- Claro que não – Rhodes respondeu. – Se Johnson não se importar. Está tudo bem?

Como eu começo a explicar tudo que está acontecendo com minha família? Chloe se perguntou.

- Sim – ela disse. – Tudo bem. Só... sabe, problemas de família.

Ela abriu a porta dos fundos e elas voltaram a entrar na cozinha dos Hilyard. Chloe percebeu que Rhodes estava a olhando com uma expressão de dúvida, mas decidiu ignorar. Naquele momento, uma parceira desconfiada era o menor de seus problemas.

CAPÍTULO DEZENOVE

Quando Chloe saiu do elevador e começou a caminhar em direção a seu apartamento, duas horas depois, ela ouviu os gritos imediatamente. Alguém estava discutindo muito alto, aumentando a voz e usando palavras duras. Chloe franziu a testa, imaginando o que estaria acontecendo. Ela só queria cair na cama e esquecer aquele dia.

Mas então, percebeu que conhecia a voz daquela mulher.

Danielle.

Ela correu até o apartamento e destrancou a porta. Ao abri-la, ouviu a voz de Danielle. De repente, Chloe parou por um momento, na porta.

- Pai, que porra você está fazendo aqui? – Chloe perguntou ao fechar a porta.

Ele estava parado entre a cozinha e a sala. Danielle estava na sala, quase encostada na parede. Ela parecia estar com muita raiva mas, ao mesmo tempo, muito assustada. Chloe nunca tinha visto tanto medo no olhar de sua irmã antes.

- Chloe, eu...

- É uma boa pergunta, Chloe – Danielle disse. – Que porra ele está fazendo aqui? Ele disse que almoçou com você...

- Pai... você não pode vir sem avisar – Chloe disse, ignorando Danielle. – Principalmente quase meia noite. Por que você está aqui?

Ela deu alguns passos em direção a ele, esperando acalmar a situação, e então obteve a resposta. Ele estava cheirando a álcool— algo muito forte, um cheiro que a fez lembrar do whisky barato que ele costumava tomar.

- Eu queria te ver, só isso – ele disse. – Mas eu cheguei e Danielle estava aqui, então...

- Você tem que ir embora, pai.

- Mas eu—

- Meu Deus, por que você não pode só escutar? – Danielle perguntou, ainda quase gritando.

Aiden pareceu querer dizer algo, mas engoliu as palavras no último instante. Ele virou-se, desviando o olhar de Danielle e dando um passo em direção a Chloe. O cheiro do Whisky estava claro agora, assim como seu olhar alcoolizado. Ele estava muito bêbado, e lidando com uma onda de emoção que estivera reprimida por quase vinte anos.

- Pai... qual o seu problema?

- Estou bem – ele disse. – Paguei o aluguel do apartamento graças a você. É bom se sentir cuidado e—

- Agora não, pai. Por favor... Eu e Danielle precisamos que você saia.

- Isso – Danielle gritou. – Você não pode entrar nas nossas vidas quando quiser. Achei que você fosse estar mais confortável sozinho agora, seu prisioneiro de merda!

Aiden franziu a testa e olhou para o chão. Foi uma expressão que, na verdade, fez com que Chloe o odiasse um pouco ao invés de sentir pena.

- Eu estraguei tudo – ele disse. – Machuquei todo mundo que eu amo.

- Pai, você—

- Vou ligar mais tarde – ele disse. Ele olhou para Danielle pela última vez. Ela virou-se para que ele não a visse chorando.

Aiden caminhou até a porta, e o único som no apartamento eram seus passos. Ele fechou a porta devagar e, quando Chloe ouviu o barulho da porta fechada, ficou feliz por ele ter ido. Talvez fosse a primeira vez em sua vida em que ela realmente desejou nunca mais vê-lo. Aquilo a entristecia, mas também a fazia se sentir livre, de um jeito estranho. Parecia que finalmente ela poderia se livrar de seu passado.

- Chloe, no que você estava pensando? – Danielle perguntou, caminhando rapidamente em direção à sala. Por um instante, Chloe pensou que Danielle fosse abraçá-la, mas ela parou a alguns metros da irmã e disse: - Como você pode almoçar com ele?

- Porque eu sou uma idiota sentimental – Chloe respondeu. – Ele apareceu na minha porta dias atrás e eu mandei ele embora. Me senti mal com isso, então me ofereci para almoçar com ele.

- Como... como você pode fazer isso tão facilmente?

- Não foi fácil. Mas eu pensei nele preso por quase vinte anos, talvez desejando que ele soubesse o que nós tínhamos passado. Desejei que ele quisesse nos ver. Me senti mal por ele.

- Você é sentimental demais. – O tom usado indicava que aquilo não havia sido um elogio. Nem de perto. – E ele disse que você o ajudou a pagar as contas ou algo assim. O aluguel? Chloe, você emprestou mesmo dinheiro para ele?

- Danielle... eu te amo. Mas isso não é da sua conta. O dinheiro é meu e—

- Ele ajudou a matar nossa mãe, Chloe! É claro que é da minha conta!

- Danielle...

Danielle balançou a cabeça e foi até o canto da sala, onde havia deixado sua única mala. Ela pegou a mala, juntou suas outras coisas e começou a caminhar na direção de Chloe—olhando para ela e para a porta.

- Onde você vai? – Chloe perguntou.

- Para minha casa.

- Danielle, você não pode. E se Sam vier atrás de você?

- É mais fácil lidar com ele do que com meu pai. E se ele acha que pode vir aqui quando quiser, seu apartamento também não é seguro para mim.

- Danielle, não seja estúpida.

Danielle virou-se e seu olhar fez Chloe apertar os punhos, entrando em um modo de defesa.

- Eu sei que você era a favorita dele – Danielle disse. – E sinceramente, eu prefiro assim. Mas nesse caso, a estúpida é você, Chloe.

Antes que Chloe pudesse dizer algo, Danielle abriu a porta e saiu. Chloe ameaçou ir atrás dela, mas parou. Ela já havia visto Danielle daquele jeito muitas vezes antes: quando ela não podia ter o brinquedo que queria quando era criança, quando seus avós não aprovavam os garotos que ela namorava com quinze anos, e quando elas lidaram com os detalhes da morte de sua mãe juntas.

Ela sabia que não adiantava ir atrás de sua irmã. E mesmo se Danielle voltasse para Sam, Chloe sabia que ela poderia se virar.

Ela não era o tipo de mulher que aceitaria aquela atitude de um homem duas vezes.

Ainda assim, sozinha em seu apartamento, Chloe não pode deixar de pensar que estava decepcionando todo mundo. Danielle estava decepcionada com ela, seu pai tinha expectativas surreais sobre ela, e ela sentia que estava totalmente sem rumo no caso Lauren Hilyard. Além disso, mesmo sem ter culpa nenhum no que acontecera com Moulton, não pode deixar de pensar que estava o abandonando.

Chloe se jogou no sofá e simplesmente olhou para o nada. Ela olhou para o canto do apartamento, onde a mala de Danielle estava até dois minutos antes, e perguntou-se como sua vida podia mudar tão rapidamente. Aquilo a fez pensar em Lauren Hilyard—uma mulher que parecia ter tudo, uma mulher que tinha aproveitado o encontro do ensino médio uma noite antes, e depois fora brutalmente morta cerca de doze horas depois.

Se seu trabalho a ensinava algo, era que a vida poderia ser linda e também brutal. Às vezes, ao mesmo tempo. O truque, aparentemente, era saber aceitar as duas coisas da mesma maneira.

Na época que Chloe e Danielle haviam começado a desvendar os segredos do passado de seus pais—no mesmo período em que a mídia não saía da frente de sua casa—alguém da equipe de Garcia havia enviado um e-mail para Chloe com informações sobre a psicóloga do FBI. Na época, ela havia ignorado a informação, mas agora, enquanto tentava dormir depois da saída de Danielle, ela lembrara daquilo.

A noite havia sido terrível. Chloe passara muito tempo perguntando-se se todos os agentes jovens precisavam encontrar uma maneira de separar a vida pessoal da profissional. Claro, Chloe sabia que o caso de seu pai fazia de sua carreira algo especial, mas ainda assim... ela sabia que não poderia ser uma agente excelente se fosse constantemente perturbada pelo passado.

Por volta de três ou quatro da manhã, Chloe finalmente conseguiu dormir. No entanto, ela acordou às seis, quando seu alarme tocou. Pulou da cama rapidamente, pois sabia que quanto mais ficasse ali, menos motivação teria para buscar a ajuda que sentia que estava precisando.

Ela tomou um rápido café da manhã enquanto checava seu e-mail. Sentiu vontade de ligar para Moulton. Também precisou lutar contra a vontade de telefonar para Danielle. Uma ligação só traria problemas e deixaria tudo ainda mais estranho entre elas. Devagar, vestiu-se e seguiu para o carro, onde ligou para o FBI e pediu para falar com a psicóloga, uma mulher chamada Mary Ziggler. Conversou com a secretária de Ziggler e conseguiu marcar uma conversa para as dez da manhã. Tão logo desligou o telefone, Chloe encontrou-se tentando pensar em uma razão lógica para ligar novamente e cancelar a consulta. Claro, havia a necessidade de voltar para Barnes Point logo. Mas tudo o que ela poderia fazer era prender alguém por imigração ilegal ou um traficante de cidade pequena. Ou seja, nada perto de resolver o caso Hilyard.

Enquanto olhava os arquivos da perícia sobre o assassinato de Lauren Hilyard, Chloe escutou uma voz familiar.

- Barnes Point hoje?

Rhodes estava parada na entrada do cubículo, com a cabeça para dentro. Ela tinha uma xícara de café nas mãos e o telefone na outra. Ela parecia tão cansada quanto Chloe, o que fez Chloe imaginar que ela também não deveria ter dormido bem.

- Provavelmente, em algum momento – Chloe respondeu. – Eu esperaria até nós sabermos de fato se temos algo novo antes de voltar para lá. Na próxima vez que formos para Barnes Point, eu gostaria de voltar para Washington com o caso resolvido.

- Entendi – Rhodes disse. – Desculpe. Estive atolada com papeis pelos últimos meses, me recuperando. Só o fato de pensar em sair daqui e ir atrás de pistas e suspeitos já me anima.

Chloe assentiu, sem saber o que dizer. Quando um silêncio desconfortável pairou pelo cubículo, ela viu que eram 9:55.

- Podemos conversar depois? – Ela perguntou. – Tenho um compromisso agora às dez.

- Claro. Podemos almoçar?

- Ainda não sei. Vou te mandar uma mensagem depois.

Rhodes percebeu o claro sinal de que Chloe não estava interessada em jogar conversa fora naquele momento. Chloe odiava parecer tão desinteressada, mas sua mente estava em muitos outros lugares. Ela e Rhodes trocaram sorrisos educados e se separaram. Chloe foi até os elevadores, seguindo diretamente para o consultório de Mary Ziggler.

Ela não sabia bem o que esperar, mas certamente não era o que viu quando entrou na sala. O consultório de Ziggler era como qualquer outro escritório. Era um pouco maior do que o de Garcia, mas menor do que o de Johnson. Havia duas cadeiras acolchoadas na parede, de frente para a mesa de Ziggler. Quando Chloe entrou na sala, Mary Ziggler olhou, com seus olhos brilhantes, por de trás de seus óculos de leitura, e sorriu.

- Agente Fine – ela disse. – Entre.

Chloe sentou-se em uma das cadeiras, percebendo logo o quão macia e convidativa ela era.

- Eu acho que lembro – Ziggler disse, - de que recebi seu nome muitos meses atrás, quando você estava lidando com o caso do seus pais. Acho que algum dos seus superiores estava esperando que você viesse me ver. Posso perguntar por que você decidiu não vir?

- Eu nunca pensei de verdade nisso – Chloe disse. – Não sou de expor meus sentimentos, sabe?

- A maioria das pessoas na sua área não é – Ziggler disse. – Mas então, o que mudou? Por que você veio hoje?

- Ah, então é assim? – Chloe perguntou com uma risada nervosa. – Direto ao ponto?

Ziggler reclinou sua cadeira e também riu.

- Isso é outra coisa que eu sei sobre a maioria dos agentes— especialmente os do programa de crimes violentos: eles não são fãs de conversa fiada. Mas posso inventar um assunto, se você quiser.

- Por favor, não. Vamos direto ao ponto.

- Então, vou perguntar novamente – Ziggler disse, educadamente. – O que lhe traz aqui hoje?

Chloe começou a falar devagar, primeiro sobre seu pai. Ela também mencionou que estava começando a se relacionar com

alguém, mas não mencionou nenhum nome. Sabia que havia um acordo de confidencialidade entre as duas, mas mesmo assim não quis citar o nome de Moulton. Terminou falando sobre a estagnação no caso de Barnes Point e a cena explosiva entre ela, Danielle e seu pai, na noite anterior.

Chloe então olhou o relógio na parede e viu que havia levado exatamente dezesseis minutos. Ela estava surpresa. Parecia que não havia passado sequer cinco.

- Então me parece que você está indo de altos muito altos até baixos muito baixos – Ziggler disse. – Faz sentido dizer isso?

- Sim. Estou lá no alto num minuto e no outro estou lutando contra um problema novo.

- Dada a maneira como foi sua infância, você diria que isso é um padrão na sua vida?

- Não sei. Já pensei nisso. Mas desde que me acostumei com o fato de que minha mãe estava morta e meu pai preso, as coisas ficaram bem. Apesar dessas duas coisas, minha infância foi ok.

- A perda dos pais com a sua idade é às vezes algo vago – Ziggler disse. – Você era muito nova para entender completamente, mas grande o suficiente para sentir a perda. Faz sentido que você ainda se sinta incerta sobre seu pai depois desse tempo todo. Você nunca soube o que sentir sobre a falta dele, nem quando criança, nem agora, adulta, entendendo melhor o que aconteceu naquele dia.

- Faz sentido, Mas eu preciso saber como superar isso. Preciso saber como manter meus pés no chão. Minha carreira, meus sonhos, minhas esperanças... e não focar muito em outra pessoa.

- Não tem razão para você não fazer as duas coisas – Ziggler disse. – Você está lidando com algo maior do que a maioria dos agentes da sua idade passa, você sabe. O que você precisa começar a entender é que, quando sua mãe morreu, isso não fez com que você automaticamente tivesse que fazer o papel dela.

Chloe recebeu aquelas palavras como um soco no estômago. Ela moveu-se na cadeira, um pouco ofendida, mas ainda estupefata.

- Não entendi.

- Me diga... por que você quer tanto que seu pai e sua irmã encontrem uma maneira de coexistirem?

- Porque eles são minha família. A relação deles é muito tóxica.
- E isso te afeta, certo?
- Claro.
- Como, exatamente?
- Bom, é... não posso... merda, não sei. Eu odeio o fato de Danielle não aturar ele. Ela fala dele como se fosse um monstro. Eu às vezes acho que ela sabe algo sobre ele que eu não sei.

- Repasse tudo isso. Sim, podem ser as preocupações com sua irmã—ou com qualquer outro membro da família. Mas a necessidade de cuidar de alguém da família geralmente vem de um instinto materno. Não que isso seja ruim. Mas eu me pergunto se você, inconscientemente, não tem tentado fazer o papel de mãe na sua família... talvez até quando você morava com seus avós.

Caramba, Chloe pensou. Ela está certa.

Um milhão de memórias dos tempos em que morou com seus avós veio a sua mente. Ela ajudando Danielle com a tarefa, a limpar o quarto e, além disso, tentando resolver os desentendimentos entre sua irmã e seus avós.

- É um bom ponto – Chloe disse. – Eu não consigo nem—

Seu telefone tocou no bolso. Ela olhou para Ziggler como se pedisse desculpas e o pegou.

- Desculpe. Estou no meio de um caso e, como falei, não sei nem onde minha irmã está agora.

- Tudo bem – Ziggler disse, aceitando as desculpas.

Chloe olhou seu telefone e viu o nome de Danielle na tela. O fato de sua irmã estar ligando tão cedo fez Chloe imaginar que ela estava prestes a ouvir más notícias.

Ela atendeu rapidamente, um pouco desconfortável por ter Ziggler tão perto.

- Ei, Danielle.
- Chloe, desculpe. Eu sinto muito. Mas preciso da sua ajuda.
- O que foi? O que aconteceu?
- Ele está na porta. Está trancada, mas ele está batendo com força.
- Danielle, ligue para a polícia.
- Não posso, Muita confusão... ele vai fazer parecer que eu sou a ruim e...

- Senhor, Danielle. Você está no seu apartamento?
- Sim, e ele—
- Vá se trancar no banheiro. Vou chegar aí o mais rápido possível.

Ao encerrar a chamada, Chloe percebeu que Ziggler havia se ajeitado em sua cadeira. Ela olhou para Chloe preocupada.

- Está tudo bem?
- Não sei – ela respondeu. E então, com um sorriso, acrescentou:
- Esse é um dos casos em que o instinto materno vai precisar agir.

E então, Chloe saiu correndo do consultório para o estacionamento.

CAPÍTULO VINTE

O apartamento de Danielle em Reston ficava a apenas trinta minutos da sede do FBI—quarenta e cinco quando havia muito trânsito. Ignorando completamente os radares de velocidade, Chloe fez o caminho até Reston em vinte e cinco minutos, estacionando em frente ao apartamento exatamente vinte e sete minutos depois de sair do consultório de Mary Ziggler.

Ela entrou correndo no prédio e subiu as escadas até o segundo andar. Uma parte de si desejou que Sam ainda estivesse lá, mas o corredor estava vazio. Aparentemente, ele havia desistido.

Ou ele conseguiu entrar, Chloe pensou, assustada.

Ela precisou lutar contra seus instintos para não empunhar sua arma. Mesmo colocar a mão na cintura naquele momento não seria o mais sensato. Mas ela seguiu, destemida, até a porta de Danielle. Poderia ser apenas sua imaginação, mas Chloe imaginou ter sentido o cheio de suor misturado a poeira ou serragem.

Ela tentou abrir a porta e ficou feliz ao encontrá-la trancada e inteira. Aparentemente, Sam havia sido esperto o suficiente para não invadir o apartamento. Chloe então bateu na porta, falando rapidamente em voz alta.

- Danielle, sou eu. Abra.

Ela escutou passos apressados imediatamente, vindo em direção à porta, que se abriu segundos depois. Danielle não perdeu tempo e deu um abraço apertado em Chloe.

- Você está bem? – Chloe perguntou.

- Sim. Ele me assustou. Pensei que ia derrubar a porta ou algo assim.

- Como você fez ele ir embora? – Chloe perguntou.

Danielle encerrou o abraço e acenou para que Chloe entrasse.

- Eu disse que liguei para a polícia. Ele riu, mas deve ter acreditado. Ele foi embora faz cerca de dez minutos.

- Por que ele estava aqui?

- Ele me disse pela porta que estava passando por aqui de carro e resolveu me ver. Disse que me viu entrando no prédio ontem. Que me queria de volta... que queria que eu fosse para casa com ele.

- Quanto tempo ele ficou batendo na porta?

- Não sei. Acho que uns quinze minutos. Eu nunca ouvi ele bravo daquele jeito antes, Chloe. Só por isso eu te liguei. Ele estava... estava me falando sobre as outras mulheres. Pelo jeito são duas. Ele estava me falando o que elas fizeram para ele e porque—

- Chega – ela disse. – Nem pense nisso. Não dê esse prazer para ele.

Chloe pensou no que Ziggler havia lhe dito, sobre como ela tendia a ter uma necessidade maternal para cuidar de Danielle, de uma maneira que sua mãe já não podia.

- Você vai voltar para o meu apartamento – Chloe disse. – E vai ficar lá até ele cansar de vir atrás de você.

- Não posso, Chloe. Te tratei como um nada ontem à noite. E se o pai souber onde eu estou e—

- Pare, Danielle. Pegue suas coisas e venha comigo.

Danielle parecia estar segurando suas lágrimas. Ela parecia estar frágil, prestes a se entregar. Algo começou a borbulhar dentro de Chloe, e qualquer instinto materno citado por Ziggler começou a se tornar outra coisa—algo um pouco mais bruto.

- Para onde ele foi quando saiu daqui?

- Para o bar novo, que ele está fazendo para mim. Ele tem um reunião com um fornecedor lá.

- Qual o endereço?

- Chloe, não posso colocar a polícia atrás dele. Ele vai começar a falar de um milhão de leis, vai ser um pesadelo.

- Qual o endereço? – Chloe voltou a perguntar.

- Nelson Street, 117.

- Arrume suas coisas. Eu volto daqui a pouco.

- Chloe... não. Não vá até lá. Ele é mal, psicótico, só sabe criar problemas.

Chloe sorriu para sua irmã ao responder:

- E mesmo assim as coisas não deram certo entre vocês dois?

- Engraçado – Danielle disse. – Mas é sério, Chloe...

- Me dê meia hora. Eu já volto.

Danielle disse algo a mais, mas Chloe mal escutou. Ela já estava correndo pelo corredor, com o sangue fervendo, imaginando que, finalmente, havia encontrado a resposta para a pergunta que estava lhe incomodando nos últimos dias.

Como separar os problemas do passado daqueles do presente?
Você faz algo e resolve seus problemas do seu jeito, um por um.

As janelas frontais do local que Sam estava reformando para Danielle estavam cobertas com uma lona de plástico. Mesmo assim, Chloe pode ver algumas figuras se movendo lá dentro. Ela estacionou atrás de um caminhão grande e saiu do carro. Caminhou até o local como se tivesse todo o direito de estar ali. Percebeu ali o mesmo cheiro que havia sentido no apartamento de Danielle: Suor, poeira e serragem. O lugar era grande, mesmo com pilhas de madeira e móveis ainda intocáveis encostados na parede.

Chloe nunca havia visto Sam antes, por isso não tinha ideia do que encontrar. Ela aproximou-se de dois homens parados ao lado de um cavalete e algumas madeiras.

- Com licença – ela disse. – Vocês saberiam dizer onde está Sam?

- Atrás do palco – um dos homens disse, sem se preocupar em esconder o fato de que estava olhando para a bunda dela.

- Obrigada.

Chloe caminhou até o palco e encontrou um corredor bem ao lado, que a levou a um outro corredor, que levava a uma sala, nos fundos, com uma mesa pequena no centro. Ali, Chloe viu três homens em pé ao lado da mesa improvisada—três barris grandes e uma folha de compensado. Todos os três olharam quando ela entrou. Dois deles usavam uniformes. O outro vestia uma camiseta comum e calças jeans.

- Estou procurando Sam – Chloe disse.

- Sou eu – o homem de camiseta e jeans respondeu. – Posso ajudar?

Chloe aproximou-se dele devagar, sentindo toda sua raiva subindo como lava.

- Sim, tem algo que eu preciso discutir com você sobre Danielle Fine.

- O que tem ela? – ele perguntou.

Chloe deu um soco com sua mão direita que acertou diretamente a garganta de Sam. Quando ele levantou as mãos, ela acertou o estômago dele com o cotovelo. Ele encolheu-se de dor e, então, Chloe o pegou por trás do pescoço e o empurrou com força na parede.

Os outros dois homens na sala ficaram parados, em silêncio. Um deles estava escondendo um sorriso. Na verdade, Chloe também.

Ela estava tão feliz consigo mesma que quase pagou caro por isso.

Sam desgrudou-se da parede, claramente ainda em choque, mas tentando se recompor. Ele desferiu um soco que quase acertou a mandíbula de Chloe. Ela se defendeu, segurou o braço dele e então acertou outro soco, no rosto dele. Quando Sam cambaleou para trás, um dos homens resolveu se mexer.

- Ei – ele disse. – Espere aí!

Ele cometeu o erro de encostar a mão em Chloe. Segurou-a pelos ombros e a empurrou para longe de Sam. Ele puxou com força, mas claramente não estava acostumado a lutar. O homem deixou todo seu tronco aberto, permitindo que Chloe se virasse e acertasse o peito dele com sua mão. Ele cambaleou para trás e caiu no chão.

Chloe virou-se novamente para Sam, a tempo de vê-lo vindo em direção a ela novamente. Ele, aparentemente, também não era acostumado a se defender. Ele veio abaixado, como se fosse acertar um golpe de futebol americano, cheio de vergonha e raiva. Chloe sabia que podia acertá-lo de três maneiras diferentes, mas não podia machucá-lo muito. Com certeza não valia a pena perder o emprego por causa dele.

Ela desviou do ataque e, com o pé esquerdo, passou uma rasteira que fez Sam cair. Caminhou até ele e pressionou seu pé com força contra as costas dele.

- Se você for até o apartamento procurar Danielle de novo e eu descobrir, eu vou voltar com a polícia – Chloe disse, mostrando seu distintivo. – E se você levantar um dedo para ela de novo, eu vou voltar *sem* a polícia. Você me entendeu?

Sam fez um barulho estranho e levantou seu dedo médio.

Chloe acertou mais um chute no meio das pernas dele. Ele gemeu de dor, ainda caído no chão.

- Ei – o outro homem disse. – Acho que já chega.

- Não – Chloe disse, virando-se e caminhando em direção à porta. – Para homens como ele, nunca chega. – Então, voltou a olhar para Sam. Ele ainda estava com dor nas partes baixas e claramente havia medo em seus olhos. Chloe gostou muito de ver aquela cena. – Você me entendeu? – Ela perguntou.

- Sim.

- Então diga. Eu tenho duas testemunhas aqui. Diga.

- Eu não vou atrás dela de novo. Você tem minha palavra.

Sam estava tentando demonstrar raiva em sua voz, mas claramente ele só estava sentindo dor e medo. Chloe assentiu, olhou para os outros dois homens rapidamente, e saiu.

Quando chegou de volta ao carro, começou a perceber que poderia ter problemas se Sam prestasse queixa daquilo. Mas ela duvidava que ele fosse fazer isso. Um homem como Sam nunca admitiria que uma mulher havia batido nele—mesmo se a mulher fosse uma agente do FBI. Então, Chloe não estava tão preocupada. Seu único arrependimento sobre a cena era não ter chamado Danielle para assistir tudo.

CAPÍTULO VINTE E UM

- Você não vai me contar o que fez? – Danielle perguntou.

Ela estivera em silêncio desde que saíra de seu apartamento com Chloe, quinze minutos antes. Ela nunca havia visto Chloe daquele jeito antes. Sua irmã parecia com raiva, mas confiante. Talvez pela primeira vez na vida de Danielle, ela esperava sinceramente que aquela raiva de Chloe não fosse endereçada a ela.

- Eu só fiz ele saber, do meu jeito, que ele tem que deixar você em paz.

- Com sua boca ou com seu punho?

Chloe não pode deixar de sorrir.

- Talvez com meus pés, também.

- Obrigada, Chloe. Eu odeio dizer isso, já que você precisou bater em alguém, mas isso significa muito para mim. Mais do que você imagina. Mas... você não precisava fazer isso. Eu posso me virar sozinha.

- Sim, eu sei. Mas eu posso ajudar às vezes. Eu acho que é por isso que as coisas sempre foram tão tensas entre nós. Nós nunca queremos a ajuda uma da outra. Mas precisamos mudar isso.

- Isso inclui chegar a um acordo sobre o quão fodido nosso recém-solto pai é?

- Acho que sim, na verdade. Mas não quero falar sobre isso agora.

Aquilo irritou Danielle, mas ela não voltou a tocar no assunto. Ela olhou para o céu pela janela e viu nuvens carregadas de chuva.

- Tudo bem – Danielle disse. – Vamos falar sobre outra coisa então. Você chegou a pensar sobre o encontro?

- Na verdade, não. Danielle... esse caso no qual eu estou trabalhando agora envolve essas mulheres ridículas que acabaram de fazer um encontro da turma da escola. E tem sido uma maneira de me lembrar o quanto eu odiava a escola.

- Tudo na escola? – Danielle perguntou. – Até Jacob Koontz?

- Como você ousa dizer esse nome? – Chloe disse, sorrindo. Ela não pensava em Jacob Koontz—o primeiro garoto que havia beijado

e sobre quem havia inclusive brigado com seus avós—há muito tempo.

- O que tem de tão ruim nessas mulheres que você falou? – Danielle perguntou.

- Obviamente não posso te dar detalhes. Mas esse caso me faz pensar em todo esse drama e no jeito ridículo delas. Tantos padrões de beleza e de vida e tantas garotas tentando se encaixar neles.

- Sim, mas você nunca se importou em se encaixar – Danielle disse.

- Você está certa, mas eu—

Chloe interrompeu sua frase ao perceber algo. Na verdade, parecia que algo havia atingido com força, de repente.

Nós não prestamos atenção suficiente ao fato de que o assassinato de Lauren Hilyard aconteceu menos de vinte e quatro horas depois do encontro da escola. Falamos com Tabby North e Kaitlin St. John sobre isso, mas foi só. Ao invés de procurar pessoas que atualmente tinham algo contra ela, acho que podemos buscar vinte anos atrás, quando Lauren estava na escola. Brandie Scott disse que Lauren irritava algumas pessoas naquela época.

Em outras palavras: algo havia acontecido na reunião que pudesse ter reacendido rivalidades do passado?

- Você está bem? – Danielle perguntou.

- Sim, por que?

- Você parece meio perdida.

- Tive uma ideia sobre o caso em que estou trabalhando. E falando nisso... odeio ter que fazer isso, mas vou precisar voltar para o trabalho assim que chegarmos ao apartamento.

- Tudo bem. Pelo jeito eu preciso procurar um emprego. Com Sam fora da minha vida, estou desempregada.

- Você está bem? De dinheiro, eu digo.

- Sim, tenho algumas economias. Você não precisa se preocupar comigo, Chloe.

- Eu sei. – A conversa com Ziggler reapareceu em sua mente, especificamente a insinuação de que ela tentava fazer o papel de mãe com Danielle.

- Então... e o encontro? Você quer ir? Você não vai me fazer ir sozinha, vai?

- Sabe do que mais? Se eu resolver esse caso... sim, eu vou. Eu preciso me distrair dos homens da minha vida, também.

- Uou, me conte - Danielle provocou.

- Não. Não agora. – Chloe sorriu para sua irmã e acrescentou: - Talvez no caminho para o encontro.

De volta ao trabalho, Chloe e Rhodes estavam debruçadas em uma pequena mesa em uma das salas de reunião. Versões impressas dos arquivos do caso estavam em frente a elas, assim como as anotações que Chloe e Moulton haviam feito durante a primeira ida até Barnes Point. Chloe havia feito marcações em vários nomes.

- Eu entendi perfeitamente – Rhodes disse. – Mas me conte tudo mais uma vez antes de pegarmos estrada.

- A comunidade das mulheres unidas de Barnes Point atrapalharam meu julgamento – Chloe disse. – As mulheres ainda são muito próximas, anos depois da escola—mesmo *vinte anos* depois—e nós focamos o caso no presente. Por isso acabamos com suspeitos como Oscar Alvarez e Sebastian Fallen. Mas quando eu e o Agente Moulton conversamos com algumas daquelas mulheres—Tabby North e Kaitlin St. John—elas falaram sobre a época da escola. Por isso elas estavam tão animadas com o encontro no início. Acho que algo aconteceu nesse encontro. Acho que algo foi dito ou insinuado e alguém perdeu o controle sobre seus ódios e ressentimentos do passado.

- Se for isso mesmo – Rhodes disse, - estaremos falando de sentimentos que alguém guardou durante vinte anos. Emoções que não foram expressadas e que podem ter ressurgido todas de uma vez. Isso se encaixaria no perfil de alguém com tendências violentas facilmente.

- Exatamente. – Chloe então pegou seu telefone e procurou algo nas anotações.

- Para quem você vai ligar? – Rhodes perguntou.

- Quero ver se Tabby North e Kaitlin St. John podem jantar com a gente.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Chloe e Rhodes encontraram Tabby e Kaitlin em um restaurante local, no coração de Barnes Point. Chamado Robin's Bistrô, o local era muito sofisticado—quase que em exagero. Um simples pedaço de carne custava trinta dólares, e o menu de Martini, com três páginas, não tinha opções abaixo de dez dólares.

Quando Chloe e Rhodes juntaram-se às duas mulheres em uma mesa na área do bar, Tabby e Kaitlin já haviam começado a beber. Cada uma tinha um copo de Martini na mão, e ambos estavam quase vazios. Chloe não perdeu tempo com introduções, sentindo que aquele era o momento pela qual ela estivera esperando—o momento sobre o qual ela havia contado a Rhodes mais cedo, naquele dia: a hora de ter certeza de que aquela era a última viagem para Barnes Point.

- Eu sei que vocês duas eram próximas da Lauren, então as perguntas que eu vou fazer hoje podem parecer inapropriadas. E elas podem ser difíceis de responder.

- Bom, se for algo muito pessoal, seria melhor você falar com Claire Lovington – Kaitlin disse.

- Entendo – Chloe disse. – Mas justamente por ela ser *muito* próxima de Lauren, eu acho que a amizade intensa poderia afetar as respostas. Eu preciso de verdade e honestidade nessas perguntas. Mesmo se isso significar falar mal de uma recente vítima de assassinato. Tudo bem por vocês?

As duas mulheres pareceram hesitar ao assentir. Tabby tomou o resto de seu Martini e empurrou o copo na mesa, indicando que queria mais um drink.

- Você me contou ontem sobre como Lauren era bem quista na escola, mas algumas pessoas tinham mais ciúme dela do que qualquer outra coisa. Eu quero que você pense na época do ensino médio. Tem *algo* que você possa lembrar que ela fez... algo que possa ser considerado mal ou cruel?

- Bom, sabe, eram tempos diferentes. Você podia provocar as pessoas e isso não era considerado *bullying*.

- Lauren fez algo que seria considerado *bullying* nos padrões de hoje?

- Bem – Kaitlin disse. Ela parou, talvez pensando no que iria dizer. Ela já parecia culpada, mesmo sem dizer nada.

- Está tudo bem – Rhodes disse. – Mesmo se for uma memória ruim sobre Lauren... esperamos que isso possa nos ajudar a chegar ao motivo pelo qual ela foi assassinada.

- Bem, como dissemos... quando Jerry Hilyard conseguiu ficar com ela, a maioria dos caras na escola não conseguia acreditar. Especialmente os atletas. Agora... não sei se Lauren chegou a trair o Jerry na escola, mas sei que ela teve muitas chances. E sei disso porque teve algumas vezes que ela ridicularizou os caras que tentaram roubá-la do Jerry.

- Ridicularizou como? – Chloe perguntou.

- Ela espalhava boatos sobre eles. Nada sério, sabe? Coisas sobre cheiro ruim, chulé ou espinhas. Acho que uma vez ela disse que Travis Norris tinha pinto pequeno. Esse boato ficou vivo por um tempo, pelo que eu lembro.

- E Jerry? – Chloe perguntou. – Ele não chegou a ser atacado pelos outros caras que tinham ciúme?

- Nunca – Kaitlin disse. – Quando Lauren começou a sair com ele, ele ganhou meio que um status de deus na escola. De repente ele virou muito popular.

- Você diria que Lauren era conhecida por ser malvada? – Chloe perguntou.

- Não sei – Tabby disse. – De novo... por mais esnobe que pareça, nós éramos amigas, então nós nunca vimos isso desse jeito. Se ela *estava* sendo má com as pessoas, não era nada enorme ou deplorável. Nada que me fizesse parar para pensar... ei, talvez eu não devesse sair mais com essa garota.

- Esses caras de quem ela tirava sarro – Rhodes disse. – Algum deles estava no encontro?

- Travis Norris estava lá – Tabby disse, começando a ligar alguns pontos. – E acho que tinha pelo menos mais um.

- Você mencionou que ela conversou com Brandie Scott e como isso pareceu estranho – Chloe disse. – Teve mais alguém que

estava lá com quem Lauren conversou e que você achou que não fazia sentido?

- Não – Tabby disse. – Não que eu me lembre...

- Espere – Kaitlin interrompeu. – Ela passou muito tempo falando com o DJ. Tipo, perto dos equipamentos dele. Eu pensei que era só para pedir músicas ou algo assim, mas ela ficou lá por um tempo, principalmente depois de beber algumas.

- Esse DJ... ele também era um aluno da escola de vocês?

- Sim – Kaitlin disse, forçando os olhos como se estivesse tentando lembrar. – Mas acho que ele era de uma turma acima. Ele era um ou dois anos mais velho.

- Ele conhecia Lauren quando estava na escola?

- Certeza que sim – Tabby disse. – Todo mundo conhecia Lauren... até os caras das turmas mais velhas.

- Você sabe o nome do DJ?

- Sei – Tabby disse, colocando a mão em sua bolsa. Ela pegou sua carteira, procurou entre alguns cartão de créditos e outros cartões antes de escolher um. Era um cartão de visitas, simples e barato. Havia uma foto de um vinil nele, com os dizeres: *DJ Scott Lambast – todos os gêneros, todos os estilos – me chame para seu próximo evento!*

O garçom chegou à mesa quando Chloe guardou o cartão. Ele retirou o copo de Tabby e então olhou para Chloe e Rhodes.

- Vocês querem algo, senhoras? – Ele perguntou.

- Obrigada, mas não – Chloe disse. – Já estamos de saída.

Então, as agentes agradeceram as duas mulheres e saíram à procura do DJ.

Scott Lambast atendeu ao telefone imediatamente e, mesmo estando ocupado com uma banda de casamento da qual fazia parte, ofereceu-se para encontrar as agentes no local onde a banda ensaiava. Tratava-se de um porão de um estúdio local. Quando Chloe e Rhodes chegaram, o som do baixo pode ser ouvido do primeiro andar. Mesmo antes de descer as escadas, Chloe

reconheceu as notas de “Can’t Get Enough of Your Love”, da Bad Company.

Quando elas desceram, o som tornou-se ensurdecedor, potencializado no porão de concreto. Ao entrarem, no entanto, o homem que tocava um dos dois violões parou imediatamente— aparentemente, ele era Scott Lambast. Ele largou o violão, olhou para o restante da banda e disse:

- Já volto.

Scott levou Chloe e Rhodes aos fundos do porão. Ele parecia um pouco perdido, como Chloe imaginou que qualquer um ficaria ao receber uma ligação do FBI sobre um recente caso de assassinato.

- Vocês se importam se conversarmos lá fora? – Scott perguntou. Então, ele levou-as por uma pequena porta lateral que levava a uma calçada de madeira. Havia uma quadra ali, com uma cesta de basquete.

- DJ e banda – Rhodes disse. – Você deve ser ocupado.

- A música é tudo que eu sei e o que eu sempre quis. E num lugar como Barnes Point, você precisa ter muitos compromissos para viver da música. Agora... você disse no telefone que tinham perguntas sobre Lauren Hilyard e o encontro da escola, certo?

- Certo – Chloe respondeu. – Encontramos algumas das amigas dela e uma delas disse que vocês dois conversaram bastante no encontro. Você consegue lembrar sobre o que você e Lauren falaram naquela noite?

- Claro. Nada muito sério. Estávamos jogando conversa fora. Eu era um ano mais velho que a turma dela, mas como todo cara na escola, era um pouco afim dela. Perguntei a ela sobre Jerry— provocando sobre ele não ter ido.

- Você achou estranho ele não ter ido com ela? – Chloe perguntou.

- Não mesmo. Não Jerry. Ele nunca foi de eventos assim. Ele odiava dançar e eventos de qualquer tipo. Tenho certeza que o único motivo dele ir aos eventos da escola naquela época era porque ele tinha a garota mais bonita da escola nos braços.

- Então, falando de Lauren – Rhodes disse. – Teve algo que vocês conversaram—talvez algo que ela tenha mencionado rapidamente—que lhe pareceu estranho?

- Nada que eu me lembre agora.

- Ela parecia estar de bom humor? – Chloe perguntou.

- No começo não. Era óbvio que ela não queria estar lá. Mas acho que ela bebeu um pouco e a música começou a fazer efeito. Depois de um tempo ela parecia estar gostando.

- Obrigada – Chloe disse, sentindo-se mais uma vez derrotada. Aquela conversa não estava indo a lugar nenhum.

- Se vocês não se importarem, posso perguntar o que exatamente vocês estão procurando?

- Ainda não sabemos. Algo que possa nos dar uma pista sobre se algo que aconteceu na noite de sábado pode ter resultado no assassinato de Lauren.

- Bom, eu não sei se isso vai ajudar, mas outra coisa que eu faço além de ser DJ é fazer vídeos dos eventos onde eu toco. Eu faço isso ligando uma câmera no alto do meu equipamento. É um saco porque eu tenho que ir cena por cena para encontrar os melhores momentos. Eu mal comecei a mexer nas imagens do encontro, então a maioria dos vídeos ainda está cru, sem cortes.

- Se você nos permitir ver essa filmagem, isso nos ajudaria muito – Chloe disse. – E quanto antes, melhor.

- Claro – Scott respondeu. Ele então olhou para seus colegas de banda e encolheu os ombros.

- Preciso dar uma saída, pessoal. Vocês se importam?

Todos concordaram, e Scott caminhou com as agentes até o estacionamento. Ao entrar no carro, Chloe escutou a banda começar a tocar “Wonderful Tonight”, de Eric Clapton.

Schott saiu na frente delas, levando-as no caminho até sua casa. Chloe olhou em seu relógio e viu que eram 8:41, sentindo que aquela seria uma noite longa.

Scott Lambast tinha um belo estúdio de gravação em seu porão. Chloe imaginou que sua dedicação à música era ainda mais intensa porque ele não era casado. A casa, mesmo bonita e aconchegante, dava a sensação de ser de um homem que nunca fora casado, um homem que aproveitava a vida de solteiro.

Ele sentou-se atrás de uma mesa e ligou um pequeno monitor, conectado a várias caixas de som, com alguns dos fios entrando no isolamento de espuma da pequena cabine de gravação em frente à mesa. Scott, no entanto, não olhou para nada daquilo. Ele moveu sua cadeira para olhar para um monitor grande, no outro lado da mesa.

- Estamos falando de quantas horas de gravação? – Rhodes perguntou.

- Cerca de cinco, eu acho. Geralmente, quando as coisas começam a ficar mais caóticas, com todo mundo meio bêbado, eu paro de gravar. A partir desses momentos é difícil ter algo ‘mostrável’ nos melhores momentos dos meus vídeos.

- Quantos vídeos desses você já fez? – Chloe perguntou.

- Esse vai ser meu nono. Eu fiz o do encontro do ano passado também.

- Então você já fez isso o suficiente para perceber coisas estranhas?

- Diria que sim – Scott disse. – Isso inclui uma transa ousada, porém bem escondida entre um casal de namorados na formatura do ensino médio no começo desse ano. Aparentemente muita coisa pode ser feita quando o cara deixa a calça mais frouxa. Mas... enfim. Sim, eu tenho um olho treinado para encontrar coisas diferentes.

- Se você tiver algumas horas livres, nós agradeceríamos – Chloe disse. – Olhos extra nunca são demais.

- Vou fazer o possível – Scott disse. Ele abriu a filmagem do encontro e apertou o play. Depois, levantou-se e caminhou até outro canto do porão, deixando Chloe e Rhodes vendo o vídeo. A filmagem era uma só, mas a câmera havia sido colocada no alto o suficiente para gravar o salão inteiro—que parecia uma bela pista de dança. O vídeo começava antes da música. Chloe viu algumas pessoas entrando na sala, com a maioria delas seguindo para a área do bar, que havia sido colocado no lado direito do salão.

Scott voltou com outras duas cadeiras dobráveis e as abriu. Ele ofereceu seu lugar a Chloe, enquanto ele e Rhodes ficaram nas outras. Juntos, os três começaram a assistir ao vídeo.

- Eu ainda nem vi Lauren – Chloe pontuou. – Podemos adiantar até a hora em que ela chega?

Scott o fez imediatamente. Ele acelerou a filmagem para três vezes a velocidade normal. O vídeo ficou borrado por vários segundos até que um grupo de três mulheres pode ser visto entrando pelo lado esquerdo da tela.

- Ali está ela – Scott disse.

- E Kaitlin e Tabby junto com ela – Chloe disse. O fato de ter falado com aquelas mulheres sobre elas terem ido ao encontro com Lauren e agora ver aquela cena em uma tela bem à sua frente era algo bom, de um jeito estranho. Chloe sentiu que estava no caminho certo agora.

- É sempre estranho assistir festas desse ponto de vista, do alto – Scott disse. – Você consegue ver várias atividades, diferentes conversas, diferentes emoções.

Chloe entendeu o que ele quis dizer imediatamente. Ela pode ver Lauren Hilyard, claramente contra sua vontade, um pouco desconfortável ao conversar com algumas pessoas que se aproximavam dela e de suas amigas. Não muito longe delas, dois homens conversavam de perto, como se estivessem trocando segredos.

Os três assistiram em silêncio, e as únicas palavras foram ditas por Scott, que perguntou se alguém queria beber algo. As duas agentes aceitaram água e continuaram assistindo. Então, Chloe percebeu o que todo mundo havia dito: depois de alguns drinks e quando a festa começou de fato, Lauren parecia bem mais solta. Ela ria às vezes e, quanto mais a noite passava, mais se afastava de Tabby e Kaitlin.

Enquanto assistiam aos movimentos de Lauren, Chloe percebeu a presença de outra mulher. Ela estava em pé, sozinha, não muito longe do bar. Ela ficou sozinha quase o tempo todo, sendo interrompida apenas quando alguém se aproximava para conversar. As conversas eram sempre curtas e a mulher ficava no mesmo lugar quase o tempo todo. Mesmo estando virada para o outro lado, parecia que ela estava sempre olhando na direção de Lauren, Tabby e Kaitlin.

- Quem é ela? – Chloe perguntou, apontando para a tela.

- Não tenho certa – Scott disse. – Melanie alguma coisa, eu acho. Eu vi ela algumas vezes. Bonita, mas sempre sozinha. Ela meio que se isolava—não fazia parte de um grupo maior, sabe?

Chloe analisou a mulher mais um pouco. Ela perguntou-se se aquela mulher fora do tipo que fingia querer ficar sozinha de propósito na escola, mas secretamente desejava fazer parte de algum grupo. A postura da mulher e seus olhares demorados fizeram Chloe sentir-se mal por ela.

Chloe continuou assistindo ao vídeo e pode ver o momento em que Lauren e Brandie Scott conversaram, no bar. Depois de um tempo, Lauren saiu do bar e foi para o fundo do salão, onde ficavam os banheiros.

Ela desapareceu da tela por um momento quando entrou no banheiro feminino. Chloe prestou atenção na porta, percebendo que uma figura estava se aproximando da parede dos fundos. Era um homem, sozinho. Ele se movia devagar, em direção aos banheiros, de uma maneira que deixava claro que ele não queria ser notado.

- Você viu isso? – Chloe perguntou, apontando para a tela. – Esse homem?

- Sim – Rhodes disse. – Ele parece querer se esconder.

- É Jason Morton – Scott disse. – Ele sempre foi um pouco estranho até onde eu sei. Nunca falei com ele pessoalmente, mas soube de várias histórias alarmantes.

Chloe quase perguntou de que tipo de histórias Scott estava falando, mas então viu Lauren aparecer novamente na tela, saindo do banheiro. Ela deu dois passos de volta ao salão antes que o homem encostado na parede—Jason Morton—aparecesse em sua frente. Lauren parou e não tentou desviar do homem. Ela falou com ele e, então, eles se aproximaram um do outro, como se estivessem trocando segredos. Jason chegou mais perto dela e, por um momento, eles ficaram tão próximos que parecia que Lauren estava com a cabeça no ombro dele.

Mas então, quando eles ficaram próximos no que parecia ser um momento íntimo, Lauren o empurrou. Foi um empurrão forte, mas não exagerado. Jason cambaleou para trás e Lauren se afastou, quase correndo em direção ao bar. Lá, ela pediu um drink e aproximou-se novamente de Tabby e Kaitlin.

- Você sabe se os dois já tiveram algo? – Chloe perguntou.

- Não sei se é verdade, mas sim... Acho que sim. É um desses mitos da época da escola, sabe?

- Sobre Lauren e Jason Morton?

- Sim. Acho que foi antes dela ficar com o Jerry. Uma garota linda como Lauren, mas que não fazia sexo, tinha uma certa fama, sabe? De provocadora de rolas. A Rainha da Provocação. – Scott parou, talvez percebendo que estava falando com duas mulheres, e acrescentou: - Desculpe pelas expressões chulas.

- Tudo bem – Chloe disse. – Continue.

- Enfim, Lauren foi flagrada algumas vezes provocando os caras. Em encontros, e outras vezes, nos jogos de futebol, atrás da cortina. Mas ela era tão linda e bem quista que isso era visto como um tipo de sedução. Ela era considerada desejada, e não algo pior, sabe? Dizem que em certo ponto, no ensino médio, ela deixou Jason Morton fazer algumas coisas com ela no banco de trás do carro dele... que ela estava prestes a ir mais longe... mas ele não... levantou.

- Mas você diria que é só um boato? – Rhodes perguntou.

- Sim. Um boato estranho. Porque a Lauren que eu me lembro, da escola, não se envolveria com Jason. Mas eu não colocaria minha mão no fogo.

- A versão de Lauren Hilyard que eu tenho ouvido das pessoas com quem falei mostram uma imagem diferente. Ouvi que ela não era necessariamente má, só que não era tão ‘inclusiva’.

Scott riu ao ouvir aquilo.

- Não tenho certeza disso. Ela chamou um cara de gordo um dia durante o almoço, alto o suficiente para todo mundo escutar. Até ofereceu outra cadeira para ele acomodar a bunda grande. Ela tirava sarro constantemente dos caras que suavam nas aulas de ginástica. Teve uma história de um cara que chamou ela para sair... aleatoriamente, sabe. Um cara corajoso, eu diria. Ao invés de só dizer que não estava interessada, ela xingou ele no corredor, deixou ele envergonhado.

- Imagino que as amigas dela não gostariam de falar sobre esse tipo de coisa – Chloe disse. – Não gostariam de falar isso sobre uma amiga que já morreu.

- Isso, ou também porque elas também eram más assim às vezes – Scott disse. – Tudo para se parecer com a abelha rainha.

Eles já haviam visto mais de três horas de vídeo. Chloe havia se levantado para esticar as pernas. Scott servira uma jarra de café e ela estava tomando uma xícara. Agora, ela estava prestando atenção não só nos movimentos de Lauren, mas também nos de Jason Morton. Algumas vezes, ele saía pela porta e parecia sumir. Talvez a conversa com Lauren tivesse o irritado o suficiente para que ele quisesse ir embora. Talvez ele tivesse sido envergonhado novamente.

Mas então, devagar, ele voltou para a festa. Quando Jason voltou, Lauren seguiu para a pista de dança. Ela ficou longe da maioria das pessoas, sem se mover muito, mas estando ao lado de um grupo de quatro ou cinco amigas. Um pouco longe dali, perto dos fundos do salão e fingindo estar interessado em uma conversa com outras pessoas, Jason Morton podia ser visto facilmente. Ele estava olhando na direção de Lauren. No vídeo, sua expressão estava distante, como se ele estivesse mirando diretamente nela.

Mais meia hora se passou antes que qualquer coisa interessante acontecesse. Lauren e uma de suas amigas caminharam até o bar. Jason, que seguia olhando para Lauren, também foi até lá. Ele apressou-se ao ver que ela estava prestes a chegar antes dele. Quando os dois se cruzaram no bar, Jason disse algo para ela. Ele tentou se aproximar dela novamente, mas Lauren desviou. Ela o respondeu de um jeito animado, falando diretamente no rosto dele e fazendo muitos gestos com as mãos. Imediatamente, algumas pessoas em volta começaram a rir. Jason olhou para o chão, virou-se e seguiu para os fundos do salão. Ele seguiu até a porta de saída e, dessa vez, não hesitou: abriu-a com força e deixou o encontro.

- Você sabe se Jason Morton mora por aqui? – Chloe perguntou.

- Aqui na cidade, não. Ele mora num lugar pequeno chamado Lovett. Cerca de meia hora de Barnes Point.

Chloe olhou para seu relógio. Era quase uma da manhã. Ela considerou suas opções, perguntando-se se deveria esperar até a manhã seguinte. Mas sua intuição estava lhe dizendo para continuar e agir naquele momento.

- O que você pode me dizer sobre ele? – Chloe perguntou.

- Não tenho muito o que dizer, na verdade. Ele é um desses caras que terminou o ensino médio só para dizer que terminou. Trabalhou em vários trabalhos nada interessantes desde então. Balconista de uma mercearia, fazendo hambúrgueres em um restaurante e, mais recentemente, especialista em inventários na Barnes Point Advance Auto Parts. Ele teve outros trabalhos, mas eu só lembro desses.

- Ele já teve problemas com a lei? – Rhodes perguntou.

- Sabe do que mais? – Scott disse, lembrando-se de algo. – Eu escutei algumas pessoas falando de como ele foi expulso de um clube de *strip tease* em Richmond há alguns anos. Ficou na cadeia alguns dias, eu acho. Por aqui, eu não sei. Ele fica nada dele. Sempre foi assim, mesmo na escola. Por isso que o boato entre ele e Lauren no banco de trás do carro foi tão estranho. Bom... talvez por isso todo mundo tenha falado sobre isso.

-Você não sabe *onde* ele mora em Lovett, sabe?

- Desculpe, não sei.

Rhodes seguiu Chloe e levantou-se. Ela bocejou e então olhou para a xícara de café de Chloe, admirando-a.

- Senhor Lambast, muito obrigada por sua ajuda.

- Vocês querem que eu termine de ver o vídeo para tentar encontrar algo a mais?

- Seria uma ajuda incrível – Chloe disse. – Obrigada por se oferecer.

Chloe tomou o restante de seu café, colocou a xícara na mesa e então saiu da casa de Scott.

- Vamos atrás dele hoje? – Rhodes perguntou.

- Não vejo motivo. Acho que devemos ir até a estação, procurar os registros sobre Jason Morton, pegar o endereço, e então ir atrás dele de manhã cedo.

- Você percebeu como foi fácil? – Rhodes perguntou quando elas entraram no carro.

- O que foi fácil?

- Bem, aquela pequena discussão no bar. Lauren estava rodeada de pessoas. Ela tinha um público. E fez seu show. E seja lá o que ela tenha dito, teve o efeito que ela queria. Parece o tipo de pessoa que ela era na escola, de acordo com Scott. Ela voltou a exercer esse papel muito facilmente, na minha opinião.

Chloe apenas assentiu, pensando profundamente naquilo. Talvez Lauren só havia enganado algumas poucas pessoas, fazendo-as pensar que ela havia mudado depois da escola. E se fosse o caso, com certeza fora apenas para cuidar de sua imagem. Então... estaria ela mentindo sobre si mesma desde o término do colégio?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Chloe parou o carro na calçada de Jason Morton às sete da manhã na manhã seguinte. Ele morava em uma casa simples de um piso, com um quintal carente de muitos cuidados. Parecia o tipo de casa que havia sido construída há décadas, passando ou por outros membros da família ou por outras pessoas, que saíram dali em busca de algo melhor.

Rhodes, no banco do carona, pegou o pequeno arquivo sobre Jason Morton no banco de trás. Scott Lambast não estava errado: Jason tinha mesmo um pequeno registro na delegacia de Barnes Point. Três anos antes, ele fora levado até lá para ser questionado sobre um potencial caso de atentado ao pudor no pequeno bar da cidade, o Nelly's. Curiosamente, outro homem que fora interrogado sobre o incidente fora Sebastian Fallen. No fim, nenhum dos dois foram processados, ainda que as anotações do arquivo indicassem que o nome de Jason havia aparecido em um caso similar mais tarde. As alegações, no entanto, acabaram sendo retiradas.

O incidente no clube de *strip tease* de Richmond também estava reportado. Ele havia tentado algo com algumas dançarinas e, depois de receber um não, empurrara uma delas. Os seguranças o tiraram do local e, quando ele tentou lutar, a polícia foi chamada. Morton acabou passando trinta e seis horas preso.

- Nada disso grita *assassino* para mim – Rhodes disse, gesticulando com a cabeça em direção aos arquivos.

- Não, mas é... algo – Chloe disse.

Elas saíram do carro e caminharam por uma calçada em mau estado, que levou à porta da frente. Rhodes bateu na porta, fazendo um som oco e de certa forma alto na manhã silenciosa. Houve um pequeno movimento lá dentro muitos segundos depois, e finalmente a porta foi destrancada por dentro.

O rosto de um homem apareceu, cansado e confuso. Uma barba fina chamava a atenção em seu rosto, e suas sobrancelhas castanhas se levantaram. Chloe imaginou que ele tivesse acabado de acordar.

- Quem são vocês? – ele perguntou.

- Você é Jason Morton, certo? – Chloe perguntou.

- Sim. Mas, como eu disse, quem são vocês?

Elas puxaram seus distintivos ao mesmo tempo, como se tivesse treinado aquele movimento.

- Agentes Fine e Rhodes, do FBI. Gostaríamos de falar com você sobre Lauren Hilyard.

- Lauren Hilyard? – Jason perguntou, como se o nome lhe surpreendesse. – Para que?

- Gostaríamos de saber o que vocês dois estavam conversando no encontro da escola na semana passada.

Os olhos de Jason se arregalaram. Parecia que alguém havia lido a mente dele ou previsto seu futuro. Claramente, Morton não esperava que elas soubessem que ele havia conversado com Lauren no encontro.

- Podemos entrar, senhor Morton? – Rhodes perguntou.

- Não, prefiro que vocês não entrem.

- Entendo – Chloe disse. – Mas por favor, saiba que um outro homem em Barnes Point se recusou a nos deixar entrar. Ele acabou em uma sala de interrogatórios e nós conseguimos o que queríamos, de qualquer jeito. Então, mais uma vez... podemos entrar?

- Sim, eu acho – ele disse. Jason deu um passo para o lado devagar, muito desconfortável quando elas passaram por ele. – Mas eu acabei de acordar. E está tudo bagunçado.

- Já vi coisa bem pior – Chloe disse ao entrar na casa. A porta da frente levava diretamente a uma sala de estar, que cheirava a bacon queimado. A cozinha anexa precisava de uma boa limpeza, mas o local não era tão feio quanto Chloe imaginou ao olhar de fora.

- Senhor Morton, vou direto ao ponto – Chloe disse. – Sabemos que você falou com a senhora Hilyard pelo menos duas vezes no encontro. Sabemos que uma das discussões aconteceu no bar, um pouco antes de você sair de lá bem rápido. Também sabemos que a senhora Hilyard começou um boato sobre você na escola. Então por favor, seja sincero conosco nessa reposta: o que foi dito durante essas duas conversas?

Jason vagorosamente sentou-se em seu sofá, franzindo a testa como uma criança que é obrigada a se lembrar de algo ruim.

- Não tenho orgulho disso, mas da primeira vez, começou comigo dizendo oi e perguntando se poderíamos deixar o passado para trás. Mas meio que virou um flerte, bem rápido. E eu perguntei se ela queria sair comigo dali. Mas quando ela mostrou quem é de verdade... me chamou pelo nome que pegou na época da escola, por causa dela.

- Esse nome foi resultado do boato que ela espalhou sobre você?
- Chloe perguntou.

- Sim. Eles me chamavam de Flácido. Legal, né?

- Senhor Morton, alguma vez ela foi muito cruel com você no ensino médio?

- Sim, foi. Ela ia além de me insultar. Flácido... esse apelido estúpido ainda me persegue. Se você sabe das conversas no encontro, tenho certeza que você sabe do que ela fez comigo. Ela me chamou de Flácido e todo mundo começou a rir. Vinte anos depois e essas pessoas ainda não cresceram.

- Você—

A pergunta de Chloe foi interrompida pelo toque do telefone de Jason.

- Perdão – ele disse. – É meu supervisor. Ele ficou de me ligar para me dizer que horas eu preciso ir hoje. Com licença.

- Tudo bem – Chloe disse.

Jason foi até a cozinha e atendeu o telefone. Ele ficou entre a cozinha e o corredor, com o fio de telefone esticado. Chloe ouviu o suficiente para certificar-se de que ele estava de fato falando com seu supervisor.

- Chloe – Rhodes disse, em voz baixa.

Chloe olhou para Rhodes e viu que ela estava apontando para uma pequena mesa de café em frente ao sofá. Na mesa, havia algumas revistas—uma das últimas edições da Sports Illustrated e um jornal de Barnes Point. Só uma parte do jornal aparecia, a metade de baixo da primeira página, mas Chloe viu o suficiente de uma manchete para entender do que se tratava. Ela pegou o jornal e leu a manchete, não a principal, mas a que lhe interessava.

O assassinato de Lauren Hilyard segue sem solução. O FBI está no caso.

Mas Chloe não teve tempo para ler a notícia. Ao puxar o jornal debaixo das revistas, ela viu algo. Era a foto lustrosa de uma polaroide, mostrando uma jovem mulher loira—que com certeza não tinha mais de dezoito anos. A garota estava sem roupa, deitada de costas, com as pernas levantadas e abertas enquanto se “auto-explorava”.

Chloe afastou o jornal e encontrou mais duas fotos parecidas. A mesma garota aparecia nelas. Uma das fotos focava em seus peitos nus, e a outra na parte de trás de seu corpo.

A garota era loira e seu rosto eram incrivelmente familiares.

A garota nas fotos era Lauren Hilyard... porém muito mais jovem.

- Que merda vocês estão fazendo? – Jason perguntou, com o telefone desligado e congelado na cozinha.

Chloe puxou sua arma e apontou para Jason. Ela sabia que poderia ser um exagero, mas agiu por puro instinto. Tudo parecia levar, devagar, mas certamente, para uma resposta final.

- Senhor Morton, preciso que você coloque as mãos atrás da cabeça. Você está preso por suspeita do assassinato de Lauren Hilyard.

- Você está brincando? – Ele disse, com a voz tremendo. – Você está—

- Agora, senhor Morton – Chloe disse.

Jason Morton fez o que lhe foi pedido, com seus olhos perdidos, como se estivesse tentando encontrar uma saída daquela situação. Rhodes foi até ele e o algemou. Ele não disse nada quando Chloe guardou sua arma e as duas agentes o levaram.

Ao carregá-lo até a entrada da casa, Chloe e Rhodes olharam-se pelas costas dele. Era um olhar de comemoração, um olhar de *puta merda, isso foi do nada*. Mas Chloe estava bem com aquilo. Ela celebraria a vitória como fosse possível.

Além disso, ela sabia muito bem que pessoas normais poderiam ter disfarces perfeitos para atos hediondos.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Após a prisão de Jason Morton, o xerife Jenkins e alguns de seus oficiais visitaram a casa dele. Em quinze minutos, eles encontraram uma caixa de sapatos cheia de fotos parecidas. Todas as fotos—mais de trinta—eram de Lauren Hilyard com dezessete anos. A maioria era sugestiva ou explícita.

Quando Jenkins as entregou para Chloe, o fez um pouco envergonhado.

- Estavam ao lado da cama dele – disse. – Bem ali, abertas.

Chloe assentiu, pegando a caixa. Ela olhou as fotos rapidamente. Viu o suficiente para saber o que precisava. Parecia ser o sinal que ela estava procurando, uma expressão de culpa. Ou talvez elas fossem uma motivação, um empurrão final para levar Jason Morton a fazer o que ele gostaria de ter feito desde os tempos da escola.

Claro, Chloe poderia não conseguir nada com aquilo. Ela carregou a caixa de fotos até a sala de interrogatórios. Rhodes a seguiu, com seus olhos vidrados em Jason, cheios de raiva. Aquilo fez Chloe pensar que, se pudesse, Rhodes cortaria os testículos daquele homem fora.

No entanto, Chloe manteve tudo muito calmo. Ela se aproximou da mesa, sentou-se e, muito devagar, tranquila, colocou as fotos em cima da mesa.

- O xerife Jenkins encontrou isso aqui ao lado da sua cama – Chloe disse. – Vou pular a parte de perguntar *por que* elas estavam lá. O que eu quero saber é como você as tem. E porque elas estavam ali, abertas, logo depois da morte de Lauren.

Jason fez o possível para *não* olhar para as fotos. Ele desviou o olhar entre Chloe e Rhodes.

- É nojento, ok? Eu sei. Mas não é ilegal, é?

- O que é nojento? – Chloe perguntou.

- O apelido... Flácido. Eu ganhei porque Lauren contou para todo mundo de um problema que eu tive. Eu e ela... nós saímos por um tempo, mas em segredo. Ela tinha vergonha de mim. Não terminou quando ela conheceu o Jerry. Um tempo depois, sim, mas...

- Isso ainda não explica todas essas fotos – Chloe disse.

- Lauren deixou claro para mim antes de nós termos qualquer contato físico de que ela não faria sexo comigo. Ela disse que faria todo o resto, mas não isso. Então imagine a surpresa dela e meu terror absoluto quando... bem, quando eu descobri que tinha um problema. Não chamavam de disfunção erétil quando eu era novo, mas era basicamente isso.

- Então você nunca transou com ela? – Rhodes perguntou.

- Não. E eu acho que meu problema... acho que era por isso que ela ficava comigo. Ela sabia que nós podíamos fazer todas as outras coisas e nunca chegaríamos ao sexo. Teve vezes em que quase aconteceu... vezes em que eu quase funcionei como deveria. Mas não... nunca transamos. Daí vieram as fotos. Ela me deixou tirá-las. Ela gostava. Tinha muito mais que isso. Tinha centenas. Mas ela pediu de volta quando terminamos. Eu fiquei com algumas para mim.

- Mesmo que eu acreditasse nessa história – Chloe disse, - o *timing* não está a seu favor. Nós temos você em uma câmera, discutindo com Lauren Hilyard na noite anterior à morte dela. E uma semana depois, encontramos isso na sua casa.

- Eu juro... é só uma coincidência. Eu a vi no encontro e fiquei muito mal de novo. Peguei as fotos e só...

Jason parou e começou a chorar. Mas as lágrimas e os soluços eram de raiva. Ele fechou o punho e deu um soco na mesa.

- Aquela vadia acabou com a minha vida – ele disse. – Uma coisa tão idiota... tão maldosa e imatura. Acabou comigo. Eu queria machucá-la...

- Senhor Morton – Rhodes perguntou, - onde você estava no domingo à tarde?

- Em casa. Lidando com a ressaca. Vendo aquelas fotos.

- Você ficou em casa o dia todo?

- Não. Saí para almoçar.

- Onde você foi? – Chloe perguntou.

Jason quase respondeu, mas pareceu entender aonde a conversa iria. Uma expressão alarmada tomou conta do rosto dele. Sem poder olhar para as fotos na mesa, ele olhou para a parede.

- Onde você foi? – Chloe perguntou novamente. – Senhor Morton... se você puder provar seus álibi, você estará livre com só

mais algumas perguntas.

- Senhor Morton – Rhodes disse, chegando mais perto da mesa – onde você foi no domingo à tarde?

Jason finalmente olhou para ela e, agora, suas lágrimas eram mais do que somente raiva. Ele estava acabado. Ela fora pego.

- Farmington Acres – disse.

E então, ele desabou. Cruzou os braços na mesa e abaixou a cabeça entre as fotos da mulher que ele aparentemente havia matado.

- Ele não confessou.

Rhodes disse enquanto elas saíam de Barnes Point. Ela deixou o comentário no ar, como se estivesse refletindo sobre ele.

- Não acho que ele vá confessar – Chloe disse. – Talvez no julgamento. Mas por enquanto, ele está tentando achar que ainda está no ensino médio. Está tentando segurar a mulher dos sonhos que escapou.

- Cara, que triste – Rhodes disse.

- Se você está mal com isso, nós provavelmente vamos voltar em alguns dias se Morton não tiver confessado. Eles só podem ficar com ele por quatro dias sem uma acusação oficial.

- Não, eu não estou mal por *e/le*. É que isso tudo parece tão anticlímax.

- Eu estava pensando a mesma coisa.

Mas quanto mais o tempo passava—quanto mais perto de Washington elas chegavam, deixando Barnes Point para trás—mais certa Chloe ficava de que Jason Morton havia matado Lauren Hilyard. Ele havia a matado porque não conseguira deixar para trás o mal que ela lhe fizera na escola... e porque ela havia escolhido continuar mexendo naquela ferida, vinte anos depois. Ela havia destruído um coração já quebrado, e o resultado fora vinte anos de raiva acabando em um assassinato brutal.

Muitos minutos se passaram até que alguém falasse novamente. Rhodes, então, fez uma pergunta que surpreendeu Chloe.

- Você e Moulton estavam saindo? – ela perguntou.

- Por que a pergunta? – Chloe perguntou, imaginando que não havia porque negar.

- Porque você não está falando do que aconteceu. Eu toquei no assunto algumas vezes e você despistou todas elas. Então, eu estava pensando.

- Oficialmente, não – Chloe respondeu. – Mas mesmo assim, é horrível ver ele passar por isso.

Rhodes apenas assentiu, aparentemente percebendo que havia ultrapassado um limite subentendido. Mas Chloe não se irritou. Ela, diferentemente de Jason Morton, pretendia deixar a dor do passado para trás e seguir em frente com sua carreira—e sua vida.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

- Você vai nesse encontro comigo e você vai gostar.

Danielle estava parada no balcão da cozinha, pegando pratos para o jantar que havia feito. Era um comentário estranho para Chloe ouvir. Ela imaginou que as amigas de Lauren Hilyard haviam dito algo parecido quando tentaram convencê-la a ir ao encontro. Ela havia deixado Barnes Point no dia anterior, mas o caso ainda parecia estar afetando-a—o caso, a cidade e as amizades peculiares pós-escola.

- Duvido de uma dessas coisas e duvido *muito* da outra – Chloe disse.

- Considere como uma comemoração. Você resolveu um caso e eu consegui de alguma maneira me afastar de um homem abusivo. Eu não pretendo ficar sentada no seu apartamento e reclamar da vida tomando vinho o final de semana inteiro.

- Então não fique – Chloe disse. – Vá lá e se divirta.

- Não vou sem você – ela disse. – E sabe... Jacob Koontz provavelmente vai estar lá. E de acordo com o Facebook, ele está solteiro.

- Ele se casou logo depois do colégio, Danielle.

- Ah, mas, como você bem sabe, às vezes esses relacionamentos logo depois da escola não dão certo. Ele já está divorciado há um ano e meio.

- Desde quando você começou a investigar o Facebook das pessoas que estudavam com a gente?

- Desde quando eu comecei a pensar na hipótese de ir nesse encontro – Danielle disse. – Eu quero chegar lá com algum tipo de munição.

Chloe pensou naquilo por um momento e sentou-se no sofá, olhando para Danielle.

- Eu só voltei lá uma vez, você sabia?

- Sabia. Mas nós não estamos indo para ficar relembrando coisas nem para visitar algum parente. É só eu e você, algumas pessoas da época da escola e muito álcool.

Chloe parou para pensar novamente. Seria tão ruim assim? O que ela faria se ficasse em casa na noite seguinte? Provavelmente

ficaria sozinha, pensando no que poderia ter sido seu caso com Moulton. Pensaria em motivos para duvidar de si mesma sobre o caso, e se convenceria de que Jason Morton não era o assassino, mesmo com todos os sinais indicando que ele era.

- Vou te dar duas horas – Chloe disse. – Se for um encontro estranho onde as pessoas só estão comparando trabalhos e cônjuges, nós vamos embora.

- Tudo bem – Danielle disse, sorrindo. – Mas não entendo. Você era muito legal na escola. Com seu jeito quieto.

- Isso não quer dizer que eu quero voltar ao passado – Chloe disse.

- Você acha que eu estou errada em querer ir? – Danielle perguntou.

- Não. Você sempre foi sociável.

- E você sempre foi uma larva no casulo, se recusando a sair e ver o mundo.

- Se a analogia não fosse tão boa, eu ficaria irritada – Chloe disse. – Mas chega disso agora. Eu já disse que vou. O que mais você quer?

Danielle sorriu ao olhar em volta pelo apartamento e depois novamente para Chloe. Havia um peso naquele olhar, uma gratidão velada.

- Mais nada – ela disse, com a expressão séria. – Você já fez mais do que o suficiente.

- Que bom. Lembre-se que quando eu pegar você pelo braço, nós vamos embora de lá.

A cidade natal das irmãs—ou, ao menos, a única cidade da qual Chloe conseguia se lembrar claramente depois de ter se mudado com seus avós—ficava a duas horas e meia de carro de Washington. Quando entrou em Pinecrest, Maryland, com Danielle, Chloe sentiu uma enxurrada de lembranças. Era aterrorizante para ela lembrar-se de quão perto ela esteve de casar com Steven e de morar ali.

Ao dirigir pela cidade em direção ao encontro, Chloe passou pela estrada que levava ao bairro onde Steven morava. Ela perguntou-se o que teria acontecido com a casa na qual eles haviam morado. Ele teria vendido? Ainda era o dono? Só o fato de pensar naquilo já lhe dava calafrios na espinha.

Chloe estacionou e, quando saiu do carro com Danielle, sentiu uma sincronia estranha. Lauren Hilyard havia ido a um encontro de vinte anos de sua turma duas semanas antes. Olhando para o prédio que sediaria seu próprio encontro de dez anos, Chloe sentiu-se quase tonta. O encontro seria no Pinecrest Country Club, um prédio onde ela nunca havia colocado os pés enquanto morava na cidade.

- Você já parece estar odiando – Danielle disse quando elas entraram.

Chloe deu um sorriso falso ao abrir a porta do clube e entrar.

- Não, não – disse, sarcástica. – Só sorrisos. Prometo.

Elas se aproximaram de um pequeno quiosque logo na entrada. Um homem e uma mulher estavam atrás de uma mesa, que continha *tags* em branco e muitos marcadores. Quando as irmãs pegaram os marcadores e começaram a preencher, o homem no quiosque coçou a garganta e se levantou.

- Meu Deus, as irmãs Fine! – ele disse.

De alguma forma, Chloe havia conseguido tirar aquele triste apelido da cabeça. Quando as duas começaram a namorar e rumores sobre a promiscuidade de Danielle começaram a circular pela escola, elas haviam sido rotuladas como As Irmãs Fine. O apelido não seria um problema, se fosse apenas por conta do sobrenome—mas na verdade o *Fine* era utilizado de outra maneira. Fine, em inglês, poderia ser entendido como *sexy*. Chloe nunca aceitara o apelido, pois sabia que nunca fora vista como alguém *sexy* no ensino médio. Não que ela soubesse, pelo menos.

Chloe mal se lembrava daquele homem, mas Danielle já estava o abraçando. Chloe deu um passo atrás e fingiu encontrar algo interessante no corredor que levava ao ponto central da reunião, apenas para evitar um cumprimento parecido.

Danielle juntou-se a ela, fixando sua *tag* na camiseta. Danielle nunca se sentira tímida ao mostrar sua beleza, e aquela noite não

era exceção. Mas Chloe estava feliz por ela. Sua irmã parecia feliz, nenhum pouco afetada pelos acontecimentos recentes com Sam e seu pai.

- Aquele é Malcolm não-sei-o-que, certo? – Chloe perguntou.

- Malcolm Price – Danielle respondeu. – Ele me chamou para sair no décimo ano, mas eu disse não.

- Que maldosa – Chloe disse.

As irmãs entraram na grande sala que era o local do encontro. Era um salão enorme, decorado para parecer um pavilhão rural. Havia banners da escola por todos os lados, assim como balões brancos e camuflados, as cores da escola. Havia um DJ no canto do salão, tocando naquele momento uma música de Justin Timberlake.

Os momentos seguintes passaram exatamente como Chloe esperava. Ela encontrou muitas pessoas com quem havia estudado, algumas que ela de fato ficou feliz em ver. Conversou com uma mulher de quem havia sido muito próxima no ensino fundamental e médio. A mulher havia se mudado para o Alabama e voltara à cidade somente para o encontro. Era o tipo de compromisso com as memórias do ensino médio que Chloe simplesmente não conseguia entender. Ainda assim, na primeira hora do evento, ela e Danielle acabaram se separando. Danielle estava falando com algumas pessoas com quem ela havia passado muito tempo durante os últimos anos da escola (uma delas, Chloe sabia que costumava levar cocaína e LSD para a escola), enquanto Chloe fez o possível para ter conversas superficiais com pessoas que, outrora, foram suas amigas.

Ela olhou para o relógio, completamente propensa a manter sua promessa de duas horas feita a Danielle. Quando viu que mais vinte minutos já tinham passado, foi até o bar para pegar seu terceiro drink da noite. Chloe e Danielle haviam reservado um quarto em um hotel ali perto, então se nenhuma das duas pudesse dirigir, elas só precisariam de uma carona de quinze minutos em um táxi até o hotel.

Quando começou a beber seu drink—rum e Coca—Chloe sentiu uma mão em seu ombro. Seus instintos de FBI quase o fizeram segurar a mão antes de se virar e ver quem era a pessoa. Ela conseguiu se controlar e simplesmente se virou.

Foi como se as provocações de Danielle tivessem ganhado vida. Atrás de Chloe, estava Jacob Koontz—o primeiro garoto que ela havia beijado na vida, o primeiro garoto a colocar as mãos em seus peitos, o primeiro garoto que a fizera chorar quando eles terminaram. E, em uma cruel reviravolta do destino, ele de certa forma parecia ainda mais bonito do que na escola. A idade aparecia, claro, mas havia o deixado melhor de certa maneira. No ensino médio, Koontz tinha um tipo de rosto que poderia estrelar um programa de TV familiar. Agora, no entanto, ele poderia estar na capa de uma revista de saúde masculina.

- Jacob – Chloe disse, claramente percebendo o sorriso aberto no rosto dele.

- Ei, Chloe – ele disse. – Tenho que dizer... eu não esperava que você viesse nisso aqui.

- Eu não pretendia vir. Mas acabei cedendo à vontade da minha irmã.

- Sim, eu vi Danielle quando entrei. Ela me apontou para você. Ela está linda – ele sorriu, aproximando-se. – E você também.

- Você também.

Jacob foi até o bar e pediu uma cerveja. Enquanto esperava, virou-se para Chloe e sorriu.

- Sabe, eu tentei te encontrar no Facebook algumas vezes, mas não consegui.

- É, eu não tenho Facebook. Muito público. Muita conversinha.

- Foi o que eu imaginei – ele disse. Depois, Jacob pegou sua cerveja e a levantou, sugerindo um brinde. – Bom te ver – ele disse.

Chloe tocou seu copo na garrafa dele.

- Bom te ver também.

- Então, o que você tem feito? – ele perguntou. – Eu sempre imaginei que você acabaria fazendo algo no direito. Advogada, juíza, algo assim.

- Não estou tão longe, acho – Chloe respondeu. – Estou no FBI. Jacob riu, mas se controlou rapidamente.

- Foi uma risada de surpresa – ele disse. – Não estou tirando sarro. Mas de fato... faz sentido. Você é tipo uma agente?

- Sim, sou uma agente. E você? O que você faz?

- Bom, eu *fui* dono de um negócio até meu divórcio, ano passado. Minha esposa me levou tudo. Então, nos últimos meses, tenho trabalhado como consultor de construções... principalmente para casas, mas para alguns estabelecimentos comerciais também.

- É, Danielle me falou sobre o divórcio. Sinto muito.

Jacob encolheu os ombros.

- Meio que já estava escrito desde o começo, eu acho. Enfim... no FBI... imagino que você esteja morando em Washington.

- Sim, e você?

- Perto de Baltimore.

E assim, Chloe encontrou-se conversando facilmente e naturalmente com um homem que havia roubado seu coração onze anos antes. Mas aquela década entre a época da escola e aquele momento parecia um abismo gigante. Era difícil para ela imaginar-se mais jovem, conversando com Jacob. Na época, eles haviam combinado de uma maneira que fizera os dois pensarem que haviam sido feitos um para o outro, que ficariam muito tempo juntos. Chloe sentia falta de um amor ingênuo como aquele, mas não de ser alguém que acreditava tanto em tudo.

Eles conversaram no bar por quase vinte minutos, contando sobre a vida e falando sobre acontecimentos recentes, cultura pop e compartilhando memórias do tempo da escola—muitas delas envolvendo o período em que namoraram. Quando os dois começaram a ficar verdadeiramente confortáveis, Chloe viu Danielle caminhando pelo salão, com direção ao outro lado do bar. Ela fez um gesto sarcástico para Chloe antes de olhar para um relógio imaginário em seu pulso e encolher os ombros. Chloe virou os olhos, mas não conseguiu esconder seu sorriso.

Ao desviar o olhar de Danielle, ela viu uma mulher sentada sozinha, no pequeno *lounge* no salão. Chloe mal podia lembrar dela do ensino médio. Ela achava que o nome dela era Tasha, ou algo do tipo. Ela parecia muito desconfortável, como se não quisesse estar ali. Aquilo quase fez Chloe sentir-se culpada por ter mudado de humor tão rapidamente.

- Você está bem? – Jacob perguntou. – Você parece estar longe daqui.

- Sim, estou bem. É que é demais, ver todo esse pessoal da escola e—

O nome dela é Tasha Haskins, Chloe pensou de repente. Ela nunca se bem com ninguém e nunca tentou. E está fazendo o mesmo agora. Olhando todo mundo de longe, imaginando como está a vida de cada um. Talvez... talvez eu tenha visto alguém como ela nos últimos dias...

- Chloe?

Um pensamento tomou conta de sua mente. Chloe lutou para escapar dele, precisando lidar com o álcool dos três drinks que já tinha tomado.

- Estou bem – ela disse, sem ter certeza de que estava. – Jacob, eu odeio dizer isso... mas acho que preciso ir.

- Foi exagerado? Eu vir até você e agir como se não tivessem se passado dez anos?

- Não, não... não é isso. É algo do trabalho e...

Chloe parou e pegou um guardanapo no bar. Ela pegou uma caneta do bartender e escreveu um número no guardanapo. – Aqui está a prova de que eu não estou simplesmente escapando. Espere alguns dias e me ligue. Eu gostaria de te ver.

- Eu também – Jacob disse.

Chloe o abraçou, com seus olhos já buscando Danielle em meio a multidão. Ela encontrou sua irmã e interrompeu o abraço, dando o último adeus a Jacob. Foi mais difícil do que deveria se afastar dele, especialmente com a imagem de Moulton no fundo de sua mente. Chloe se aproximou de Danielle, que estava dançando estranhamente com outras mulheres uma música pop ruim, que ela *sabia* que Danielle odiava.

- Você parece preocupada – Danielle disse. – Está tudo bem?

- Não sei. Danielle, eu acabei de pensar em algo e... bom, você vai me odiar, mas nós precisamos ir.

- Ainda não passaram duas horas – Danielle disse, em um tom decepcionado.

- Eu sei. Eu juro... Danielle, é importante. Acho que nós podemos ter feito algo errado no caso de Barnes Point e eu preciso voltar para o Washington o mais rápido possível.

- Cara... você está falando sério, né?

- Quanto você bebeu? Você pode dirigir?
- Duas cervejas. Pouco. Posso dirigir.

Chloe sabia que aquilo era uma irresponsabilidade, especialmente por conta de sua profissão, mas ela não tinha outra escolha.

- Obrigada – ela disse. – Danielle, sério... eu te devo uma.

Danielle despediu-se de algumas pessoas e, para felicidade de Chloe, não pareceu estar chateada por ir embora. Na verdade, ela percebeu que Danielle estava animada para levar sua irmã, uma agente do FBI, de volta para casa para que ela pudesse lidar com um caso.

Quando Danielle saiu do estacionamento, tomando um gole da água que havia pegado no bar antes de sair, Chloe pegou seu celular. Ela ligou para Rhodes, sentindo-se mal por estar ligando às nove da noite de um sábado. Quando Rhodes atendeu, ela parecia entediada, mas ainda assim feliz por ouvir Chloe.

- Desculpe por incomodar tão tarde num sábado, mas eu acho que nós precisamos nos encontrar. Acho que precisamos voltar a Barnes Point.

- Para que?

Chloe contou seus pensamentos a Rhodes, que pareceu convencida, quase animada no momento em que a ligação terminou. Depois, Chloe imediatamente fez mais uma ligação, sem esperar que alguém atendesse, mas esperando o melhor. A ligação foi atendida na terceira chamada. Quando a pessoa do outro lado da linha atendeu, a voz dele foi quase totalmente abafada por um som alto e estridente.

- Scott? É a Agente Fine. Pelo som, você está trabalhando.

- Sim. O que posso fazer por você?

- Existe alguma chance de nos encontrarmos no seu estúdio? Quero olhar o vídeo do encontro mais uma vez.

- Me dê uma hora. Tenho um reserva que pode me substituir.

Chloe agradeceu e encerrou a ligação. Ela olhou para a estrada, depois para sua irmã.

- Você tem certeza que está sóbria? – Chloe perguntou.

- Se não estava antes, estou agora. Ouvir você no telefone falando essas coisas é animador. Me sinto como uma ajudante.

- É isso mesmo que você é. Mas como ajudante, sua parceira é uma Agente do FBI. Isso significa que você pode ir mais rápido.

Danielle sorriu e fez o que lhe foi pedido. Com o encontro já no passado em sua mente, acelerou em direção a Washington enquanto Chloe pensava no caso, perguntando-se como ela e Rhodes poderiam ter deixado passar algo tão óbvio.

CAPÍTULO VINTE E SEUS

Scott Lambast parecia estar se sentindo exatamente como Danielle: animado e ansioso para ajudar no caso, como fosse possível. Quando Chloe e Rhodes apareceram na casa dele perto da meia-noite, ele já havia arrumado o estúdio e ligado a filmagem. Ele havia pausado na cena onde Jason Morton podia ser visto encostado na parede, como se esperasse pela saída de Lauren Hilyard.

- Imaginei que fosse isso que você iria querer ver – Scott disse.

- Bom palpite – Chloe disse, - mas eu preciso que você volte um pouco mais.

Scott fez o que lhe foi pedido e retrocedeu a filmagem. Ele levou vinte segundos para parar onde Chloe queria.

- Bem aí – ela disse, dando um passo à frente e apontando para a câmera—para uma mulher solitária no bar.

- Você disse que o nome dela era Melanie, certo? – Rhodes perguntou.

- Sim – Scott respondeu. – Mas não sei o sobrenome. Posso parecer meio idiota, mas nunca dei muita bola para ela na escola.

Pois é, ninguém deu, Chloe pensou.

Chloe assistiu Melanie durante vários minutos. Ela passou muito tempo olhando dolorosamente na direção de vários grupos diferentes. Mas seus olhos estavam mais vidrados em Lauren. Mesmo quando Lauren se separou de seu grupo de melhores amigas, como Tabby e Kaitlin, Melanie pareceu segui-la.

- Adiante um pouco – Chloe disse.

Scott acelerou a cena, e Chloe manteve seus olhos em Melanie. Ela ficou naquela parte do salão, como se estivesse utilizando o bar como uma espécie de base. Ela não bebeu muito. Pelo que Chloe pode ver, só tomou dois drinks durante o tempo todo. Quando Melanie finalmente saiu do bar e caminhou pelo salão, Chloe colocou uma mão no ombro de Scott.

- Pare bem aí.

A tela voltou à velocidade normal e Melanie pareceu caminhar na direção de Lauren e de outra mulher. Ela caminhou até metade do

salão e então parou. Pareceu pensar em algo por um momento, antes de se virar e voltar para os fundos do salão, em direção ao banheiro. Quando entrou no banheiro feminino, ficou lá por algum tempo. Oito minutos se passaram, alguém se aproximou e falou rapidamente com ela. Mas claramente Melanie não estava interessada em conversar.

Depois de alguns minutos, ela voltou a olhar para a multidão. Ela olhava com atenção, de um jeito que fazia parecer que fazia aquilo durante toda sua vida.

- Você consegue fazer uma captura da tela? – Chloe perguntou.

- O máximo que posso fazer é salvar uma imagem em JPEG.

- Já vai ajudar.

Enquanto Scott trabalhava, Rhodes e Chloe juntaram-se nos fundos do estúdio. Rhodes olhou uma última vez para a tela, onde Scott havia novamente pausado o vídeo.

- Eu sei que é um tiro no escuro – Chloe disse, - mas faz sentido, não faz? A garota que nunca teve atenção de ninguém na escola. Invejando a garota popular. Rhodes, você viu como ela ficou olhando de propósito para Lauren naquele vídeo?

- Sim. Foi meio assustador.

- Temos que falar com ela. E mesmo que ela não fizer nada além de nos contar mais histórias terríveis sobre como Lauren Hilyard tratava as pessoas na escola, acho que alguém tão atraído por ela pode ou nos dar mais motivos para acreditar que Morton é o assassino, ou razões para inocentá-lo.

- Mas você não acha mais que Jason é o culpado?

- Não sei. O jeito que ele mantinha aquelas fotos... era muito triste e pervertido, mas não tinha nada que sugerisse que ele queria vê-la machucada. Ele via ela como um objeto olhando aquelas fotos, sim, mas...

- Mas um homem que a quisesse morta não apreciaria o corpo dela daquele jeito.

Chloe assentiu. Aquele fato não havia feito sentido desde o início, quando elas prenderam Jason Morton. Ele não parecia combinar com o perfil que ela havia desenhado em sua mente.

- Tenho sua foto impressa – Scott disse. – Mas se você não se importar, posso perguntar como vocês vão encontrá-la baseadas só

nessa foto?

Era uma boa pergunta, mas Chloe tinha algumas ideias.

O Nelly's estava lotando quando Rhodes estacionou o carro no estacionamento cheio. Mesmo antes de saírem do carro, elas ouviram o som do baixo vindo do bar. Chloe e Rhodes trocaram um olhar de desgosto antes de sair do carro.

Chloe avaliou o local, um pouco surpresa ao vê-lo tão cheio. Ela começou a procurar pessoas que pareciam estar entre os vinte e oito e trinta anos, mas logo percebeu que a tarefa seria mais difícil do que deveria. Percebeu que o melhor a fazer seria ir até o especialista. Chloe caminhou diretamente até o bar e viu o bartender que estivera ali quando ela e Rhodes havia encontrado Sebastian Fallen.

- Ei – o bartender disse, com medo. – Não quero mais confusão aqui.

- Nós também não – Chloe disse. – Você sabe quem é Lauren Hilyard?

- Sim. Ela foi morta duas semanas atrás, certo? Era casada com Jerry Hilyard. As pessoas ainda falam de como ela era linda na época da escola.

- Isso mesmo. Você pode nos apontar alguém daqui que pode ter se formado junto com ela?

- Bom, essa é fácil. – Ele apontou com a cabeça para um canto do bar, para uma pequena mesa onde um homem estava sentado sozinho. Era um homem que Chloe reconheceu—alguém que ela tinha visto muito recentemente, na verdade.

Jerry Hilyard parecia estar prestes a cair de sua cadeira. Suas duas mãos estavam segurando uma caneca de cerveja, e ele estava olhando para dentro dela, como se houvesse algo para ser lido lá dentro.

- Faz quanto tempo que ele está aqui? – Rhodes perguntou.

- Bastante. Pelo menos desde as nove. Algumas pessoas falaram com ele, foram educadas. Ofereceram condolências e tal. Mas ele claramente só quer ficar sozinho, sabe? Ele entrou, pediu a primeira

cerveja, e pediu para deixar a conta aberta... e para nunca ficar com o copo vazio até ir embora. Eu disse a ele que faria isso, mas que ele teria que deixar as chaves do carro comigo. Ele fez isso, e eu vou chamar um táxi quando ele quiser ir.

- Quantas ele já tomou?

O bartender encolheu os ombros.

- Não sei ao certo. Oito? Talvez nove.

Chloe agradeceu o bartender e vagarosamente caminhou em direção a Jerry. Rhodes a seguiu.

Chloe parou à frente da mesa e sentou-se na cadeira em frente a ele. Jerry olhou para ela e levou alguns segundos para reconhecê-la. Ele assentiu, como se ela tivesse dito algo, e então olhou em volta.

- Não é meu melhor momento – ele disse. Suas palavras foram lentas, com cada letra sendo pronunciada com cuidado. – Eu queria ver pessoas... mas todo mundo aqui só sabe me dizer que sente muito.

- Senhor Hilyard, você está bem?

Chloe precisou subir o tom de voz para ser ouvida em meio a música. Ela odiou a si mesma por reconhecer a canção: Fast as You, de Dwight Yoakam.

- Sim – Jerry disse. – Nenhum dos meus filhos quer voltar para casa. Mesmo depois do velório... eles não querem nada comigo. Os pais de Lauren acham que esse lugar vai trazer muita dor para eles agora. Mas eles nunca perguntam como eu estou. Aqueles babacas devem estar felizes por ela estar morta, só porque agora ela não vai mais ficar comigo.

Percebendo que aquilo poderia se tornar um momento desagradável, Chloe foi direto ao ponto. Ela tinha pena daquele homem, mas precisava confiar que o bartender com as chaves dele faria a coisa certa quando chegasse a hora.

- Senhor Hilyard, eu quero que você veja uma foto e me diga se você sabe quem é essa pessoa. Eu acredito que ela pode ter se formado com você.

Ela entregou a foto para ele e o viu analisá-la—talvez tentando focar em apenas uma versão da foto, e não nas duas ou três que seus olhos embriagados poderiam estar vendo.

- Sim, é a Melanie. Melanie Paschiutto. – Ele então fez um som de *pfff* com os lábios e deu um tapa na foto. – Ou, como todo mundo a chamava na escola, Melanie *Pashit-o*. Acho que ela tem que agradecer minha esposa por esse apelido. Foi uma das contribuições dela na época do ensino médio.

- Então Lauren a conhecia? – Chloe perguntou.

- Sim, conhecia. Fez da vida dessa garota um inferno na escola. Você já viu aquele filme *Carrie*? Aquele velho, não o *remake*. Carrie tem sua primeira menstruação no banho e as garotas começam a jogar absorventes nela. Esse é o tipo de coisa que Lauren fazia com ela.

- Você sabe por que?

- Além dela ser um capeta em pessoa? – ele franziu a testa e soluçou. Para manter-se bem, Jerry tomou um gole de sua cerveja. A caneca já estava quase vazia, e o fez olhar para o bartender. – Ela não era assim quando nós nos casamos. Ela engravidou e eu acho que ela entendeu... começou a se arrepender por ser tão má com todo mundo na escola. Não sei... acho que ela ainda atormentava a vida das pessoas nas conversas com Claire na varanda ou nos chás e lanches com Tabby e Kaitlin.

- Você sabe *por que* Lauren era tão má para essa mulher?

- Porque ela não era bonita. Ela era estranha. Um pouco acima do peso. Tinha espinhas. Roupa feias. Não era só a Lauren. Todo mundo tirava sarro dela. Lauren era só meio que a líder.

E ela decidiu ir ao encontro da turma? Chloe pensou. *Para quê?*

Mas ela estava começando a imaginar que sabia exatamente o motivo.

- Você por acaso sabe onde ela mora? – Chloe perguntou.

- Melanie? Não. Acho que não troquei uma palavra com ela desde o ensino médio. Acho que ela foi para uma universidade comunitária, mas nunca falei com ela depois da formatura. Cara... acho que nunca falei com ela nem na escola.

- Bom, obrigada pelo seu tempo – Chloe disse. Ela levantou-se da cadeira e viu que Rhodes estava olhando para Jerry Hilyard com o coração partido. Chloe virou-se para ele e perguntou:

- Você quer uma carona para casa?

Jerry pensou por um momento e então balançou a cabeça.

- Não. Sei que estou bêbado, mas tudo bem. Melhor isso do que a dor que tenho sentido nas últimas semanas. Tudo bem. – Ele sorriu, um sorriso que quase fez Chloe chorar. – É como um entorpecente. Não estou nem aí para nada. Só quero beber até apagar.

Ele olhou novamente para sua cerveja antes de dar o último gole e mostrar o copo vazio para o bartender. Chloe quase tentou convencê-lo novamente a ir embora. No caminho até a saída, ela passou pelo bartender para Jerry havia pedido a cerveja.

- Cuide dele – ela disse.

O bartender apenas assentiu, indicando que havia basicamente aceitado aquela responsabilidade desde que o pobre homem entrara no bar. Chloe sentiu-se um pouco melhor com aquilo, mas ao sair do bar, percebeu que, mesmo determinada a encontrar algo novo no caso, o estado de Jerry Hilyard a afetara profundamente.

Ela estava incrivelmente triste, mas ao mesmo tempo, mais determinada do que nunca para encontrar o assassino da esposa dele.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Eram três da manhã quando Chloe e Rhodes conseguiram o endereço de Melanie Paschuitto. A delegacia de Barnes Point estava quase vazia àquela hora, com a maioria dos agentes em serviço espalhados pelas ruas para flagrar motoristas bêbados.

Ao invés de irem até Melanie em um horário tão peculiar, elas optaram por pegar um quarto em um hotel. Chloe pegou no sono por volta de 3:45, apagando tão logo sua cabeça encostou no travesseiro. Seu sono foi tão profundo que ela não chegou a sonhar com nada. No entanto, havia algo em sua mente, em seu subconsciente.

Era um pensamento em Jacob Koontz, parado ao lado de Kyle Moulton. Era seu passado, que havia ficado para trás, e algo que Chloe pensava que poderia ser seu futuro, mas que também havia ficado. Com aquela imagem em mente, ela não pode deixar de imaginar qual dos dois—passado ou futuro—seria mais significativa.

O alarme tocou às sete da manhã. Chloe e Rhodes arrumaram-se para o dia de trabalho. Com os dentes escovados, e de certa forma recarregadas pelas três horas de sono, elas saíram do hotel. Quieta e serena, Barnes Point oferecia uma vista típica das manhãs de domingo. Chloe perguntou-se se Lauren Hilyard teria experimentado aquela sensação no último dia de sua vida, ou se havia perdido aquele momento, talvez por conta da ressaca.

Quando entraram no carro, Chloe ligou para o xerife Jenkins e contou a ele onde elas estavam indo e sobre as suspeitas que ela tinha. Jenkins ofereceu ajuda, e disse que Jason Morton havia se recusado a admitir o crime. A falta de evidências, naquele momento, apontava não só para a liberação dele, mas também para sua inocência.

Chloe dirigiu até os limites de Barnes Point, pegando uma estrada de duas pistas perfeitamente rodeada por árvores que pareciam nunca acabar. Havia algumas casas em meio à floresta, quase

impossíveis de se ver da estrada. Após andarem cerca de dez quilômetros no mesmo cenário, elas chegaram ao suposto endereço de Melanie Paschiutto. Havia apenas um carro estacionado na calçada. Um balanço velho e um triciclo indicavam que pelo menos uma criança morava na casa.

Elas caminharam até a porta frontal, e Chloe bateu devagar. Ao longe, em algum lugar em meio às árvores, os pássaros cantavam. Chloe sentiu que elas estavam no meio do nada, com a realidade da morte de Lauren Hilyard do outro lado do mundo.

Alguns passos rápidos foram ouvidos em direção à porta, que abriu-se devagar, revelando metade de um rosto. Uma pequena garota, de cerca de oito anos, olhou para Chloe e Rhodes. Quando a menina percebeu que não conhecia aquelas mulheres, deu um passo atrás e olhou para trás.

- Sua mãe está em casa? – Chloe perguntou.

A menina assentiu e gritou:

- Mãe! Tem duas mulheres na porta!

Feito o anúncio, ela correu de volta para dentro da casa, deixando a porta aberta. Em alguns segundos, uma mulher apareceu. Ela estava mexendo em seu brinco quando se aproximou da porta.

- Posso ajudar? – A mulher perguntou, finalmente conseguindo colocar o brinco.

- Você é Melanie Paschiutto? – Chloe perguntou.

- Sim, sou eu. – Ela olhou para as duas um pouco cética. Chloe analisou a reação da mulher, certa de que havia uma ponta de receio nela.

- Você tem um minuto para conversar? – Chloe perguntou. Ela mostrou seu distintivo, novamente analisando a reação de Melanie. A mulher parecia estar desinteressada na conversa.

- FBI? O que foi?

- Estamos investigando o assassinato de Lauren Hilyard – ela disse. Depois, faltando só um pouco com a verdade, acrescentou: - Estamos visitando todo mundo que foi ao encontro da turma do ensino médio, duas semanas atrás, atrás de algumas respostas.

Chloe pensou ter visto uma pequena reação na expressão de Melanie. Susto? Precaução? Por um momento, ela pareceu ser uma

mulher que havia chutado um cepo velho e encontrado uma cobra.

- Tudo bem – ela disse. – Mas tem que ser rápido. Eu e minha filha estamos nos arrumando para ir à igreja.

- Claro – Chloe disse quando Melanie os convidou para entrar. – Vai levar só um minuto.

Antes mesmo que Melanie fechasse a porta, ela começou a falar. E ela falava rápido, deixando claro que estava com pressa e queria que as agentes saíssem de sua casa o mais rápido possível.

- Então, o que vocês estão procurando? – ela perguntou.

- Bom, estamos conversando com todo mundo que estava lá, tentando descobrir se tem algo que alguém viu ou escutou naquela noite que possa ser uma pista de quem alguém queria ver Lauren morta.

As três estavam paradas no hall. Aparentemente, Melanie não as convidaria para entrar. Chloe olhou em volta da casa: sala à direita, sala de jantar logo depois, corredor à frente. A filha de Melanie estava no corredor, entrando no banheiro.

- Não lembro de muita coisa – ela disse. – Lauren era... bom, ela não era muito legal comigo na escola. Então, sinceramente, não prestei muita atenção nela naquele encontro.

Mentira número um, Chloe pensou.

- Você ficou com algum grupo naquela noite? Alguém com quem você conversou?

- Não. Eu meio que fui de grupo em grupo. Várias conversinhas, mas nada muito interessante.

Mentira número dois. Por que ela mentiria sobre isso?

- Senhora Paschiutto, quais são suas lembranças de Lauren Hilyard da época do ensino médio? Como você a definiria?

Melanie levou um momento para responder. Quando ela falou, sua filha começou a cantar atrás dela. Ela estava escovando os dentes no banheiro, de olho no que estava acontecendo no hall.

- Ela era deplorável – Melanie disse, com um tom venenoso, como se tivesse falando sobre um crime desumano ao invés de um ser humano. – Eu ousou dizer que ela era perversa. Má com todo mundo que não era do grupinho dela. Ela... era o tipo de garota que eu evitava de toda maneira.

Melanie disse tudo aquilo com uma expressão estranha de orgulho no rosto. Mas o olhar de precaução continuava nela.

- Você acha que ela era má na época da escola a ponto de alguém usar isso como razão para matá-la vinte anos depois? – Chloe perguntou. – Talvez algo veio à tona no encontro?

Se Melanie parecia ter descoberto uma cobra no cepo momentos antes, agora parecia que a cobra havia a atacado. Seus olhos se arregalaram por um momento, e ela deu um passo atrás. No entanto, rapidamente se recompôs. Mesmo assim, aquele momento era o que Chloe estava esperando ver.

- Não sei. É difícil de pensar, mas... bem, novamente, ela fez coisas muito maldosas na escola.

- Tipo o que?

Melanie pensou por um momento e então balançou a cabeça.

- Eu sinto muito – ela disse. – Mas já estamos atrasadas. Eu gosto de chegar cedo com a Aubrey aos domingos, a missa começa às oito e meia e nós já estamos atrasadas.

- Claro, claro – Chloe disse.

- Você pode nos ligar se pensar em algo a mais? – Rhodes perguntou, entregando um cartão a Melanie.

- Claro – Melanie disse, claramente aliviada.

- Senhora Paschiutto, me desculpe – Chloe disse. – Eu sei que não parece profissional, mas posso usar seu banheiro?

Ainda parecendo aliviada, Melanie respondeu imediatamente:

- Sem problemas – ela disse. – Ali no fim do corredor e... Aubrey! Você pode sair um pouco para que a moça possa usar o banheiro?

Aubrey fez o que lhe foi pedido. Ela sorriu para Chloe e saiu do banheiro.

- Muito obrigada – Chloe disse.

Ao seguir até o banheiro, diretamente em frente, Chloe esperou que Rhodes entendesse o que ela estava fazendo. Em poucos segundos, ficou claro que ela havia entendido. Rhodes começou a conversar com Melanie—conversa boba, sobre como bom e calmo devia ser morar entre as árvores.

Chloe foi até o banheiro e virou-se para ver que Rhodes já havia se posicionado de maneira a deixar Melanie de costas para Chloe.

Aubrey, por sua vez, já havia desaparecido pela casa, provavelmente indo para a cozinha.

Chloe rapidamente foi até a sala. Ela olhou em volta, mas encontrou um lugar absolutamente bem cuidado. Havia uma Bíblia na mesa de café e filmes infantis estavam em cima da televisão velha. Chloe saiu dali rapidamente e voltou ao corredor. Ao fazer isso, quase bateu de frente com Aubrey. A menina fez um gesto de desculpas, e Chloe respondeu com o mesmo. Claramente a menina não gostava muito de falar, então Chloe também não disse nada. Ela continuou caminhando e entrou na primeira porta que encontrou no corredor.

Entrou no que claramente era o quarto de Melanie, que não estava nem de perto tão limpo como a sala. Havia algumas roupas sujas e alguns livros jogados no chão. Chloe começou a procurar algo pela cabeceira. E foi ali, passando pelos livros, que ela parou.

Chloe viu a capa de um dos livros no chão. Estava usado, e claramente já tinha sido muito folheado. Era um livro fino, com uma capa brilhante. O título dizia: **Barnes Point High School – 1999-2000.**

Claro... havia a chance do livro estar ali por conta de uma nostalgia causada pelo encontro da turma. Mesmo assim, Chloe achou aquilo estranho. Ela pegou o livro do chão e o abriu. A primeira coisa que percebeu é que quase ninguém havia assinado o livro de Melanie. Havia apenas alguns autógrafos e mensagens dentro dele, a maioria de professores.

Ela rapidamente folheou o livro, encontrando a turma de formandos. Encontrou a foto de Lauren Hilyard e não ficou surpresa ao encontrar chifres de diabo desenhados em sua cabeça. Acima de seu nome, a palavra **vadia** havia sido escrita. Chloe folheou o restante do livro e viu Lauren novamente, posada com um garoto em uma foto com a legenda *A mais popular*. Na foto, algumas letras X haviam sido desenhadas nos olhos de Lauren, com tanta força que o papel estava quase rasgado. A palavra **IDIOTA** estava escrita na camiseta dela.

Ao chegar ao fim do livro, Chloe viu algo cair no chão. Era um envelope, sem lacre, cheio de recortes de jornais. Chloe olhou e

encontrou quatro recortes. Todos eram de um jornal local, e todos sobre a morte de Lauren.

Um arrepio tomou conta da espinha de Chloe quando ela olhou para o chão e viu mais livros. Havia algumas ficções, mas também mais dois livros de turma, ambos de salas de anos anteriores da escola de Barnes Point. Ela encontrou fotos de Lauren em todos eles. Assim como no livro dos formandos, as fotos de Lauren haviam sido desfiguradas. No livro dos calouros, cada menção ou foto de Lauren fora riscada com a mesma palavra: *morra, morra, morra...*

Chloe carregou os livros e os recortes de jornal para fora do quarto e voltou para o corredor. Rhodes a viu e o olhar de Melanie a seguiu. Ao ver os livros nas mãos de Chloe, o rosto de Melanie ficou extremamente pálido. Por um momento, Chloe temeu que a mulher fosse desmaiar.

- Vou entrar no meu quarto – ela disse, sem graça.

- Sim. E alguma das coisas nesses livros aqui... não são exatamente do feitio de quem está se arrumando para ir à igreja.

- Você invadiu minha privacidade... – Melanie disse. Seus olhos estavam perdidos e seus lábios começaram a tremer, como se ela estivesse pensando em algo para dizer.

- Senhora Paschiutto, nós vimos a filmagem do encontro – Chloe disse. – Você ficou olhando para Lauren Hilyard quase o tempo todo. E baseado nas informações que recebemos recentemente, sabemos que ela fazia muito mal para você na escola... ela fazia *bullying*.

- Fazia. E... mas...

- Dói ser deixada de lado – Chloe disse. – Dói mais ainda quando quem te deixa de lado te ataca por não ser como eles. É ruim não fazer parte do grupo... ser ignorada, certo?

Melanie fez um movimento estranho com a cabeça, como se estivesse tentando concordar e dizer não ao mesmo tempo. Lágrimas surgiram em seus olhos. Lágrimas que, juntamente com o sorriso de raiva que apareceu em seu rosto, tornaram-se aterrorizantes.

- Sempre fui ignorada – ela disse, murmurando. – Por Lauren Hilyard e suas amigas vacas. Pelo meu próprio marido, quando ele

dormia com todas as outras mulheres da cidade, e me deixava cuidando dessa menininha sozinha. Uma menina linda que está sofrendo as mesmas coisas que eu. Sofrendo *bullying* e sendo ignorada. Um merdinha colocou pudim na cadeira dela esses dias. Tem um outro que fica beliscando ela e...

- Senhora Paschiutto – Rhodes disse devagar e calmamente. - Tem algo que você precisa nos contar?

Melanie começou a respirar mais forte, encostada na parede.

- Nunca acaba – ela disse. – Fica na cabeça e arruína sua vida... e aquela vaca com a vida perfeita. Bonita, com dinheiro, um marido lindo que a amava, amigas... e nem uma ponta de arrependimento por toda a maldade que fez na escola.

Chloe sentiu-se tensa. Ver e ouvir Melanie Paschiutto naquele momento era como estar em frente a uma chaleira prestes a ferver. A diferença, para ela, é que algo muito pior do que água quente sairia dali.

- Senhora Paschiutto, você pode—

- Ela mereceu! Ela mereceu e eu me senti... ah, Deus me ajude...

Melanie soltou um gemido ao se afastar rapidamente da parede. Ela atacou Chloe rapidamente, jogando os braços para frente como se estivesse sendo atacada por abelhas, e tentou pegar os livros de turma da mão de Chloe. Um deles caiu no chão, mas quando Melanie tentou pegá-lo, Rhodes já havia o puxado de volta com o pé.

Chloe pensou em ajudar, mas percebeu que Rhodes já tinha tomado conta da situação. Quando pressionada contra a parede, Melanie desistiu. Ela caiu e começou a chorar quando Rhodes a algemou.

Um som vindo de trás fez Chloe virar-se. A pequena garota— Aubrey Paschiutto—estava parada ali, com uma mão na boca. Chloe percebeu que o olhar no rosto dela mostrava mais do que perplexidade. Aubrey estava entendendo algo, fazendo alguma conexão com a qual talvez sua pequenina cabeça não estava pronta para lidar.

- As rezas não adiantaram? – Aubrey perguntou. A voz dela estava fina e baixa. Ela parecia estar prestes a chorar.

- Como assim, querida? – Chloe perguntou.

- Não fale com ela! – Melanie gritou. – Não ouse...

- A mãe disse que tinha feito algo... algo errado. Um pecado grave. Nós rezamos para que Deus a perdoasse. Mas... vocês vieram atrás dela, então acho que as rezas não adiantaram.

Chloe não fazia ideia do que responder. Ela colocou a mão no ombro de Aubrey e a levou até a cozinha, longe da cena de sua mãe algemada.

- Ela é má? – Aubrey perguntou. – Ela estava certa? Ela fez algo muito mal?

- Sua mãe fez uma escolha muito errada – Chloe disse. Ela queria dizer algo a mais, mas não encontrou as palavras para explicar algo tão complicado para uma menina tão nova.

Então, pegou seu celular e telefonou para o xerife Jenkins, enquanto Melanie Paschiutto seguia gritando no hall.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Tudo o que aconteceu depois pareceu passar como um furacão. Ao finalizar os procedimentos com Jenkins em Barnes Point e então voltar para Washington, Chloe percebeu que estava mentalmente e fisicamente exausta. O habitual pico de adrenalina que ela sentia ao fazer uma conexão que solucionava um caso não estava presente. Aquele sentimento fora substituído por um outro, incerto. Mesmo tendo resolvido o caso, Chloe sentia que havia sido derrotada.

Talvez fosse a perda de Moulton. Ou talvez fosse saber que, por conta de seu bom trabalho, uma garotinha havia ficado sem sua mãe... algo que ela sabia muito bem como era.

Rhodes havia se oferecido para dirigir, aparentemente percebendo que Chloe não estava muito bem. Ela balançou a cabeça negativamente por cerca de dez minutos, e quando olhou para frente, parecia não saber ao certo onde estava.

- Você está bem? – Rhodes perguntou.

Chloe assentiu.

- Sim. Só tenho uma sensação estranha de que...

Seu telefone tocou, a interrompendo. Antes de pegá-lo do bolso, ela desejou que fosse Moulton, com boas notícias. Mas o nome de Johnson estava na tela. Chloe quase ignorou a chamada, mas não viu motivos para isso.

- Fine falando.

- Agente Fine, quero que você saiba que acabei de terminar uma ligação com o xerife Jenkins. Parece que você não me contou algumas coisas no seu relato informal quando você me ligou mais cedo.

- Acho que não – ela disse. – Vou escrever tudo quando chegar em casa, mas—

- Você é muito modesta, Fine. Aceite os créditos quando for o caso. Ele me contou sobre como vocês trabalharam com o DJ e editor de vídeos, vendo a filmagem do encontro da escola. Ele também me disse que vocês fizeram isso muito tarde ontem, ao invés de esperar. Se ele fosse solteiro e um pouco mais novo, eu

diria que Jenkins sente algo por você. Ele está totalmente nas nuvens com o jeito que você lidou com tudo.

- Obrigada, senhor – Chloe disse, repentinamente sem se sentir tão cansada.

- Antes de você começar a trabalhar amanhã, venha até minha sala para uma reunião comigo e com Garcia. Gostaríamos de falar sobre o caso e também conversar sobre o seu futuro.

Eles combinaram um horário para a reunião antes que Chloe encerrasse a ligação. Rhodes a olhou, mas não disse nada. Ela também estava muito cansada. E se ela fosse um pouco parecida com Chloe, talvez também estivesse preocupada com o fato de elas quase terem tomado uma decisão errada no caso ao prenderem Jason Morton, com a certeza de que ele era o assassino.

Mas após terem corrigido o erro, nada se comparava a como Chloe estava se sentindo pela pobre Aubrey Paschiutto, e por como o desfecho daquele caso impactaria na vida dela.

- Chloe?

Chloe abriu os olhos com seu coração disparado. Alguém havia dito seu nome. Alguém estava ali com ela. Levantou-se rapidamente, respirando fundo. Devagar, começou a entender que estava sonhando. Nada ruim, mas certamente não o melhor sonho do mundo.

Ela olhou para a porta do quarto e viu Danielle. Tonta por um segundo, Chloe pensou ter visto Aubrey Paschiutto no escuro. Mas eram apenas sombras na parede.

- Desculpe por te acordar – Danielle disse. – Mas você parecia perturbada. Eu sei que era só um sonho, mas mesmo assim... Você parecia mal.

Chloe respirou fundo. Ela olhou para seu criado-mudo e viu que eram 5:35

- Eu te acordei? – Chloe perguntou.

- Não exatamente. Não tenho dormido muito bem nos últimos dias. Chloe... tem algo na minha cabeça que eu preciso compartilhar com você.

- Agora? Cinco e meia da manhã?

- Sim. Acho que sim.

Chloe afastou as últimas lembranças do sonho de sua memória—um sonho onde Aubrey participara o tempo inteiro, caminhando ao lado dela ao levarem Melanie para a prisão... enquanto Chloe mostrava para Melanie as fotos do assassinato de Lauren Hilyard. Claro, nada tinha sido daquele jeito. O departamento de Assistência Social havia levado Aubrey até que algum familiar pudesse ficar com ela. Era um tio, pelo que Chloe sabia, e a menina estava com ele há três dias, desde a prisão de sua mãe.

- Tudo bem – Chloe disse. – Você pode fazer um café e me dar um tempo para me vestir?

- Sim. Mas se vista para sair. Quero levar você a um lugar.

- Danielle, o que...

Mas Danielle já havia saído pela porta e estava em outro lugar do apartamento. Chloe saiu da cama e foi até o banheiro, onde jogou água no rosto e escovou os dentes. Ao escovar, tentou entender como aqueles quinze minutos estranhos com Aubrey Paschiutto tinham lhe afetado tanto. Era por que ela tinha prendido a mãe da menina na frente dela? Por que Melanie havia insinuado que Aubrey também era vítima de *bullying*? Ou por que Aubrey havia dito que sua mãe havia confiado nela, dizendo-a que elas precisavam rezar por perdão por algo que ela tinha feito?

Chloe não sabia. Mas estava com medo de que a carinha de Aubrey a atormentasse por um bom tempo.

Chloe vestiu-se e caminhou até a cozinha, sentindo o cheiro do café. Danielle também havia colocado algumas torradas na torradeira. Ela estava colocando *cream cheese* nelas quando Chloe se aproximou.

- Quão longe nós vamos? – ela perguntou.

- Não muito. Reston.

- Você quer que eu vá com você até o seu apartamento? – Chloe perguntou.

- Algo do tipo.

Elas pegaram seus cafés e torradas e saíram, menos de vinte minutos depois de Chloe ter saído da cama. Nem chegaram a sentir o trânsito pesado que geralmente tomava conta das ruas de

Washington nas manhãs de quarta ao pegarem a estrada para Virginia.

- Esse caso mexeu com você, ein? – Danielle perguntou. Ela estava dirigindo, muito focada na estrada. Estava tensa, com a postura reta, como se estivesse esperando por algum desastre.

- O caso não. É que... o jeito que terminou. A maioria dos casos não acaba com vários tiros ou perseguições como mostram na TV. Eles só... *acabam*. E quando acaba, você repensa tudo. Mas dessa vez... a filha dessa mulher. Coitada. Eu não consigo imaginar o que vai ser da vida dela daqui para frente.

O que Chloe não disse, mas pensou, era: *Essa pobre garota não viu nada ainda. Tudo só vai piorar quando ela ficar mais velha e descobrir que sua mãe matou alguém brutalmente.*

Elas chegaram em frente ao apartamento de Danielle logo após às sete. Chloe percebeu que Danielle estava olhando em volta, talvez procurando algum sinal de Sam. Mas as ruas estavam quase em silêncio, apenas com algumas pessoas indo trabalhar e uma senhora caminhando com seu cachorro.

As irmãs subiram ao apartamento de Danielle. Quanto mais perto chegavam, mais devagar Danielle parecia caminhar.

- Eu não acho que ele vai aparecer de novo – Chloe disse, lembrando-se de seu encontro com Sam, vários dias antes.

- Eu sei. Mas... ele estava bem aqui, nessa porta, batendo nela como se fosse me matar. – Ela colocou a chave com força na fechadura e abriu a porta.

- Então, o que nós viemos buscar? – Chloe perguntou.

- Nada. Mas eu queria te mostrar algo. E eu já vou me desculpando. Eu deveria ter te mostrado há muito tempo. Mas... tenho vergonha de dizer que eu não queria.

- Ok, você sabe como fazer um suspense...

- Espere aí.

Danielle caminhou até seu quarto e Chloe sentou-se no sofá. Ela escutou Danielle se movendo pelo quarto, fazendo cada movimento com muito cuidado. Independentemente do que estava procurando, ela não estava feliz. A tensão em sua postura enquanto dirigia, a conversa fiada antes de ir até o quarto... ela estava muito nervosa.

Danielle voltou à sala com um livro em mãos. Parecia um caderno simples de anotações, um desses baratos, de tamanho padrão, com capa preta e branca. Danielle sentou-se no sofá e entregou o caderno a Chloe.

- O que é isso? – Chloe perguntou.

Danielle suspirou, sem conseguir olhar Chloe nos olhos ao responder.

- É o diário da mãe.

Por um segundo, Chloe sentiu-se como se alguém tivesse colocado uma bomba, e não um livro, em seu colo. Ela pegou o caderno e hesitou em abri-lo. Obviamente, ela precisava ver. Folheou as páginas, todas preenchidas com a letra de sua mãe.

- Faz quanto tempo que você tem isso? – Chloe perguntou.

- Desde sempre – Danielle disse, secando uma lágrima. – Lembra quando a polícia perguntou se tinha algo na casa que nós precisávamos? Eu pedi que eles trouxessem isso. Eu sabia onde ela deixava, porque eu vi ela guardando um dia.

- Você tem isso desde que ela morreu? – Chloe perguntou.

- Sim. E como eu disse, eu sinto mais do que você imagina. Só que... eu precisava de algo que era dela. E não queria compartilhar.

Chloe sabia que poderia ficar furiosa. Mas, na verdade, aquele momento foi triste. E além disso... agora ela tinha uma parte enorme de sua mãe em seu colo. Folheou algumas páginas e olhou para Danielle.

- E por que você está me mostrando isso agora?

- Quando você começou a trabalhar para livrar o pai, um ano atrás, eu quase te mostrei. Mas eu percebi que só iria te deixar com raiva. Mas agora que ele está fora da cadeia e tentando entrar de novo em nossas vidas como se nada tivesse acontecido, achei que você precisava ver isso.

Chloe abriu o caderno na primeira página e começou a ler, escaneando a página rapidamente. Parecia um momento privado, mas ela sabia que Danielle estava bem ao seu lado.

- Chloe, antes de você ler tudo, tem algo que você precisa saber. Eu sei que você nunca entendeu completamente porque eu odeio tanto ele. Um dos motivos é muito fácil de admitir agora que você está com esse diários nas mãos. Teve uma noite, cerca de um ano

antes dela morrer... que eu tive um pesadelo e entrei no quarto deles. Eu ia pular na cama e pedir colo, sabe? Mas eu entrei pela porta e ele estava estrangulando ela. Eles estavam em pé e ele tinha um olhar... um olhar louco que, naquela hora, fazia ele parecer um monstro. E os olhos da mãe estava arregalados, também. Ela estava desesperada. Mas ela me viu sobre os ombros do pai e ele percebeu. Ele me viu e a soltou na hora. Até hoje eu não sei o que aconteceu entre eles para ele ter feito aquilo. E nenhum dos dois conversou comigo sobre isso. Nunca. Eles fingiram que nada aconteceu.

Chloe encontrou-se querendo questionar a história... querendo acreditar que talvez Danielle estivesse meio dormindo e não tivesse entendido bem o que estava vendo. Mas dentro de sua mente, Chloe percebeu o quão ingênuo era a aquele pensamento. E a forma como Danielle tremia ao contar a história mostrava que ela não estava inventando nada.

Mais do que isso, Chloe lembrou-se de uma memória que já havia aparecido no passado. Uma ideia de que havia algo no passado que ela estava esquecendo—um motivo para que seu pai sempre tratasse Danielle de um jeito diferente. Talvez fosse o acontecimento desse dia?

- Você disse “um dos motivos” – Chloe disse. – Tem mais?

Danielle assentiu e apontou para o diário.

- Sim. E está tudo aí. – Ela levantou-se e olhou pela sala. – Vou pegar mais uma ou duas malas para o que eu espero que seja só um período na sua casa. Leia. E talvez em algumas páginas, você vai entender melhor porque eu nunca te mostrei.

Danielle voltou para seu quarto e fechou a porta. Chloe continuou ali, com o diário, com seus dedos tremendo ao abrir e começar a ler. A letra de sua mãe era linda e totalmente legível. Mas a caligrafia elegante foi rapidamente esquecida pelo conteúdo do diário.

Em apenas algumas linhas, Chloe viu-se querendo chorar. Mais um pouco, e ela queria visitar seu pai e fazer com ele o mesmo que havia feito com Sam, dias antes—talvez até pior.

Não é mais nem sexo o que a gente faz, e sim um jeito dele me controlar e me punir. Ele não aproveita o momento se não estiver

me machucando.

Ganhei cerca de três quilos durante o período de festas e ele está me chamando de gorda há uma semana. Diz que tem nojo de mim. Que meu corpo “está uma merda” desde que nós tivemos nossas filhas.

Não acho que ele queria me machucar da primeira vez. Acho mesmo que ele só perdeu o controle por um momento. Mas a segunda e a terceira vez foram intencionais. Tive que colocar muita maquiagem hoje. Chloe até comentou, perguntando se eu tinha esquecido de finalizar.

Chloe estava segurando o diário com força, com seus dentes pressionados e seu coração batendo forte no peito. Mas ela não conseguia parar de ler.

Tenho certeza que ele está me traindo. Ele chega em casa cheirando a perfume, mas só um pouco... como se já tivesse tentado tirar. E quando eu tento fazer sexo com ele, ele diz que está cansado ou que eu não estou bonita para deixá-lo com tesão. Ele já ameaçou me deixar se eu não emagrecer. Ele começou a pegar com violência nos meus peitos e nas minhas gordurinhas, me lembrando de como eu era.

Ele me bateu de novo hoje e eu desmaiei por um tempo. Ele pediu desculpas depois e saiu. Quando voltou, estava cheirando a cerveja e ao mesmo perfume.

Ele me estrangulou essa noite. Estávamos discutindo sobre dinheiro e sobre a escola das meninas. Eu falei sério, dei minha opinião, e ele me deu um tapa na cara. Antes que eu entendesse o que aconteceu, ele me empurrou contra a parede e me estrangulou. Disse que se eu o desrespeitasse de novo, ele me mataria. Disse que tinha algo melhor em vista, uma mulher melhor, uma vida melhor, e que eu precisava fazer que eu só estava dando motivos para que ele sumisse.

Chloe havia lido apenas nove páginas até então, mas começou a sentir uma dor em seu estômago. Ela largou o diário na mesa de Danielle e tentou se levantar. Mas suas pernas estavam tremendo. Seu corpo inteiro parecia estar fraco, até que uma onda surgiu dentro dela. Uma raiva repentina, que Chloe mal podia explicar.

Devagar, Danielle abriu a porta do quarto e olhou para Chloe.

- Você está bem?

- Não – ela disse, com muita raiva. – Danielle... você deveria ter me mostrado isso antes.

- Eu sei. Sinto muito e—

- Eu o ajudei a ficar livre... ele...

- Eu sei – Danielle disse.

Chloe finalmente conseguiu se levantar. Ela pegou o diário com jeito, como se fosse algo venenoso.

- Eu estava errada desde o começo – disse. – Minhas dúvidas... minhas esperanças de que ele era um homem bom. Tudo...

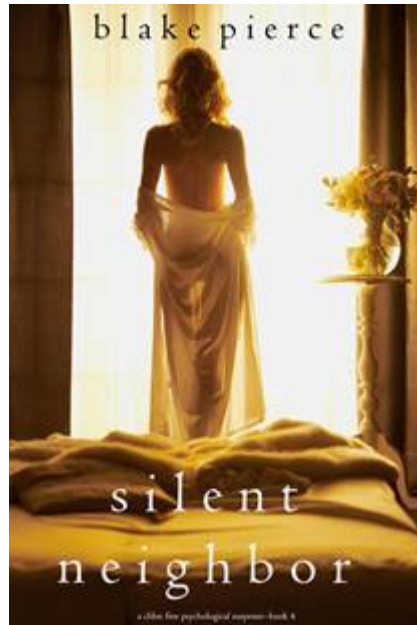
Então, tudo ficou claro. A lógica e a verdade. A verdade que ela não só havia negado durante toda sua vida, mas que recentemente havia ajudado a falsificar. Ao pensar nisso, Chloe falou em voz alta, escutando com atenção a cada palavra que saía de sua boca.

- Ele fez isso – ela disse. Seu tom de voz misturava raiva e confiança. – Foi ele, no fim. Ele matou nossa mãe.

Com aquele pensamento, outro veio à sua mente. Algo que ajudou a acalmá-la, a fazê-la pensar que a liberdade de seu pai poderia jogar a seu favor.

E agora esse otário está fora da cadeia. Então, se eu for atrás dele, não vai ter sistema penal ou cela que o proteja.

JÁ DISPONÍVEL EM PRÉ-VENDA!



VIZINHO SILENCIOSO

(UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE – LIVRO 4)

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre SEM PISTAS)

VIZINHO SILENCIOSO (Um Mistério Psicológico de Chloe Fine) é o quarto livro de uma nova série de suspenses psicológicos do autor best-sellers Blake Pierce, cujo sucesso número 1 *Once Gone* (baixe grátis) recebeu mais de 1.000 avaliações de cinco estrelas.

Quando uma nova moradora ostenta sua riqueza em um bairro do subúrbio, não demora muito para que ela seja assassinada. Seu estilo exibicionista pode ter incomodado seus vizinhos invejosos?

Ou existe um segredo mais profundo sobre a fortuna de seu marido?

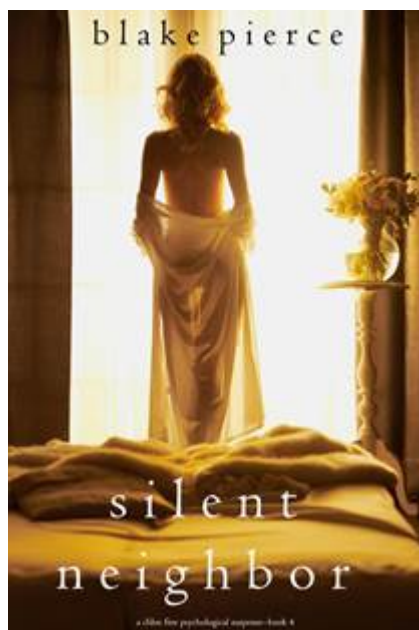
A Agente Especial do FBI Chloe Fine, aos 27 anos, encontra-se imersa no universo cheio de mentiras, fofocas e traições de uma cidade pequena, ao tentar separar as verdades das mentiras.

Mas qual será a verdade?

E ela conseguirá resolver esse caso enquanto lida com a saída de seu problemático pai da cadeia e com os problemas de sua irmã?

Um suspense psicológico repleto de emoção com personagens robustos, em um ambiente de cidade pequena e que acelera o coração, **VIZINHO SILENCIOSO** é o quarto livro de uma nova série fascinante, que vai fazer você ler páginas e páginas noite adentro.

O Livro 5 da série Chloe Fine estará disponível em breve.



VIZINHO SILENCIOSO
(UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE – LIVRO 4)

Você sabia que eu já escrevi várias histórias de suspense? Se você ainda não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download do primeiro livro de cada uma!



Blake Pierce

Blake Pierce é autor do *best-seller* RILEY PAGE, série de mistérios, que conta com quinze livros (e continua crescendo). Blake Pierce também é autor da série de mistérios MACKENZIE WHITE, de treze livros (que também continua crescendo); da série de mistérios AVERY BLACK, de seis livros, da série de mistérios KERI LOCKE, de cinco livros, da série de mistérios O INÍCIO DE RILEY PAIGE, de quatro livros (que continua crescendo); da série de mistérios KATE WISE, de cinco livros (que também segue crescendo); da série de suspense psicológico CHLOE FINE, de cinco livros (que segue crescendo); e da série de suspenses psicológicos JESSIE HUNT, de cinco livros, que continua crescendo.

SEM PISTAS, primeiro livro da série Riley Page, ANTES QUE ELE MATE, primeiro livro da série Mackenzie White, RAZÃO PARA MATAR, primeiro livro da série Avery Black, RASTRO DE MORTE, primeiro livro da série KERI LOCKE, e ALVOS A ABATER, primeiro livro da série O Início de Riley Paige, estão todos disponíveis para download gratuito na Google Play!

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de mistério e suspense, Blake ama ouvir opiniões. Então, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e manter-se em contato.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

A CASA PERFEITA (Livro #3)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

BECO SEM SAÍDA (Livro #3)

VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)

VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAHORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)